

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

ESTEPHANI LUANA RICHTER GEHRKE

O PARAGUAI NA IMPRENSA BRASILEIRA:
Um estudo sobre imaginário e preconceito

São Leopoldo
2020

ESTEPHANI LUANA RICHTER GEHRKE

**O PARAGUAI NA IMPRENSA BRASILEIRA:
Um estudo sobre imaginário e preconceito**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo, pelo Curso de Jornalismo da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Farias Duarte

São Leopoldo

2020

Aos meus pais, Vilmar e Marilei, por todo o amor e cuidado e a mim dedicados. Aos meus irmãos Dyefersson e Djeison por sempre estarem ao meu lado. À minha *nona* Eriniva, sempre me enchendo de carinho. Ao *nono* Ervino e à vó Olinda, que já não estão mais aqui, mas sempre torceram por mim.

AGRADECIMENTOS

É difícil vir aqui agradecer àqueles que me ajudaram a chegar até aqui. Me faltam palavras, mas me sobram nomes. São praticamente seis anos no curso de Jornalismo e agora, que já o estou finalizando, percebo o tanto de pessoas incríveis que passaram pela minha vida e muito contribuíram com o meu crescimento pessoal e profissional.

Começo então agradecendo ao meu Deus, que nunca me abandonou e desde 2015, quando comecei o curso de Jornalismo, ainda em Foz do Iguaçu, tem me dado forças para continuar. Se não fosse por Ele eu não teria aguentado tanto tempo sozinha e longe das pessoas que mais amo.

À minha família, que mesmo de longe, sempre me ajudou em tudo o que precisei e se fazendo presente. Saibam que, apesar da distância, eu sempre senti o carinho e amor de vocês por mim. Os breves momentos que estivemos juntos me deram forças para continuar.

Agradeço especialmente aos meus pais, que me incentivaram a ir atrás dos meus sonhos e sempre demonstram o quanto se orgulham de mim, mesmo com as minhas menores conquistas. Vocês são a minha base e meus exemplos de vida. Amo vocês mais que tudo nesse mundo. Espero algum dia poder retribuir tudo o que vocês já fizeram e seguem fazendo por mim.

A todos os professores que me instruíram nesses últimos anos. Desde aqueles que me ensinaram a amar o jornalismo ainda em Foz do Iguaçu. Assim também, todos os que tive a oportunidade de aprender nesses anos de Unisinos. Em especial, meu muito obrigada aos professores da Agexcom, Cybeli, Daniel, Luciana e Debora.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Antônio Farias Duarte, excelentíssimo *Nikão*. Não tenho palavras para agradecer por toda tua paciência comigo e sugestões sempre precisas. Obrigada por não me deixar desistir nos meus momentos de ansiedade.

A todos os meus amigos e colegas dos estágios pelos quais passei. Vocês foram peça chave para eu conseguir chegar até aqui. Obrigada por todos os momentos alegres e por me aguentarem nos mais difíceis.

“Mas estava escrito que o Paraguai não morreria. Com visão profética, o ministro estadunidense general Martin Mac Mahon contou em um magnífico poema: “Ressurgirás Paraguai”.

E o Paraguai ressurgiu. Como a ave Fênix da lenda, queimou na fogueira e renasceu de suas cinzas.”

(QUELL, 2008, p. 226. Tradução da autora)

RESUMO

Constantemente o Paraguai é pauta na imprensa brasileira. A forma como o jornalismo impresso e digital vem abordando as notícias sobre o país vizinho e como isso impacta a sociedade é o que está apresentado neste trabalho. Com base teórica fundada na história e no conceito de imaginário social, e recorrendo-se à Análise de Conteúdo como método investigativo, busca-se interpretar se a abordagem de representantes da mídia do Brasil sobre o Paraguai ao longo do tempo se vale de preconceitos e estereótipos. Para isso, analisam-se reportagens do *Paraguay Ilustrado*, *O Estado de S. Paulo*, *Zero Hora* e *Gazeta do Povo*, de forma cronológica, sobre cinco temas frequentes na imprensa. O percurso desenvolvido permite considerar que a presença do Paraguai na imprensa brasileira não é algo estável e muda conforme o tema da reportagem, atingindo de certa forma o imaginário social, seja de forma positiva ou negativa.

Palavras-chave: Jornalismo. Paraguai. Preconceito. Imaginário. Estereótipo

RESUMEN

Paraguay constantemente es pauta en la prensa brasileña. La forma como el periodismo impreso y digital viene tratando las noticias sobre el país vecino y el impacto de eso a la sociedad es lo que está presentado en este trabajo. Basada teóricamente en la historia y en el concepto de imaginario social, recorriendo al Análisis de Contenido como método de investigación, se buscó interpretar si el tratamiento de los representantes de los medios de comunicación del Brasil sobre el Paraguay a lo largo del tiempo se hace en preconcepciones y estereotipos. Para eso, se analizan reportajes del *Paraguay Ilustrado*, *O Estado de S. Paulo*, *Zero Hora* y *Gazeta do Povo*, cronológicamente, sobre cinco asuntos recurrentes en la prensa. El camino desarrollado admite considerar que la presencia de Paraguay en la prensa brasileña no es estable y cambia conforme el tema del reportaje, de cierta forma alcanzando al imaginario social, ya sea de manera positiva o negativa.

Palabras-llave: Periodismo. Paraguay. Preconcepción. Imaginario. Estereotipo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paraguay Ilustrado primeira edição.....	48
Figura 2 - Ilustração de Solano López na quarta página da segunda edição do Paraguay Ilustrado	50
Figura 3 - Ilustrações da terceira página, edição número sete.....	52
Figura 4 - Ilustração de López com Madame Lynch da terceira página da edição de número 11 com parte do texto que acompanha a imagem.	54
Figura 5 - Última ilustração da última edição publicada do Paraguay Ilustrado.....	55
Figura 6 - Parte da reportagem do Estadão sobre Itaipu do dia 27 de abril de 1973	58
Figura 7 - Centro da matéria do dia 30 de julho do ano 2000 da Zero Hora	60
Figura 8 - Abertura da reportagem da Zero Hora publicada no dia 10 de dezembro de 2008	63
Figura 9 - Parte final da reportagem da Gazeta do Povo sobre os apagões no Paraguai, publicada no dia 14 de setembro de 2011	64
Figura 10 - Gráficos da reportagem do dia 21 de agosto do Estadão	66
Figura 11 - Box com as reclamações de cada um dos sócios do Mercosul na Zero Hora do dia 19 de agosto 1999	70
Figura 12 - Parte da matéria do Estadão publicada em 21 de outubro de 2001	71
Figura 13 - Edição do dia 10 de setembro de 1989 do <i>Estadão</i>	77
Figura 14 - Box da reportagem especial da Zero Hora do dia 4 de setembro de 1999	79
Figura 15 - Abertura da Parte 1 da reportagem especial da Zero Hora publicada no dia 16 de novembro de 2008	82
Figura 16 - Reportagem do dia 21 de dezembro de 2009 da Gazeta do Povo	84
Figura 17 - Parte da reportagem da edição online da Zero Hora do dia 12 de abril de 2019	87
Figura 18 - Parte da reportagem da edição online da Zero Hora do dia 12 de abril de 1998	90
Figura 19 - Parte da reportagem do dia 3 de abril de 2005 da Zero Hora.....	92
Figura 20 - Reportagem da Gazeta do Povo do dia 10 de abril de 2010	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DA GRANDEZA À QUEDA	12
2.1	O INÍCIO DA REVOLUÇÃO	13
2.2	DR. FRANCIA, O SUPREMO.....	15
2.3	A ERA LÓPEZ.....	17
2.4	A GRANDE GUERRA	20
2.5	O PARAGUAI PÓS-GUERRA	23
3	A IMPRENSA NA LINHA DO TEMPO	27
3.1	A IMPRENSA NO BRASIL	27
3.2	A IMPRENSA NO PARAGUAI	32
4	PARA ENTENDER O IMAGINÁRIO SOCIAL	36
4.1	A FORMAÇÃO DE PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS.....	39
4.2	O PESO DO IMAGINÁRIO SOCIAL NA MÍDIA.....	40
5	METODOLOGIA	43
6	ANÁLISE DOS RESULTADOS	46
6.1	A GUERRA DO PARAGUAI.....	47
6.2	TRATADO DE ITAIPU.....	56
6.3	TRATADO DE MERCOSUL.....	68
6.4	OS BRASIGUAIOS	75
6.5	O CONTRABANDO.....	88
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho analisa a forma como a imprensa brasileira noticia o Paraguai. Tendo como principal foco os estudos sobre imaginário e preconceitos, será avaliado se o jornalismo pode ou não criar estereótipos. O objetivo geral do projeto é analisar como a imprensa brasileira aborda o Paraguai em seu noticiário. Já os objetivos específicos são: a) investigar o noticiário sobre o Paraguai na imprensa brasileira ao longo do tempo; b) analisar como a imprensa brasileira tem se comportado em relação ao Paraguai ao longo do tempo. Vendo como problema a ser estudado se pode o jornalismo influenciar no imaginário social, criando estereótipos, e se é que isso acontece no Brasil em relação ao Paraguai.

Para descobrir isto, ao decorrer deste trabalho será feita uma análise histórica da imprensa brasileira em relação ao Paraguai. Mas não basta apenas estudar a história da imprensa, mas também a história do país vizinho, rever todo o seu passado desde a coroa espanhola à independência, passando por suas guerras e ditaduras, para assim podermos entender como a República do Paraguai se constituiu, transformando-se no que conhecemos atualmente. Buscando assim entender também como isso tudo influenciou a construir a imagem que temos hoje da terra guarani, e como a imprensa brasileira vem atuando dentro de todo este contexto.

Assim, o projeto trará, através de uma base teórica embasada em um contexto histórico, os principais acontecimentos do Paraguai ao longo dos anos. Começando com sua independência em 1811, onde o país conquistou sua liberdade da coroa espanhola, sendo assim um dos primeiros países sul-americanos a não depender de nenhum país europeu, o que certamente causou desconforto às coroas do norte. Passando pelos seus primeiros governos, até chegar à Guerra do Paraguai, maior conflito armado do continente, onde Brasil, Argentina e Uruguai derrubaram uma das principais potências em ascensão da época. Adentrando o século XX, será observada a forma como o país buscou recuperar-se da guerra, com uma política instável, passando por ditaduras e um outro enfrentamento bélico. Dentro disso, serão analisados determinados momentos dessa história e a abordagem da imprensa brasileira. Dando ênfase assim aos seguintes assuntos: a) Guerra do Paraguai; b) Tratado de Itaipu; c) Tratado do MERCOSUL; d) Contrabando; e) Os Brasiguaios.

Apesar do passado turbulento, os acordos políticos e econômicos entre Brasil e Paraguai hoje são melhores. Além disso, quando olhamos para o Paraguai de hoje,

podemos ver um país em ascensão, principalmente econômica. Mesmo com essa mudança nas relações diplomáticas, parece não haver uma mudança em meio à sociedade, pois em muitos âmbitos é perceptível o quão pouco se conhece sobre o Paraguai, mas o quanto se presume a respeito. Com o passar dos anos se formou um imaginário coletivo onde grande parte da sociedade vê o Paraguai de uma forma distorcida. É comum que as pessoas associem o país à falsificação, ao contrabando e ao tráfico de drogas. É uma série de fatores que ao longo dos anos fez com que essa imagem se tornasse dominante para essa parcela da população. O imaginário é algo instaurado dentro de todas as sociedades, em cada uma com suas particularidades. Por isso, nesta pesquisa, abordamos os conceitos de preconceito e imaginário, tentando entender se de alguma forma o jornalismo pode ter contribuído nesta visão distorcida que muitos têm sobre o Paraguai e toda sua cultura.

A base teórica deste projeto é constituída pelos estudos sobre o Jornalismo, incluindo os que abordem o contexto histórico do país vizinho e a história da imprensa em ambas as nações. Para este resgate histórico, circula-se, por exemplo, pelas obras de Hipólito Sanchez Quell (2008), Mauro César Silveira (1996), Andre Toral (2001) e María Lucrecia Johansson (2017), que tratam da história da Guerra do Paraguai, tendo como ponto de partida a imprensa da época. Em relação à imprensa paraguaia, tem-se Beatriz González de Bosio (2008), enquanto no caso da brasileira usa-se como referência Nelson Werneck Sodré (2004), Ana Luiza Martins (2015) e Tania Regina de Luca (2015). Além disso, para entender a visão do Paraguai através da imprensa, serão estudadas as teorias de imaginário e a influência deste na formação de estereótipos e preconceitos. Para isto, alguns dos teóricos estudados são: Ciro Marcondes Filho (1985), Georges Bertin (2016), Juremir Machado Silva (2016) e Michel Maffesoli (2016).

A metodologia adotada é a Análise de Conteúdo, principalmente a partir de Laurence Bardin, usada em pesquisas qualitativas, dividida em três etapas: organização, codificação e categorização. Com base nessa metodologia, são estudados registros jornalísticos brasileiros em determinados momentos da história e situações cotidianas: a Guerra do Paraguai, o tratado de Itaipu, a constituição do Mercosul, o contrabando e os brasiguaios, analisando de que forma a imprensa vem citando o Paraguai e se houve mudanças na abordagem. Os meios analisados escolhidos são: *Paraguay Ilustrado* (apenas sobre a Guerra do Paraguay), *O Estado de São Paulo* com repercussão nacional, o gaúcho *Zero Hora* e a *Gazeta do Povo*,

jornal paranaense, estado fronteiriço com o Paraguai. Documentos antigos, principalmente da época em que aconteceu a Guerra do Paraguai, também são fontes de pesquisa deste trabalho, no caso sendo utilizado o jornal brasileiro *Paraguay Ilustrado*, de 1865.

A escolha desse tema se deu principalmente por eu ser paraguaia e observar a forma como o Paraguai é visto e retratado não só pelas pessoas, mas também na mídia. Porém, a ideia em si de falar sobre esse assunto surgiu quando ganhei o livro “El Centinela Periódico de la Guerra de la Triple Alianza”, obra que traz um compilado de edições de um jornal paraguaio que circulou durante a época da Guerra do Paraguai. Com isso, logo pensei em relacionar de alguma forma a guerra, um assunto do qual sempre me interessei, com a imprensa. A princípio, pensei em fazer um comparativo entre a imprensa brasileira e paraguaia daquela época, depois passei para o conceito do jornalismo como um possível propulsor de estereótipos, analisando materiais produzidos durante a guerra no Brasil, que foi a forma como abordei o meu projeto de pesquisa. Já entrando no TCC 1 com a ajuda de meu orientador, decidi partir do princípio de estudar a forma como a imprensa brasileira apresenta o país vizinho, fazendo uma análise sobre imaginário e preconceito, trazendo também a história do Paraguai e suas relações com o Brasil. Já a escolha dos livros se deu parte por leituras já feitas durante a elaboração do projeto, ou sugestão do orientador ou de outros, e principalmente pela importância dos autores em relação ao tema. E a escolha da metodologia de Análise de Conteúdo foi escolhida devido à característica desta de estudar minuciosamente documentos, observando não apenas de uma forma simples, mas também através das entrelinhas dos objetos estudados.

A opção em se falar sobre o assunto preconceito e estereótipos dentro da imprensa se vê principalmente na necessidade de observarmos o nosso fazer jornalístico. Desde sempre, jornalistas tiveram um poder de voz muito importante, servindo para muitos como um formador da opinião pública, mas para conseguir fazer isto com qualidade, não basta apenas saber escrever ou falar bem em frente às câmeras. É de extrema importância que o profissional esteja munido de conhecimentos sobre o assunto a ser abordado. Caso contrário podemos cair no erro de alimentar o imaginário social, reforçando estereótipos. Assim, pode-se afirmar que a importância deste projeto para o jornalismo é fazer com que possamos avaliar a forma com que conduzimos a profissão, que muitas vezes nos leva a tomar decisões errôneas na correria de nossas rotinas, incentivando, desta forma, a sempre buscar

conhecer os temas a serem abordados em nossos trabalhos, muito além daquilo que está dentro de nossos pré-conceitos.

O referencial teórico começa com um relato histórico sobre o Paraguai com o capítulo “Da Grandeza à Queda”, dividido em cinco intertítulos. O primeiro é “O Início da Revolução”, tratando da independência e do primeiro Governo do país, seguindo para “Dr. Francia, O Supremo”, abordando o período de ditadura de José Gaspar Rodríguez de Francia. Assim, vamos para “A Era López”, sobre Carlos Antonio López e Francisco Solano López, pai e filho, que tornaram o país uma das principais potências do continente. Em seguida, falamos sobre “A Grande Guerra, ou Guerra do Paraguai” e, para finalizar o capítulo, vem “O Paraguai Pós-Guerra”, mostrando um país buscando se recuperar e enfrentando os problemas deixados pelo combate.

Passamos assim para o capítulo seguinte: “A Imprensa na Linha do Tempo”, dividido em dois subcapítulos, um sobre a história da imprensa no Brasil e o outro no Paraguai. Após o contexto histórico, vamos ao capítulo “Para Entender o Imaginário Social”, estudando as teorias que rodeiam esse conceito e suas explicações psíquicas. Esse se divide em “A Formação de Preconceitos e Estereótipos” e “O Peso do Imaginário Social na Mídia”. No primeiro, explicando como os estereótipos se formam através do imaginário social e no segundo, buscando entender a influência deste nos meios de comunicação. Com toda a base teórica pronta, partimos para a análise de conteúdo, feita sobre o objeto, nos cinco momentos escolhidos, buscando, assim chegar aos resultados nos capítulos seguintes, de Análise do objeto e de Considerações Finais.

2 DA GRANDEZA À QUEDA

O Brasil e o Paraguai podem ser considerados como países irmãos, devido a acordos que, de alguns anos para cá vem se estabelecendo de forma amistosa. Mas apesar da amizade atual, os dois países carregam um passado turbulento, onde foram rivais na maior guerra que já aconteceu na América Latina. A Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança aconteceu de 1864 a 1870, entre Brasil, Argentina e Uruguai unidos contra o Paraguai, que foi devastado naqueles anos de batalha. As consequências da guerra no país vizinho se perpetuaram por anos e até hoje a cicatriz segue de certa forma aberta.

O Paraguai foi descoberto no ano de 1524 por Aleixo Garcia e Sebastian Gaboto, que desbravavam o Rio da Prata por ordens da coroa espanhola. Em 1811, foi um dos primeiros países do continente a conquistar a independência, conseguindo-o sem o derramamento de sangue. Antes da Guerra do Paraguai, que teve início em 1864, o país teve quatro presidentes, os quais tornaram este uma das principais potências da região, sendo a única que se autossustentava. A guerra contra Brasil, Argentina e Uruguai terminou em 1870 e destruiu a República do Paraguai. Após este período, passou por mais uma guerra, contra a Bolívia, disputando a região do Chaco. O país nunca mais chegou a ser a mesma potência que foi em seus primeiros anos como república, e conta com uma trajetória marcada pela corrupção, por um ditador que permaneceu no poder por mais de 30 anos e por muita luta do povo para tentar se reerguer.

Apesar das desavenças do passado, atualmente o Brasil e o Paraguai são duas nações irmãs, parceiros econômicos e em alguns setores o país guarani depende do vizinho. Um dos fatores mais importantes para que a relação entre os países melhorasse foi o Tratado de Itaipu, assinado no ano 1973, durante o mandato de Alfredo Stroessner no Paraguai e Emílio Garrastazu Médici no Brasil. Outro momento importante para esta união foi quando os mesmos países que lutaram durante a Guerra do Paraguai, se juntaram para formar um bloco de integração regional, através do Tratado de Assunção, dando vida assim ao Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) em 1991.

Apesar dos fatores econômicos e políticos que unem os países atualmente, há algo que chama atenção quando se menciona o Paraguai entre brasileiros. Quando se fala no país vizinho, para grande parte da população o que vem em mente é

contrabando e falsificação. Isso é perceptível em diversos âmbitos, principalmente na mídia. Mesmo aqueles que não conhecem a outra nação já criaram estereótipos que há muito têm sido formados dentro do imaginário da nossa sociedade. Esses preconceitos possivelmente já existiam antes mesmo da guerra e podem ter sido intensificados nela. E é isto que tentaremos descobrir com os próximos capítulos.

Para entender a forma como a imprensa brasileira atual apresenta o Paraguai é necessário explorar todo o contexto histórico do país. Para poder compreender a terra guarani, precisamos entender o antes e o depois da guerra. Como um país que cedo conquistou a independência de forma pacífica, passou a ter um alto desenvolvimento socioeconômico, mas perdeu todo o seu poder durante a guerra.

2.1 O INÍCIO DA REVOLUÇÃO

O Paraguai, que viveu por cerca de três séculos sob o poderio da coroa espanhola, fazendo parte do vice-reino do Rio da Prata, junto com Argentina, Bolívia e Uruguai, certamente viveu um dos seus momentos mais transcendentais quando conquistou sua independência. O acontecimento, que iniciou na noite do dia 14 de maio de 1811, prolongando-se até o amanhecer do dia 15, com o pronunciamento do capitão Pedro Juan Caballero, contando com o apoio da população, mudou o rumo da história daquela nação. O historiador Hipólito Sánchez Quell (2008) explica que dois dias depois foi decidido que seria montado um Congresso Geral, encarregado de organizar o governo definitivo. Os membros deste congresso logo esclareceram que o objetivo daquele movimento nunca foi “entregar ou deixar esta Província ao mando, autoridade ou disposição a de Buenos Aires nem de qualquer outra e muito menos sujeitá-la a nenhuma estranha potência” (QUELL, 2008, p. 11, tradução da autora).

Após alguns encontros daquele governo provisório na capital, Assunção, foi decidido, por fim, no dia 20 de junho, formar uma Junta Superior Governativa. Foi nesse dia que surgiu então o primeiro Governo Nacional da Província do Paraguai, constituindo-se da seguinte maneira: presidente, tenente coronel Fulgencio Yegros; membros, Dr. José Gaspar de Francia, capitão Pedro Juan Caballero, presbítero Dr. Francisco Xavier Bogarín e don Fernando de la Mora. Com o novo governo instalado na antiga Casa do Governador, se deu início a uma nova era. Um mês depois a Junta do Paraguai enviou uma nota para a Junta da Argentina, mostrando a intenção de manter a independência sem cortar suas relações internacionais. Assim, após trocas

de cartas esclarecendo os acordos, com uma visita do governo argentino a Assunção, no dia 12 de outubro, em uma convenção internacional, foi assinado o primeiro tratado do Paraguai como país independente, com negociações relacionadas a comércio, limites territoriais e alianças.

Após desavenças dentro daquela Junta Superior, o Dr. Francia decidiu se afastar do governo. Ficou longe do poder político por 11 meses, durante quase todo o ano de 1812. Nesse período os governantes decidiram consolidar com a independência judicial também a política, enviando uma nota a Buenos Aires, solicitando o envio de todas as causas civis e políticas que estavam na capital do vice-reinado. O pedido foi aceito pelo governo dos vizinhos, enviando todos os documentos solicitados.

Mesmo com todos os acordos com a Espanha já resolvidos, parte da Europa ainda desejava o território paraguaio. Quell argumenta que Portugal foi em direção ao Oeste, adentrando terras estrangeiras, chegando assim a formar em 1812 os fortes de Coimbra e Albuquerque, que estavam localizados ao Sul do Jaurú e Oeste do rio Paraguai. Um tempo depois o exército brasileiro invadiu o forte Borbón, que pertencia ao Chaco paraguaio desde os primórdios de sua fundação. Após três pedidos ignorados da Junta Superior Governativa para que os portugueses abandonassem o local, decidiram no dia 14 de julho enviar o membro Fernando de la Mora como chefe de uma expedição ao local, com o objetivo de recuperar aquele território. A decisão teve apoio da população e assim um grupo de homens seguiu marcha em direção ao Chaco. Mas segundo Quell (2008, p. 28) não chegaram a finalizar a viagem:

Quando a expedição dirigida por de la Mora chegou a Villa Real de la Concepción, foi informada de que forças nacionais daquele povoado já haviam recuperado o forte paraguaio. Dessa maneira, após um curto cativeiro, Borbón incorporava-se, para sempre, ao agro nativo (Tradução da autora).

A Junta Superior que governava naquela época tinha uma visão de futuro e isso é notável através de algumas ações tomada por estes. Destacam-se a liberdade de navegação e a difusão da cultura no país. Durante o período de colonização, sob o poder da coroa espanhola, as águas que banhavam aquelas terras estavam fechadas para o comércio exterior. No dia 6 de janeiro de 1812, o presidente Yegros cedeu liberdade de navegação à indústria pelos canais do país, livres inclusive de encargos exacerbados (QUELL, 2008). Isso traria desenvolvimento econômico, tanto

é que em junho daquele mesmo ano o norte-americano Thomas Lloyd Halsey pediu permissão para estabelecer a primeira empresa de navegação a vapor do país. Os membros participantes da junta logo concederam a permissão, que incluía a construção de um estaleiro. Mas o projeto não chegou a ser totalmente concretizado, pois foi interrompido pelo ditador Francia algum tempo depois.

Apesar de todos os problemas que enfrentavam dentro daquele regime político iniciante, conseguiram grandes conquistas no campo da cultura e educação. No princípio daquele ano tornaram obrigatória a instrução pública, reformaram a instrução primária, reabriram cursos superiores, criaram a primeira sociedade literária do país, abriram a primeira academia militar, deram início à primeira biblioteca pública e ainda adquiriram uma prensa móvel. Quell (2008, p. 35) explica a importância dessas conquistas para o Paraguai de 1812, que estava em construção:

Todo governo com visão de futuro deve cuidar da formação de um elenco diretivo para assuntos internacionais. Para nada servirá o progresso de ordem interno de uma nação se não contar com uma chancelaria ilustrada, patriótica e serena, se os representantes diplomáticos não fomentam intercâmbio cultural com o país onde exercem suas funções, se os agentes consulares não buscam mercado para seus produtos. Mas, para a formação desse elenco, é necessário começar pela base, isso é, propagar a cultura, popularizá-la, criando escolas, colégios, universidades e estimulando toda nobre manifestação das ciências, das artes e das letras (Tradução da autora).

Todos esses avanços começam a desmoronar quando Dr. Francia volta a integrar a Junta, em setembro de 1813. No dia 12 de outubro daquele ano, aconteceu o segundo Congresso Nacional, onde José Gaspar Rodríguez de Francia tornou-se o novo presidente e ditador do Paraguai. Além disso, outras mudanças que aconteceram naquela assembleia foram: a proclamação solene em congresso da independência do Paraguai; a troca no nome para República do Paraguai; a adoção da bandeira e escudo nacionais; o rompimento da aliança com Buenos Aires; a criação do Governo Consular com Francia e Yegros, que durou apenas um ano (QUELL, 2008).

2.2 DR. FRANCIA, O SUPREMO

Em seus primeiros anos como país independente, o Paraguai conseguiu grandes avanços e viu isso tudo acabar com a presidência do Dr. Francia, que trouxe um certo retrocesso ao país naquele momento. Quell observa que enquanto o ditador

esteve afastado da junta superior, já trabalhava às escondidas em sua fazenda, implantando entre camponeses a ideia de que estavam sendo mal governados. Pouco depois voltou a fazer parte da junta em 1813 e em 1814 foi designado em congresso como ditador da República do Paraguai, entrando em desacordo com outros líderes da independência, que defendiam a democracia. Já em 1816, convocou outro congresso, onde foi proclamado como ditador perpétuo da República, governando assim até o fim de sua vida, em 1840.

Nesses 26 anos de ditadura, Dr. Francia isolou o Paraguai do resto do mundo. Nada entrava ou saía do país sem a permissão dele, o comércio exterior era basicamente inexistente e sequer correspondências podiam ser enviadas para fora das fronteiras. Não foram publicados jornais ou boletins nesse período. No sul do país era possível fazer algum tipo de intercâmbio comercial com a Argentina e ao norte com o Brasil, mas ainda com muitas exigências.

Como o Brasil proclamava sua independência da coroa portuguesa em 1822, era bastante importante conseguir formar aliança com o Paraguai, porém o isolamento do país tornava essa uma questão complicada (QUELL, 2008). Em maio de 1824 o império brasileiro enviou uma carta ao ditador, declarando ser conveniente que houvesse um cônsul ou agente comercial dentro do governo de Francia. Para o cargo foi designado Antônio Manoel Correa da Câmara. Assim, no dia 7 de agosto de 1825, Correa da Câmara foi recebido em audiência pública pelo ditador, onde acordos foram estabelecidos, além de tratados de amizade, limites e comércio, com a venda de armas e munições, solicitadas por Francia.

Como naquela época havia uma guerra entre um exército argentino-uruguaio contra o Brasil, Antônio Manoel Correa de Câmara se viu obrigado a levar a mercadoria por estrada de chão, saindo do Rio Grande do Sul. Isso atrasou a entrega, o que foi motivo para que José Gaspar Rodríguez de Francia recusasse duas vezes seu pedido para entrar novamente no país. Na segunda tentativa, inclusive como embaixador da República Riograndense, cargo que lhe foi dado na Revolução Farroupilha (QUELL, 2008).

Não só o comércio e a política externa sentiram o impacto do governo de Francia, mas a cultura e a educação também. Escolas foram fechadas, jornais e livros não entravam mais no país, apenas os de uso do ditador. Além disso, na capital e vilas interioranas também havia abandono do governo, sem manutenção dos prédios e ruas, tudo foi se deteriorando.

Toda a liberdade havia desaparecido. O Povo, desde a paródia eleitoral de 1814 no Convento de San Francisco, não podia mais expressar sua opinião. Os cidadãos inteligentes e ilustrados, que podiam ser uteis ao país, eram deslocados e desprezados por aquele usurpador. Os militares que se destacaram durante as invasões inglesas, logo em Paraguarí e Tacuarí, e que foram autores da Revolução de Maio, foram desalojados. Apenas civis medíocres e militares servis seguravam a máquina ditatorial (QUELL, 2008, p. 71, tradução da autora).

Isso tudo fez com que alguns dos patriotas responsáveis pela independência do Paraguai conspirassem em 1820 contra a tirania instaurada no país. Para eles, aquilo não era um delito político, mas sim o dever deles como cidadãos. Até já tinham formado o novo governo, mas tudo foi por água abaixo quando um dos conspiradores, Juan Bogarín, contou todo o plano ao Frey Anastasio Rodríguez ao se confessar. Este ordenou que Bogarín contasse tudo ao ditador.

Após a revelação, começou o terror no país. Nas masmorras subterrâneas da capital começou a funcionar a Câmara da Verdade, local onde o Dr. Francia açoitava suas vítimas em busca da verdade. Os patriotas de maio e mais de 68 cidadãos foram fuzilados em uma praça pública, Pedro Juan Caballero se suicidou e outros paraguaios sofreram nas prisões até a morte do ditador. Aquele dia ficou conhecido como “a noite de 20 anos” (QUELL, 2008). Daquele dia em diante o país, que cedo havia conquistado a liberdade, se viu novamente sob as garras de outro opressor. Acabaram as reuniões entre amigos, as mulheres perderam o poder de fala e o violão, que sempre esteve presente no entorno, foi silenciado.

O magro, tímido e melancólico ditador efetuava com monótona regularidade, às 5 da tarde, seu passeio a cavalo pela cidade. Seguido a cinquenta metros por um soldado armado e outros dois, também armados, o seguiam de perto. A princípio exigiam que os transeuntes parassem respeitosamente enquanto o ditador passava. Posteriormente receberam ordens de distribuir golpes entre os pedestres e que fechassem todas as portas e janelas. Desde então, os curiosos só o podiam ver pelo olho da chave ou fendas da porta. Assim passeou o ditador, durante um quarto do século, pela cidade deserta e silenciosa. Voltava ao crepúsculo a Casa de Governo, comia frugalmente e andava fumando pelo corredor que ficava em frente a baía. Às 10 dava pessoalmente o santo e senha e se fechava trancando as portas de seu aposento. Como antes havia trancado as portas ao comércio, a cultura e a liberdade (QUELL, 2008, p. 75, tradução da autora).

2.3 A ERA LÓPEZ

No dia 20 de setembro de 1840 terminou aquela era, que marcou a história do país guarani, com a morte do ditador Francisco Solano Lopez. Após várias reviravoltas de trocas de juntas provisórias, por volta de março de 1841 foi constituído o novo

Governo Consular, formado por don Carlos Antonio López e Mariano Roque Alonso, durando três anos. Em março de 1844 foi promulgada durante o Congresso a lei que estabelece a administração política do Paraguai, onde López foi eleito presidente, sendo reeleito mais duas vezes nos anos seguintes. Governo marcado pela reabertura das fronteiras, e desenvolvimento político, econômico e cultural do Paraguai. Período em que o Paraguai se tornou uma das principais potências da região.

O Governo López lutou pelo reconhecimento da Independência do Paraguai. Teve dificuldades no início em conseguir com a Argentina de Juan Manuel Rosas, quem negou a livre navegação do Paraguai sobre o rio Paraná, mas com muito esforço os acordos foram feitos e, como observa Quell, viviam uma política de boa vizinhança, apesar de desacordos por questões de limites entre os países. Com o Brasil do imperador Don Pedro II, as questões de limites que não estavam bem estabelecidos também foram um ponto importante. Foi um longo período de negociações, até que em abril de 1856 foi assinado um acordo de amizade, comércio e navegação entre o Paraguai e o Brasil, deixando as questões de limites para serem resolvidas dentro de seis anos.

Em abril de 56, a convenção Borges-Paranhos postergava por seis anos a solução do processo de limites com o Brasil. Três meses depois, isso é, em julho do mesmo ano, o tratado Guido-Vazquez postergava **sine die** a solução do processo de limites com a Argentina. É evidente, pois, que o presidente López, convencido de que desgraçadamente, os governos vizinhos estavam resolvidos a terminar por vias de fatos as questões de limites, tratou de distanciar o perigo, ganhando tempo para preparar melhor a defesa nacional (QUELL, 2008, p. 125, tradução da autora).

Além dos países vizinhos, o presidente também enviou em 1853 uma expedição em missão diplomática à Europa. Formada pelo general Francisco Solano López, filho de Carlos Antonio López, como ministro, junto de Juan Andrés Gelly e Benigno López como secretários. Em uma viagem que durou cerca de um ano e meio, firmaram tratados de comércio e navegação com Grã Bretanha, França e Sardenha.

Para acabar com a política franquista que estava instaurada no país pelo antigo governo, López buscou recuperar as relações com outros povos. Para isso, ele trabalhou na melhora do caminho que viabilizava o transporte dos produtos internos – principalmente a erva mate - até os locais de embarque. Existia no país praticamente um socialismo de Estado, onde o governo era responsável por grande parte dos produtos explorados e exportados, como erva mate e madeira de construção, por

exemplo. O imposto era quase inexistente no país e o estado ajudava agricultores e índios com o aporte de terras e ferramentas com o fim de que cultivassem tanto para consumo interno como para a exportação de alimentos. Como explica Quell (2008, p. 159, tradução da autora) “[...] O estado não aceitava existência de um paraguaio sem casa e sem-terra [...]”.

López trouxe técnicos e operários estrangeiros para que estudassem os minerais do país e ensinassem os profissionais paraguaios a trabalhar com maior destreza. Em 1861 foi construída a primeira ferrovia paraguaia, que percorria o trajeto de Assunção a Paraguari. Ainda em seu governo foi criada a marinha mercantil paraguaia, com 11 barcos e 50 veleiros.

Don Carlos Antonio López fundou assim as indústrias básicas do país, empreendeu grandes obras públicas, criou os organismos técnicos adequados para a revalorização da riqueza nacional e provocou a abertura do Paraguai para o mundo (QUELL, 2008, p. 161, tradução da autora).

Outro assunto de extrema importância para López foi a educação. Logo após assumir o poder em 1841, criou a Academia Literária, com aulas de Castelhana, Latim, Belas Artes, Filosofia e Teologia. Em uma ordem governativa de 1843, dizia que deveria ser estimulado aos pais que levassem os filhos ao estudo gratuito da Academia. López dizia que “as escolas são o verdadeiro monumento que podem oferecer a liberdade”, tanto é que tornou a educação obrigatória – fato que não acontecia nem na maioria dos países da Europa – e em alguns anos conseguiu acabar com o analfabetismo no Paraguai (QUELL, 2008). Todo esse trabalho resultou em 435 escolas públicas com 24.524 alunos até o dia da morte do presidente.

Em 1844 nasce em Assunção a Imprensa del Estado, onde foram produzidos os livros usados nas escolas e criado no ano seguinte o primeiro jornal paraguaio, *El Paraguayo Independiente*, redigido pelo próprio presidente, e que tinha como principal foco defender a independência do país, tanto que o seu fim chegou em 1852, quando a Argentina reconheceu Paraguai como uma nação livre. Além disso, promoveu também melhora na infraestrutura na capital e principais cidades.

Quando Carlos Antonio López morreu, em 1862, o Congresso Nacional paraguaio designou o cargo de presidente da república ao filho dele, Francisco Solano López, que na época era ministro de Guerra. Este seguiu o trabalho que o pai começou na transformação do Paraguai em um dos países com melhor desenvolvimento político, econômico e cultural da América Latina. Solano López, que

passou algum tempo na Europa, voltou ao Paraguai com muitas ideias para desempenhar no país, buscando formar uma alta cultura intelectual. Quando se trata de Solano López, as opiniões divergem bastante, há quem diga que foi um herói, e outros afirmam que foi um déspota que destruiu o país em avanço. Essa divisão de opiniões surge principalmente durante o início do século XX, com os lopistas e anti-lopistas (JOHANSSON, 2017).

Hipólito Sánchez Quell observa que as obras de cunho econômica e cultural de Solano López não costumam ser destacadas, pois foram iniciadas pelo pai, porém grande parte das ideias surgiram do filho. Sem contar que ele não pôde realizar tantos trabalhos como presidente, pois apenas dois anos após assumir o cargo, se deu início a Guerra do Paraguai. Porém, Solano contava com grandes projetos que pretendia desenvolver durante o governo, como tentar introduzir a erva mate do país ao consumo de exércitos europeus, e construção de vias férreas que atravessariam a fronteira com a Bolívia. Além disso, enviou 36 rapazes a estudo para a Europa, 20 a mais que Carlos Antonio.

Solano López queria ver o Paraguai engrandecido e potente, dotado de avanços técnicos que tinham as nações mais prósperas e evoluídas. Por suas iniciativas progressistas em seu posto de conselheiros e colaborador do governo do pai, e pelos projetos que começou a executar como presidente, podemos afirmar que o general López, foi um governante de profunda visão e um impulsor de nosso comércio internacional (QUELL, 2008, p. 178, tradução da autora).

2.4 A GRANDE GUERRA

Guerra do Paraguai, Guerra da Tríplice Aliança ou Grande Guerra, esses são alguns nomes que recebe o que foi o maior conflito armado do continente e que aconteceu pela união entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, resultando na dizimação do país e de parte da sua população. Com uma duração de cerca de cinco anos, a guerra começou em 1864, com seu fim em 1870. Não há um motivo específico que a tenha causado, mas sim uma série de fatores acumulados, como questões limítrofes ou a relação política entre Brasil e Uruguai. A história dos países que participaram dessa guerra passa por uma linha divisória, com um antes e depois do conflito. Essas mudanças radicais que vieram, fazem com que essa possa ser considerada como uma guerra total (JOHANSSON, 2017).

Um dos primeiros problemas destacados por Hipólito Sánchez Quell seria o que ele chama de “o problema do norte”, com relação aos limites fronteiriços entre o Brasil e o Paraguai. O historiador explica que os cosmógrafos e cartógrafos enviados pelas coroas espanhola e portuguesa não conseguiam chegar a um acordo sobre quais eram os limites que dividiam os países, o que constantemente causava impasses entre ambos. Quell observa ainda que em meio às discussões, o objetivo do império brasileiro era “[...] adquirir mais territórios por qualquer meio e com a aplicação de qualquer princípio o sofismo” (2008, p. 193, tradução da autora). Em 1862 esse problema deveria ser solucionado de uma vez por todas, mas não foi o que aconteceu. Naquela zona em litígio formaram-se as colônias de Miranda e Dourados. Já na região sul os problemas eram a fronteira com a Argentina, o que também foi um dos motivos acumulados para dar início a guerra.

Os países aliados do tratado da tríplice aliança são Brasil, Argentina e Uruguai, mas Quell comenta sobre a presença de um quarto aliado que, de forma oculta, ajudou a conquistar a queda do Paraguai. O país em questão é a Grã Bretanha. Não era do agrado do país europeu o modo de governar do López, com o socialismo de Estado, o país em desenvolvimento e autossustentação, isso poderia ser considerado com um mau exemplo para os vizinhos. Tanto é que em documentos de Edward Thornton, ministro inglês em Buenos Aires, é citada a “tirania paraguaia” (QUELL, 2008). O historiador destaca que a paixão criadora de Solano López foi “pedestal da sua estátua e lápide do seu sepulcro”. Com o fim da guerra a classe rural se viu atingida, perdendo terras que passaram a ser propriedades de banqueiros londrinos. Assim como empresas estrangeiras dominaram os meios de comunicações e riquezas básicas.

A relação com o Uruguai é um ponto bem importante ao analisar os motivos que causaram a guerra. Em 1861 aconteceu a batalha de Pavón na Argentina, em que Mitre venceu os federalistas do país, conquistando o poder. Alguns colorados uruguaios participaram desse confronto, entre eles Venâncio Flores, que pretendia voltar ao seu país com a intenção de tirar o Partido Blanco do poder. Com o apoio de Mitre e do governo brasileiro, que na região de fronteira com o Uruguai, sentia a necessidade de mais liberdade para exportar gado do Uruguai, Flores organizou a revolução, com um exército formado por soldados brasileiros, invadindo o Uruguai para seguir em direção à capital, Montevideu.

Após batalha de Pavón, os brancos uruguaios logo começaram a buscar aliados. Durante dois anos insistiram com López a que se unissem à causa, tendo

como argumento que os dois países estavam em perigo por causa dos vizinhos (Quell, 2008). O Paraguai se comprometeu com homens e buques de guerra. Para Solano López, era necessário que o Brasil e a Argentina respeitassem a soberania paraguaia e uruguaia, com a intenção de manter a paz. Não lhe agradava intervenção de Mitre nos assuntos uruguaios e por isso enviou notas a Argentina tentando entender isso. Ele foi chamado a mediar também um conflito entre Uruguai e Brasil, onde desejava tentar fazer com que a paz voltasse a reinar entre os vizinhos. Mas essa não era a intenção dos países aliados.

Mitre queria a guerra, para consolidar-se no poder por mediante um perigo exterior. Pedro II queria a guerra, para satisfazer sua ambição territorial. E Herrera também queria a guerra, para desmembrar Entre Ríos e Corrientes do território argentino. Enquanto Flores, era um ente sem opinião, acoplado a Mitre (QUELL, 2008, p. 210, tradução da autora).

Em novembro de 1864 López recebeu a notícia de que o exército brasileiro havia invadido o território uruguaio, indo contra o combinado anterior. Isso fez com que o presidente paraguaio ordenasse a apreensão do “Marquês de Olinda”, um navio brasileiro que costumava fazer a rota entre Rio de Janeiro e a província do Mato Grosso. Enviaram então uma mensagem ao ministro brasileiro César Saubán Vianna de Lima explicando que aquilo foi feito por causa da invasão no Uruguai, e assim rompendo as relações diplomáticas entre os dois países. Com a guerra declarada, logo invadiram o Mato Grosso e decidiram que o próximo passo seria o Rio Grande do Sul.

Para chegar ao estado gaúcho, deveriam passar pela província de Corrientes, na Argentina. Ao solicitar autorização para passar pelo território, os paraguaios receberam uma resposta negativa. Os argentinos argumentavam que aquilo tornaria o país um “teatro de guerra”, pois teriam de ceder o mesmo direito ao exército brasileiro (JOHANSSON, 2017). Com isso, no dia 18 de março de 1865 o governo do Paraguai declarava guerra contra a Argentina. De acordo com Sánchez, o governo argentino foi comunicado no dia 29, mas ignorou o aviso. Apenas no dia 4 de maio Mitre declarou guerra contra o Paraguai, após a captura de dois buques argentinos. A intenção de Mitre era convencer a população de que o país foi invadido sem aviso prévio (QUELL, 2008).

Mas antes ainda, no dia 1º de maio, foi assinado o tratado da Tríplice Aliança entre os três países aliados. O tratado, apesar de formar a união entre os partícipes,

aconteceu de forma não tão simples, pois cada um dos países desconfiava das reais intenções de seus aliados (JOHANSSON, 2017). Foi em Buenos Aires que Octaviano d'Almeida Rosa, Rufino de Elizalde y Carlos de Castro firmaram o tratado de aliança contra o Paraguai. Essa aliança deveria ser mantida em segredo até que alcançassem o principal objetivo. Porém a informação acabou vazando e chegando até a Inglaterra, de onde saiu para o resto do mundo, causando indignação geral. Pois o acordo mostrava que a ideia era dividir o que sobrasse do Paraguai entre os aliados após a guerra (JOHANSSON, 2017). Para Quell, paira no ar a dúvida de se já existia uma aliança entre Brasil e Argentina antes da declaração de guerra contra a Argentina, ou se foi uma consequência desta declaração. Alguns dos pontos do tratado eram:

O tratado expressava que a guerra é feita contra o atual governo e não contra o povo do Paraguai. Os aliados se comprometem a respeitar a independência do Paraguai. Os aliados não pretendem exercer sobre ele nenhum tipo de protetorado. Os aliados garantem a integridade territorial do Paraguai. Esse é o rótulo sincero o abominável documento (QUELL, 2008, p. 2019, tradução da autora).

Em setembro de 1866 López se encontrou com Mitre em Yataity-Corá para tentar encontrar uma solução àquela carnificina que ocorria em seu país. Porém, o presidente argentino afirmou que não poderiam parar enquanto não se cumprisse o acordo do tratado. López até pensava em renunciar ao cargo de presidente como garantia de paz, mas aquilo não seria suficiente. Quando se divulgou o tratado, que mostrava que um dos acordos era a divisão do Paraguai entre os aliados, o povo se uniu de vez a López na luta em favor a pátria. Mulheres, crianças e idosos também uniram forças em campo de batalha. Beatriz González de Bosio conta que em 1868 o Uruguai abandonou a guerra e no ano seguinte os outros aliados tomaram conta de Assunção. "A contenda se converteu finalmente em uma guerra de extermínio, que concluiu com a morte do Marechal López em 1 de março de 1870" (BOSIO, 2008, p. 68).

2.5 O PARAGUAI PÓS-GUERRA

O Paraguai ficou devastado, em completa miséria e uma perda humana de 50% da população. Aqueles que sobreviveram eram obrigados a pedir hospitalidade aos soldados dos países aliados. As mulheres foram as responsáveis por levantar o país, trabalhando no campo, no comércio e na indústria. Em uma tentativa de amenizar as

perdas, formaram uma espécie de sociedade poligâmica, com os homens ‘possuindo’ muitas vezes mais de uma mulher (BOSIO, 2008). Ainda em 1869, antes da morte de Solano López, que era foragido na época, militares dos países aliados intervieram na política interna paraguaia, formando um governo provisório no modelo triunvirato, composto pelos paraguaios Cirilo Antonio Rivarola, José Díaz de Bedoya e Carlos Loizaga, com o apoio de brasileiros (JOHANSSON, 2017). Estes tiveram que trabalhar de forma urgente em busca de soluções para os problemas deixados pela guerra. No dia 25 de novembro de 1870 se consolidou uma nova Constituição.

A política do país ficou completamente instável, com constantes trocas presidenciais e golpes de estado, vivendo uma guerra civil. A corrupção e a divisão política dominavam o país. A economia também sofreu as consequências: a falta de população rural enfraqueceu a agricultura. Foram implementados projetos de imigração para tentar levantar o país, mas de imediato os resultados não foram tão satisfatórios. Parte do território nacional, que era ocupado por camponeses, foi vendido ao capital estrangeiro. Em 1912, Eduardo Schaerer, do Partido Liberal Radical, assumiu o poder, trazendo com ele um período de paz ao país (BOSIO, 2008). Foi o primeiro civil a completar o tempo de governo. Após ele foi Dr. Manuel Franco quem assumiu, e instituiu o voto secreto no país. Ele morreu durante o mandato e foi substituído por seu vice Dr. José P. Montero.

Dando um salto no tempo, chegamos em 1932, ano em que o Paraguai entrou em mais uma guerra. A Guerra do Chaco, com o país disputando contra a Bolívia o território árido mais além do Rio Paraguai, o Chaco Paraguai. Assim como as outras regiões de fronteiras, as divisões não tinham ficado bem esclarecidas e ambos os países diziam ter direito pelo território. A guerra começou em julho de 1932, com a invasão do forte Carlos Antônio López. Estava no fim o mandato de Dr. Guggiari, que em agosto foi substituído pelo Dr. Eusebio Ayala. O Paraguai, que vivia uma longa crise e ainda vinha se recuperando de uma guerra que o deixou devastado, teve de “duplicar esforços para defender palmo a palmo do território disputado” (BOSIO, 2008, tradução da autora). Em 12 de junho de 1935 foi assinado o armistício de cessar fogo. Mas apenas em 1938, em Buenos Aires, se concluiu o Tratado de Paz definitivo, por meio de uma negociação e não por vitória militar.

A guerra deixou 90.000 mortos, paraguaios e bolivianos e uma economia destruída para ambos os países. Com o fim da guerra, realizaram-se eleições nacionais, onde o único candidato, José Felix Estigarribia assumiu o poder. Em 1940

formulou-se uma nova constituição, com um modelo mais autoritário, inspirado em modelos europeus da época (BOSIO, 2008). Com essa novidade, retirou-se o cargo de vice-presidente, o governo passou a interferir diretamente na economia e estrutura social, e ainda tinha controle sobre a imprensa. No dia sete de setembro de 1940 Estigarribia faleceu em acidente aéreo. O exército era a única instituição política atuante na época, e colocou o general Higinio Morínigo no cargo de presidente da República.

A crise política no país afetava o todo e inclusive dentro do Partido Colorado existiam desavenças que dividiam os membros em dois grupos. Então, em 1954, o general Alfredo Stroessner aproveitou a instabilidade para aplicar um golpe de Estado, tirando o presidente Chaves. Se apresentou como único candidato às eleições e em 15 de agosto foi eleito presidente constitucional. Stroessner conseguiu estabelecer a liberdade de câmbio e da moeda guarani. Não havia um documento que dissesse que fosse obrigatório ser filiado ao Partido Colorado, porém era a única forma de conseguir trabalho público ou entrar nas forças militares e policiais.

Não faltaram os créditos internacionais que rapidamente o ajudaram a sustentar-se politicamente. As construções de sistemas de água corrente e sistema de esgoto significou uma decolagem econômica pela proliferação de emprego e a reativação do mercado (BOSIO, 2008, p. 215, tradução da autora).

Em 1958 ele foi reeleito, porém naquele momento já começaram a levantar-se protestos contra o presidente. De acordo com a constituição de 1940 ele já não poderia mais ser reeleito, mas Stroessner deu um jeito de adaptá-la. Em 1967 a comissão constituinte deu permissão para mais duas reeleições. Já em 1977 a emenda retirou o limite de reeleições (BOSIO, 2008).

No âmbito econômico, Stroessner conseguiu tirar do papel alguns projetos que faziam parte do governo de Estigarribia. A mais importante é a construção da represa binacional de Itaipu. A usina hidroelétrica trouxe crescimento econômico ao Paraguai e Brasil, apesar da inflação até os anos 1980, e resolveu questões limítrofes que ainda não haviam sido bem resolvidas. A corrupção generalizada foi um marco na era Stroessner, e foi além das fronteiras, com o aumento do contrabando. Além disso, outros países estavam constantemente cobrando mais respeito aos direitos humanos no país, pois durante o sistema repressivo de Stroessner houve muitos casos de presos políticos. A intenção do presidente era que o filho, coronel Gustavo Stroessner,

o substituísse como mandatário, mas isso não aconteceu. Com outro golpe de Estado, em 1989 Stroessner foi destituído da presidência, após longos 35 anos de ditadura.

O general Andrés Rodríguez foi quem assumiu o cargo, também do Partido Colorado. Ele reivindicou a volta da democracia ao país, instituindo eleições livres em maio daquele mesmo ano, onde foi eleito. Beatriz González de Bosio afirma que apesar das aparentes mudanças, pouco mudou na estrutura tradicional. O Poder Judiciário continuou com um trabalho insuficiente, o Legislativo mostrou muitas falhas também, até mesmo na construção da nova legislação. E a corrupção seguiu sendo fortemente presente na política do país.

Recém começado, o século XXI encontra o Paraguai em estado de inquietação coletiva e um certo grau de desesperança, pois antes de tudo nossa sociedade segue sendo muito conservadora, e, por isso, temerosa de grandes mudanças (BOSIO, 2008, p. 221, tradução da autora).

Tendo já percorrido a história do Paraguai, o próximo capítulo trata da história da imprensa brasileira e paraguaia. Como o jornalismo é um reflexo dos acontecimentos da sociedade, observar ao longo do tempo é importante para entender a sua influência sobre as visões e conceitos de nossas comunidades.

3 A IMPRENSA NA LINHA DO TEMPO

O ser humano desde sempre buscou formas de comunicar-se entre si. As mensagens por fumaça, os desenhos em pintura já eram o princípio da comunicação. Com a chegada da escrita, tudo ficou muito mais prático. Pode-se considerar que foi na Idade Média (476 - 1453) que começou a tentativa de se transmitir notícias, com viajantes que levavam cartas, principalmente a famílias nobres (BOSIO, 2008). Em alguns países da Europa Central a notícia transformou-se em indústria. Mas uma das principais revolução nesse meio foi a chegada da prensa de Gutenberg em 1455, trazendo muito mais rapidez na produção e distribuição de folhetos informativos que circulavam nos centros da época. Com o avanço das indústrias, isso tudo foi melhorando muito, passando para a prensa mecânica e o telégrafo. Além disso, as viagens de navio pelos continentes e as ferrovias tornaram possível fazer com que as informações chegassem muito mais longe.

As primeiras gazetas de que se têm conhecimento surgiram em 1609, nas cidades de Augsburg e Estrasburgo. Contavam principalmente com informações sobre a política e as guerras. Uma das mais antigas é La Gaceta de México, de 1667, produzida na Cidade do México, capital do vice-reino Nova Espanha (BOSIO, 2008). Já entrando na história do jornalismo do Paraguai e Brasil, países estudados neste trabalho, vemos dois paralelos bem diferentes. Mesmo tendo conquistado a independência antes, no Paraguai demorou mais a começar a circulação de noticiários.

3.1 A IMPRENSA NO BRASIL

A história da imprensa no Brasil é marcada por censuras, violência contra os profissionais e ligação com partidos políticos. Em 1706 instalou-se uma tipografia para impressão no Brasil, porém uma carta Régia fez com que a atividade fosse proibida (SODRÉ, 1999). Mas foi em 10 de setembro de 1808 que o primeiro jornal foi editado no país. Após a chegada de D. João VI, nasce a *Gazeta do Rio de Janeiro*, produzido graças à Imprensa Régia (SILVEIRA, 2003). Apesar de ser brasileiro, preocupava-se mais com os acontecimentos da Europa. Três meses antes do lançamento da *Gazeta* já corria pelo Brasil o *Correio Braziliense*, dirigido e redigido por Hipólito da Costa, porém produzido em Londres e enviado de navio ao Brasil. Foram poucos os jornais

que surgiram nessa época, a maior parte feitos na Europa, entrando no Brasil por meio dos portos, muitas vezes de forma ilegal.

Antes da consolidação da independência, foram pouco os jornais que surgiram e muitos foram fechados por irem contra a opinião de quem estava no poder. Alguns dos periódicos que surgiram na época foram: *Aurora Pernambucana*, que surge em março de 1821 para defender a causa do Rei; o *Diário do Rio de Janeiro*, junho 1821, considerado o primeiro diário informativo a circular no Brasil, com informações locais; o *Diário Constitucional*, de agosto de 1821, que defendia os interesses brasileiros; e por fim, em setembro do mesmo ano surge o *Revérbero Constitucional Fluminense*, que veio a tornar-se o órgão doutrinário da independência.

Quando o Brasil conquistou a independência da coroa portuguesa, em 7 de setembro de 1822, teve de passar por um outro processo longo e demorado, a estruturação do Estado. Nelson Werneck Sodré explica que esse trajeto tortuoso atingiu também a imprensa que teve dificuldades na época.

O processo de Independência sofre a natural queda de ritmo no seu desenvolvimento: não há perspectiva alguma para a imprensa brasileira. Não existem as condições políticas para isso, embora existam as condições materiais mínimas (SODRÉ, 1999, p. 45).

Foi uma época de muita censura. Segundo Sodré, ela só foi interrompida por meio de um decreto em agosto de 1827. As províncias foram conhecendo a imprensa aos poucos. Em Minas Gerais, por exemplo, chegou em outubro 1923 com o, *Compilador Mineiro*. No dia 6 de maio de 1926 foi instalada a Assembleia Geral, Senado e Câmara, o que facilitou a circulação de uma imprensa livre. Surgem na época *Astréia*, em julho de 1826, e a *Gazeta do Brasil*, em maio do ano seguinte. Uma das características da imprensa que nascia na época é a presença de estrangeiros, principalmente franceses, que chegavam ao Brasil e começaram a contribuir com o meio jornalístico local. Um dos exemplos é o *Diário do Rio de Janeiro*, fundado por M. Jourdan Ainé ou o *Jornal do Comércio*, impresso na tipografia de Pierre Plancher.

Com a fundação dos cursos jurídicos em 1827, a imprensa começou a se alastrar também pelas províncias mais distantes dos centros. Nesse período, confundia-se imprensa e poder, por sua ligação com políticos. Tanto é que durante o império, surgiram muitos jornais de curta vida que eram financiados por facções políticas. O próprio D. Pedro escreveu algumas vezes para jornais como o *Diário Fluminense* (SODRÉ, 1996). Os jornais que sobreviveram por mais tempo foram o

Diário de Pernambuco, de 1823 e o *Jornal do Comércio*, de 1827, principal jornal daquela época (SILVEIRA, 2003), ligados à ala conservadora.

Em 1828 aumentou muito o número de jornais que começaram a circular, em grande parte por protestos contra o imperador. Naquela época começaram a surgir também os pasquins, a pequena imprensa, folhetos menores geralmente redigidos por uma única pessoa. Estes geralmente tinham uma vida muito curta, e nasciam por causa de algum tema específico da época. Silveira (1996) observa os pasquins como uma antecipação das caricaturas, por trazer em suas folhas críticas sobre costumes de seus oponentes.

Na década de 1830, Justiniano José da Rocha foi uma figura importante na imprensa brasileira. Em 1836 ele redigiu *O Atlante* e em 1840, junto de Firmino Rodrigues Silva, dirigiu o jornal *O Brasil*, além de participar em outros veículos. Justiniano foi um dos primeiros a dar início à junção de jornalismo com a literatura. De acordo com Sodré, aquela foi "...a época dos homens das letras fazerem imprensa". Outros exemplos são José de Alencar, que em 1856 foi redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*, e Machado de Assis, que estreou no *Marmota* em 1855. Surgem inclusive veículos especializados no tema, como: *O Guaíba* (1856), *Revista Brasileira* (1857) e *Caleidoscópio* (1860). Outro marco na imprensa dessa década foi o controle do governo, analisa Silveira: "O *Diário de Pernambuco*, o *Jornal do Comércio* e o *Correio Mercantil*, no Rio, e o *Correio Paulistano*, mesmo com seus surtos liberais, dizem amém ao Império" (SILVEIRA, 1996, p. 40).

Em 1864 o Império já estava bem consolidado com o imperador Dom Pedro II quando irrompeu a Guerra do Paraguai. De acordo com Sodré, a imprensa que repercutia nessa época não poderia ser considerada boa. Nesse período, o que predominava na imprensa era o humor, através da caricatura. Em sua grande parte, a intenção era "atacar" o país rival e seu presidente, através das imagens. Um dos exemplos é o *Diabo Coxo*, folha ilustrada, lançada em 1864 por Ângelo Agostini, um dos principais nomes da caricatura da época. E também o *Paraguay Illustrado*, de 1865, e que, de acordo com Silveira, foi o produto mais nacionalista, criado com a única intenção de manchar a imagem do adversário do Brasil.

Esse modelo de imprensa já circulava no Brasil desde a década de 1840, com o *Lanterna Verde*, trazendo os costumes da época e criticando ao Império, essa que era a principal característica dos periódicos desse estilo; este periódico tinha uma forte influência do francês *La Caricature*. Toral (2001) observa que as críticas ao

imperador eram resultado da liberdade de imprensa que pairava durante o segundo império. Esse modelo teve um grande impacto na época, porque as pessoas puderam conhecer a aparência dos personagens que a imprensa trazia apenas em textos.

A partir das revistas ilustradas, os leitores, principalmente do Rio e São Paulo, podiam finalmente “ver” os acontecimentos na imprensa. O impacto das imagens era flagrante: figuras chegavam a ocupar inteiramente as páginas das publicações, contrastando com a diagramação pesada dos grandes jornais e suas intermináveis colunas de textos (SILVEIRA, 1996, p. 42).

O autor também percebe a importância dada à guerra pela imprensa tradicional, ganhando destaque. Em momentos a imprensa, que se dizia imparcial, dava lugar à opinião, para enaltecer os soldados brasileiros que lutavam na guerra, com ar de oficialismo da parte de alguns veículos. O *Jornal do Commercio*, por exemplo, que costumava publicar na íntegra documentos oficiais do império, inclusive muitas vezes correspondências com informações falsas sobre López e seus aliados. “Havia a clara intenção de exagerar as “atrocidades do tirano” e o “neutro” *Jornal do Commercio* cumpria, primorosamente, com esse objetivo dos chefes militares aliados” (SILVEIRA, 2003, p. 297). Nem a irlandesa Elisa Alicia Lynch, ou Madame Lynch, esposa do presidente paraguaio, escapou dos ataques na imprensa brasileira.

Em 1868 surgiu o *Diário do Povo*, um dos mais prestigiados da época e que servia como combate dos liberais contra conservadores. De 1870 a 1872, apareceram mais de 20 jornais republicanos, movimento que crescia entre a camada culta da sociedade. Um dos principais foi *A República*, que contava com escritos de nomes como Quintino Bocaiuva e Salvador de Mendonça. Com todas as mudanças que aconteciam no país, começou a perceber-se a necessidade de a imprensa acompanhar tudo o que vinha ocorrendo, como explica Sodré:

Questões e reformas refletiam-se na imprensa, naturalmente, a esta ampliava a sua influência, ganhava nova fisionomia, progredia tecnicamente, generalizava seus efeitos – espelhava o quadro que o país apresentava. É a abertura realmente, da segunda fase destacada e fecunda da história da imprensa brasileira, - a primeira fora a da regência (SODRÉ, 1996, p. 223).

As mudanças na imprensa foram tanto técnicas quanto temáticas. Com os avanços da indústria, começava-se a produzir uma maior tiragem das folhas, e os jornais começavam a discutir os assuntos relacionados a escravatura, pedindo a abolição. Além disso, os jornais começaram a depender parcial ou totalmente de anúncios, um desses foi *A Província de São Paulo* (1875). As ideias republicanas

conquistavam também as redações, e este que desde 1890 passaria a ser chamado de *O Estado de São Paulo*, até hoje um dos mais tradicionais veículos do país, também assumiu essa linha.

Com a proclamação da República em 1889, pouco mudou na imprensa. Os grandes jornais se consolidaram e foram poucos os novos que surgiram. Porém, Sodré destaca duas mudanças que aconteciam no final do século: a imprensa tornava-se mais industrial e adotava costumes de uma sociedade burguesa. Já no novo século, a política passou a ser a principal pauta dos jornais, *O Estado de São Paulo* torna-se o grande órgão político. Os outros estados ainda estavam na transição para tornar-se uma imprensa mais industrial e empresarial, mas o tema principal era o mesmo. Paixões políticas que dividiam o país nesse início do século XX refletiam dentro da imprensa. Já a década de 1920 foi marcada pela chegada da imprensa como empresa.

...um período será, daí por diante, empresa nitidamente estruturada em moldes capitalistas. Continuam a aparecer revistas de vida efêmera, literárias ou humorísticas, e jornais de circunstâncias, particularmente para atender injunções originadas da luta política, cada vez mais acirrada, mas são fatos pouco numerados e acidentais, que se esgotam depressa, que consomem rapidamente o capital, mas sempre empresas, e não empreendimentos individuais (SODRÉ, 1999, p. 355).

Um desses novos jornais é a *Folha da Noite*, nascida em 1921 em São Paulo. Nos anos que se seguiam, começaram os movimentos militares que em 1930 subiram ao poder com Getúlio Vargas. E então se dá início também à guerra contra jornalistas. O novo governo logo prendeu políticos e jornalistas e muitos veículos foram obrigados a fechar suas portas, secretários e diretores de jornais receberam instruções sobre o que era permitido noticiar. Segundo Vargas, ele estava lutando contra o comunismo que vinha se infiltrando no país. Nisso, surge uma imprensa oposicionista ao novo governo. Uma delas foi o *Diário Carioca*, que sofreu um ataque de oficiais do exército em 1932. Sodré comenta sobre duas organizações que se consolidaram durante esse governo e deixaram marcas na nação: o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Por meio destes, muitas pessoas foram presas, torturadas, assassinadas e vigiadas (SODRÉ, 1999).

Na década de 1950 começa um movimento de jornalistas que pediam por liberdade de imprensa, mas havia o obstáculo do estado com a censura. O Brasil, que viveu por alguns anos sem um governo militar, em 1964 sofreu mais um golpe de

estado e outra vez as consequências caíram sobre a imprensa. A imprensa, agora contando também com o rádio e a televisão, levantou a voz pedindo pela saída do presidente João Goulart. Os jornais, que já tinham os limites impostos pelos donos dos veículos, voltaram a sentir a censura vinda do governo. Depois de inicialmente reivindicar e apoiar a intervenção militar no Brasil, o *Correio da Manhã* teve importante papel nesse início da ditadura, denunciando as torturas.

Em 1977 formou-se um grupo de jornalistas que deu início ao que ficou conhecido como imprensa alternativa, ou imprensa nanica (MARTINS; de LUCA, 2008). Dali surgiram veículos de curta vida e outros mais duradouros como a revista *Em Tempo*. Estes logo foram tratados como antigovernistas. Com a presença dos censores nas redações durante a ditadura, proibindo determinados temas nos jornais, na grande imprensa as matérias vetadas foram substituídas por poesias ou receitas. Já os jornais alternativos eram enviados à Polícia Federal para serem revisados e só então enviados de volta com os vetos. Segundo as autoras, com a redemocratização em 1985 e a Constituição de 1988, esse modelo de jornalismo terminou, mas no início do século XXI renasceu com blogs e sites por movimentos e organizações específicas. Nos anos 1980 a *Folha de São Paulo* teve importante papel durante os protestos das Diretas Já, quando a sociedade foi à rua para exigir eleições diretas. O jornal serviu como um porta-bandeira das manifestações e logo outros veículos também entraram. A Rede Globo foi o que mais resistiu.

3.2 A IMPRENSA NO PARAGUAI

Após 37 anos de existência da imprensa no Brasil, só então o Paraguai pôde finalmente contar com a produção de um jornal. Quando Carlos Antonio López assumiu a presidência do país, logo percebeu a importância do papel e comprou uma prensa onde foram editados jornais, livros e folhetos. Mas o jornalismo feito naquele momento tinha uma característica, era exclusivamente para a defesa nacional. Durante toda a década de 1850 e 1860 a imprensa paraguaia ficou sob o poder do Estado (JOHANSSON, 2017). *El Paraguayo Independiente* surgiu no dia 26 de abril de 1845, editado pela Imprenta del Estado e fundado e redigido pelo próprio presidente. Esse jornal tinha como propósito o reconhecimento internacional da independência do Paraguai. A última edição foi publicada em 18 de setembro de 1852, após a Argentina reconhecer a legalidade da independência do país vizinho.

Durante sete anos esse foi o único jornal produzido no Paraguai. Só então em 1853 surgiu o *Semanario de Avisos y Conocimientos Útiles*, também editado pela Imprenta del Estado. O *Semanario*, como era conhecido, apesar de também ser um jornal oficial, trazia um conteúdo um pouco diferente do *El Paraguayo Independiente*. Com publicações relacionadas às decisões do governo, crescimento econômico, movimentos de buques e aduanas, e contava também com correspondência, folhetins e crônicas sociais, esse jornal seguiu sendo publicado durante grande parte da guerra, tendo seu fim em 1868. Nesse período também apareceu o jornal *Eco del Paraguay*, um pequeno periódico de quatro páginas e que viveu apenas dois anos. Em 1860 nasceu a primeira revista literária, *La Aurora*, trazendo os assuntos mais variados. Essa revista foi redigida a princípio por alunos de Filosofia, da escola fundada por Carlos López.

A Guerra do Paraguai foi muito importante também para história da imprensa no Paraguai. Nesse período surge o que foi denominado como jornalismo de trincheira ou combatente, dando origem a quatro jornais: *El Centinela*, *Cabichu'í*, *Cacique Lambaré* e *La Estrella*. Esses jornais eram produzidos pelos soldados paraguaios, tinham um linguajar popular, com seções em guarani e se caracterizavam por expressar por caricaturas e humor os acontecimentos das trincheiras. Além disso, a falta de entrada de materiais no país, fez com que pela primeira se fabricasse papel no Paraguai. Engenheiros ingleses contratados por López conseguiram produzir o material com fibra de caraguatá, uma espécie de arbusto que cresce naquela região (BOSIO, 2008). O material deixou de ser produzido após a guerra, mas chama a atenção pela qualidade e durabilidade. Todos eles eram produzidos pela Imprenta del Estado e antes de sua publicação passavam pela autorização do presidente López, “o qual lia tudo que seria publicado” (TORAL, 2001, p. 68). Ele também se encarregou de distribuir gratuitamente por todo o país a estes jornais de guerra (JOHANSSON, 2017).

Com os avatares da Tríplice Aliança se mantinham as publicações e surge um jornalismo mais criativo, que é o “combatente” e que cumpre a missão de elevar a moral do povo e sobretudo a dos soldados. Estas publicações de caráter popular estão orientadas a fazer propaganda a causa do Marechal López e a exaltação da sua figura (BOSIO, 2008, p. 97, tradução da autora).

Esse jornalismo que foi criado com um fundo popular, sendo lido em grupos, com imagens para facilitar a compreensão de quem não sabia ler e introduzindo o

guarani, foi um dos responsáveis por fazer com que o idioma voltasse a ser considerado como língua oficial, como conta Johansson:

Se durante a paz, o governo paraguaio tinha imposto o castelhano como a língua da burocracia, proibindo o guarani nas escolas e na administração; durante a guerra, o idioma majoritário começou a ser considerado como a língua nacional. A aparição da imprensa em guarani além de significar uma revalorização do indígena, permitiu aos jornais de guerra estender o alcance (2017, p. 97, tradução da autora).

Com o fim da guerra, uma nova constituição que nasce em 1970, conta com um artigo que garante liberdade de imprensa, para que as pessoas pudessem publicar suas ideias sem sofrer censura. Porém, nesse momento, não surge nenhum grande veículo independente, mas sim jornais que duraram pouco tempo e tinham um viés político-partidário. Surgem os dois principais partidos políticos do Paraguai, a Asociación Nacional Republicano, Partido Colorado; e o Centro Democrático, o Partido Liberal, ambos com uma linha doutrinária liberal. Com isso se destacam dois jornais que eram as vozes destes partidos: *La Regeneración* (1869), jornal liberal inspirado na Revolução Francesa, que contou com a primeira mulher jornalista do país, Asunción Escalada; e *La Voz del Pueblo*. Como o país ainda estava tomado por soldados brasileiros, surgiram também alguns jornais em português, a serviço do exército imperial, estes foram *El Cabrión* e *A Gaceta Brasileira*.

Na chegada do século XX, a cobertura jornalística melhorou, mas continuou ainda muito polarizada e envolvida com a política. Beatriz Gonzáles Bosio lembra que nesse período foi criado também o Círculo de Prensa, reunindo jornalistas que lutaram pela liberdade da imprensa:

Esse Círculo foi uma primeira tentativa de associação de quem em efeito exercia o jornalismo no país. É uma pena que não teve uma vida mais continua pois os apontamentos anotados naquele momento continuaram sendo centrais aos interesses dos jornalistas por muito tempo. Como se nota, entre os assinantes estavam indivíduos de diversas linhas partidárias que assim tentaram se unir para defender os interesses comuns da imprensa livre (2008, p. 181, tradução da autora).

Com a Guerra do Chaco, o jornalismo de trincheira voltou a ser produzido, mais uma vez com a intenção de distrair aos soldados. Nasce também nesse momento a *Rádio Imprensa*, com boletins diários, com a intenção de intensificar a propaganda da guerra e manter o espírito patriótico da sociedade. Já com o pós guerra e a nova constituição de 1940 e um governo mais autoritário, a imprensa sofreu as

consequências, com o governo controlando os jornais. No dia 22 de outubro de 1941 foi sancionado o decreto de lei Nº 9351 que deu origem ao Departamento Nacional de Prensa y Propaganda (DENAPRO). Responsável pela fiscalização e controle de jornais, teatros, cinema, atividades recreativas e esportivas, literatura, política e serviços de turismo (BOSIO, 2008). A censura que existia naquela época causou uma crise econômica dentro das empresas jornalísticas. Quem não se ajustava a esse novo modelo, corria o risco de ser obrigado a vender o local. O jornalismo da época estava centralizado na capital, como observa Bosio: “Os problemas de Assunção se convertiam em problemas nacionais” (2008, p. 212, tradução da autora).

Quando Alfredo Stroessner foi destituído com o golpe de 1989, houve um impacto em relação à liberdade de expressão. Os veículos que antes estavam fechados devido à censura foram reabertos e o governo deixou de ter qualquer tipo de controle sobre os meios. Nisso aconteceu algo denominado “destape”, o que segundo Bosio resultou em uma imprensa irresponsável, atuando de forma sensacionalista, apenas pensando em conquistar sua audiência. Porém, alguns jornais que surgiram durante esse período podem ser destacados, como o *ABC Color*, de agosto 1967, que é até hoje um dos principais veículos de comunicação do país vizinho. O *ABC* foi o primeiro jornal do Paraguai que não abraçou nenhuma causa partidária desde seus primórdios e foi o primeiro a contar com profissionais que se dedicavam apenas ao jornalismo. Assim também o *Última Hora*, que nasceu como imprensa independente.

4 PARA ENTENDER O IMAGINÁRIO SOCIAL

Se fizermos uma rápida pesquisa sobre imaginário, o primeiro significado encontrado é “criado pela imaginação e que só nela tem existência” (Google). Porém, quando estudamos os conceitos de imaginário, percebemos que vai muito além disso. Tudo o que vemos, ouvimos e aprendemos refletem em nossa noção de realidade de mundo e no que acreditamos ou deixamos de acreditar. O nosso entorno molda a nossa visão do real e irreal. Uma criança, por exemplo, acredita na existência do Papai Noel, porque os pais dizem que ele existe. Assim com todas as informações que essa criança vai recebendo ao longo da vida sobre o velho que mora no Polo Norte e sai na noite de Natal para entregar presentes, molda em sua imaginação a imagem dele e tudo o que envolve a história.

Para entender um pouco da psicologia do imaginário começamos por Sigmund Freud. Ele observava o imaginário por meio da psicologia das profundezas como um desejo do inconsciente que se manifesta no consciente. Já Carl Gustav Jung surge com o conceito de inconsciente coletivo, onde ficam guardadas as memórias milenares de toda a humanidade, formando arquétipos ou imagens primordiais que são traduzidas por meio de sonhos e mitos. Esses arquétipos trazem consigo uma carga emocional que são expressas por meio da psique e durante o decorrer da vida (BERTIN, 2016).

Um dos principais teóricos do estudo do Imaginário foi Gilbert Durand (apud BERTIN, 2016), que defendia que devemos “compreender o real a partir do irreal”. Ou seja, entender a forma de ser e pensar do ser humano através de imagens. Durand surge com um dos principais conceitos desse tema, o Imaginário Social. O autor defende que tudo o que diz respeito aos nossos costumes e tendências sociais vem desse imaginário:

...As condutas humanas, os marcos sociais (a arquitetura, o hábitat, o urbanismo, a moda, a festa, os meios de comunicação cultural, as instâncias da vida social) organizam-se também em função de um imaginário que não deixa de povoá-los e cuja análise deve provocar a emergência. Originam-se o tempo todo nos mitos atualizando-os incessantemente, conjugando-os conforme a moda da época, à revelia de um pensamento apenas “historicista”, embora Gilbert Durand esteja longe de desprezar a história (BERTIN, 2016, posição 296).

No Brasil um dos teóricos mais importantes sobre o assunto é Juremir Machado da Silva, que defende que “o imaginário não é o que imaginamos, mas o que nos

imagina” (SILVA, 2016, posição 858). Não é apenas um fruto de nossa imaginação, tudo é imaginário, inclusive o que entendemos como real. Voltando assim para Durand, quem defendia que essa é uma atividade capaz de fazer transformações em nosso mundo. Além disso, Silva também coloca como uma das formas de comunicarmos, com nossos diferentes tipos de linguagens. Os conhecimentos que trazemos dentro do imaginário influenciam diretamente em nosso comportamento, porém ele ainda pode ser considerado como uma ilusão que pode vir a ser o sentido existencial. O imaginário é carregado de imagens, emoções, afetos e muito mais, mas ele vai muito além disso tudo, por isso Silva (2018) percebe a subjetividade que se relaciona com o termo, com sua narrativa das experiências que revelam coisas sobre os diferentes grupos sociais. Por isso é importante “entender esse conceito porque ele é útil para tentar compreender como nós vivemos e como se estrutura nossa relação com a sociedade e com uma parte essencial da sociedade que é a cultura.” (SILVA, 2018, p. 6).

Silva ainda traz um quarto elemento relacionado ao imaginário, o “termo horizonte”. Com esse conceito se explica o imaginário como uma forma de orientação, mostrando verdades profundas, mas não definitivas. Colocando o imaginário como algo possível de ser visto, mas impossível de ser alcançado. Ainda pode-se dizer que é uma narrativa sem origem, pois não há como saber onde, como ou quando se deu origem aos saberes do imaginário social.

O imaginário é como um totem ou um álbum de imagens, um álbum de figurinhas, em torno do qual os “nativos” – nós todos – vibram em consonância num ritual de evocação do passado para gozo no presente e omissão do futuro. No imaginário, tudo se interpenetra sem que haja paternidade terrena (SILVA, 2016, posição 955).

Para Durand, o imaginário é como se fosse uma espécie de museu onde ficam acumuladas imagens do passado que são produzidas em situações sociais. Para entender sua formação e como conecta as pessoas é necessário entender os diversos fatores que permeiam o entorno, como a sociedade em que cada pessoa está inserida. Tonin e Azubel explicam que o imaginário se constitui quando os seus conteúdos – sonhos, desejos e mitos – transformam-se em uma teatralização social. Michel Maffesoli (apud TONIN, AZUBEL, 2016) traz um aspecto de pertencimento social ao tema, visto como algo coletivo que se faz presente nos mais diversos aspectos do dia a dia e não deve ser confundido com cultura. A cultura é vista como uma prática, já o

imaginário um elemento de vínculo social característico de cada cultura, o qual alimenta ao primeiro. Percebe-se ainda uma “...relação incessante entre a subjetividade e as intimações objetivas...” (TONIN, AZUBEL, 2016, posição 1075) dentro do imaginário.

A forma como a sociedade de cada época vive é o que determina quais serão os valores a serem seguidos dentro dela. E esses estilos de vida vão e vem, entrando em períodos que Mafessoli chama de período de dominância estática e período de dominância dinâmica (TONIN, AZUBEL, 2016). Coelho, Stoduto e Bueno (2016) explicam essa comunhão entre pessoas dentro de uma sociedade através do imaginário social da seguinte maneira:

...as imagens perpassam essa relação mundana com o outro e são animadas pelo vitalismo do cotidiano. De tal modo que, a verdadeira inteligência do social está na sua própria capacidade de ligação, de religação de todos os pontos, inclusive os do imaginal. Cada sociedade encontra suas formas, seus ritos, seus comportamentos próprios de se unir; de se religar ao outro (posição 1701).

Uma das manifestações do imaginário é o símbolo. Kurtz e Weber observam que “ele é uma das formas de consciência que permitem representar o mundo.” (2016, posição 1822). O que segundo Durand (apud KURTZ, WEBER, 2016) acontece quando a imagem de um objeto não pode ser vista concretamente, sofrendo uma “re(a)presentação”.

Assim, os símbolos são construções culturais nunca decifráveis diretamente, mas compreendidos em sua totalidade, por um sentido que o une a um contexto sócio-histórico. Logo, a partir da circulação da mesma em diversas culturas é possível buscar o entendimento de seus valores, suas verdades, seus desejos, seus mistérios (KURTZ, WEBER, 2016, posição 1831).

Para Durand, o imaginário se forma através dos acontecimentos da história do mundo ao longo do tempo, ou seja, os símbolos que formamos dentro de nosso inconsciente surgem a partir de um conjunto de imagens que vemos em nosso meio. Porém, Mafessoli, que é um dos seguidores de Durand, defende que o ciclo acontece de forma contrária, as imagens sendo formadas através do imaginário (COELHO, STODUTO, BUENO, 2016). Muito mais como um resultado daquilo que trazemos no inconsciente do nosso imaginário coletivo. Observando todo esse resultado de imagens formadas através de experiências no mundo exterior, Laplantine e Trindade argumentam que “a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma

faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo” (1997, p.10 apud RODRIGUES, dos SANTOS, 2018, p. 6).

4.1 A FORMAÇÃO DE PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS

Os estereótipos são imagens preconcebidas que formamos de determinadas situações ou pessoas. Isso acontece quando diferentes grupos têm contato devido a algum tipo de deslocamento, por isso, pode-se dizer que a formação destes vem de muito tempo (BRITO, BONA, 2014). Quando tratamos desse tema, entramos no campo das representações sociais. Para formar essas imagens dentro da mente, são vários os fatores influenciando, como nossas crenças. Elas marcam as diferenças entre “nós” e o “outro”, contando algo sobre este sem sequer ter contato direto com ele. Esse mecanismo faz com que nossa visão seja limitada, mas também causa uma sensação de pertencimento ao grupo do qual fazemos parte, como explicam Rodrigues e dos Santos:

Devido à quantidade de informações no mundo, na maioria das vezes, não vemos e depois definimos, mas o inverso. Isso se dá pelo que a cultura do grupo do qual se faz parte considera estereótipo em relação a outro grupo social. Logo, o estereótipo se manifesta como um fragmento distintivo entre grupos, facilitando a compreensão da diferença, uma vez que não há tempo para contatos mais próximos, o que nos leva a identificar uma característica já conhecida e preencher a imagem com os estereótipos que trazemos conosco (2018, p. 2).

Os autores explicam que, de acordo com Lippmann, existem duas noções diferentes de estereótipos. No primeiro o estereótipo é visto como uma forma de processar informações. Seria como ver um traço específico e com isso já formular imagens sobre aquilo em nossa mente. E pelo outro ele serve para organizar as diferenças dentro da sociedade, como se fosse um sistema de defesa das tradições (RODRIGUES, dos SANTOS, 2018). O estereótipo traz consigo sentimentos, isso explica o fato de as representações não serem simétricas, mas sim tendenciosas. E essas imagens estereotipadas que carregamos, vem de gerações, para Lippmann isso é quase biológico. Pois da forma como os pais aprendem, assim ensinam os filhos e dessa forma vai sobrevivendo ao longo da linha do tempo.

As informações sobre pessoas, culturas e lugares se perdem no meio do caminho quando surgem por meio de estereótipos, porém recebem mais significados e sentidos por ser mais fácil de identificar.

Positivos ou negativos, como modelos ou esquemas culturais simplificadores e fixos, com o timbre de verdade, criam a possibilidade da pronta identificação de um elemento dentro de um processo comunicacional, facilitando a linguagem, mas colocando em risco o caráter poliédrico de fatos, pessoas e grupos sociais, podendo servir como fermento para preconceitos e racismos (RODRIGUES, dos SANTOS, 2018, p. 4).

O sentido de real se forma através de signos e símbolos, aos quais o ser humano o interpreta como realidade percebida. O Imaginário faz parte desse campo, onde produz imagens e através de signos passa a existir (Rodrigues, dos Santos, 2018). Os autores ainda observam os estereótipos como ecos do imaginário, afetando a vida em sociedade, um interpretando o outro. Cada grupo tendo o seu próprio imaginário com os estereótipos característicos, criando uma identidade daquele grupo. Mas podem também criar representações do outro que causam estranheza e preconceitos. Então, estereotipar o outro serve como uma forma de se encontrar como pertencente do seu próprio grupo, porém é um movimento que pode deixar consequências de largo prazo (BRITO, BONA, 2014).

4.2 O PESO DO IMAGINÁRIO SOCIAL NA MÍDIA

Em entrevista para a Intexto – publicação quadrimestral do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) –, Juremir Machado da Silva explica que é importante trazer os conceitos do imaginário para a comunicação, simplesmente por este ser uma comunicação. Devido a toda a midiatização e tecnologia que nos rodeia, vivemos em uma época da “comunicação por excelência”. Antes disso tudo, o imaginário era mais espontâneo e autoproduzido. Já nesse período acaba sendo induzido pelo que o autor nomeia como tecnologias do imaginário, passando por todos os meios, alimentando essa esfera simbólica do imaginário social (SILVA, 2018).

O imaginário, carregado de seus mitos e lendas, pode ser visto como algo distante do jornalismo e toda sua objetividade que se recusa a fugir da realidade. Mas toda essa misticidade dessas imagens muitas vezes está naquilo que percebemos como real. Muito do que é concebido no imaginário provém da cultura popular, com informações que são passadas muitas vezes de forma oral, tornando-se tradição (COSTA, 2012). Silva explica que existem várias camadas de realidade, as primárias são aquelas indiscutíveis. Há também construções de realidade e por isso estamos constantemente em confronto com o nosso próprio eu tentando descobrir o grau de

realidade de tudo o que vivemos (SILVA, 2018). O autor ainda afirma que o imaginário faz parte do nosso dia a dia e isso pode ser observado também no jornalismo, pois na profissão deve-se transformar o ordinário em extraordinário, e “o imaginário é esse extraordinário, quando algo transfigura esse ordinário” (idem p. 9).

Para Kurtz e Weber, “é no plano do imaginário que os processos comunicacionais ocorrem” (2016, posição 1813). Brito e Bona explicam, citando Norman Fairclough, que para entender os diferentes tipos de discursos é necessário entender o contexto de produção, circulação e consumo.

...A necessidade de repetição dessa falsa verdade remonta à necessidade de afirmação e de legitimação da impressão mais interessante aos interesses de quem profere o estereótipo. {...} O estereótipo serve, então, a relações de poder que, em diferentes cenários, colocam grupos sociais em posição mais privilegiadas que outros (BRITO, BONA, 2014, p. 21).

A todo instante, no universo dos meios de comunicação massificada, ideias são bombardeadas aos seus leitores, ouvintes ou telespectadores. O que pode ser transformado em ideologia, seguida da ação. Esse conteúdo não tem como ser observado por números, mas sim na qualidade desse produto entregue. “É essa totalidade de vetores atuando de vários lados sobre um mesmo sujeito que formam o efeito geral. Isso, de fato, não se capta facilmente. Impossível separar cada um e medir a força individual. É o complexo que age” (FILHO, 1985, p. 95).

Maffesoli percebe os aparelhos tecnológicos que temos a nossa disposição como formas de alimentar o imaginário e a internet como a ferramenta capaz de fazer esse vínculo (TONIN, AZUBEL, 2016). Além disso, nesse mundo pós-moderno, essa técnica permite uma comunicação horizontal, unindo o todo.

O imaginário é a partilha, com outros, de um pedacinho do mundo. A imagem não passa disso: um fragmento do mundo. A informação serve, então, para fornecer elementos de organização do puzzle de imagens dispersas. Assim, as tribos de cada cultura, partilhando pequenas emoções e imagens, organizam um discurso dentro do grande mosaico mundial (MAFFESOLI 2004, p. 26 apud TONIN, AZUBEL, 2016, posição 1113).

O imaginário com suas redes e tecnologias acaba formando conexões. São diferentes as formas de manifestação, através de meios, técnicas e expressões, o que se carrega no imaginário social. Em cada período da história as formas do imaginário são marcadas por aquele momento, técnicas manipuláveis sempre se fazem presentes nesse âmbito (TONIN, AZUBEL, 2016). Juremir Machado da Silva em

Raízes do Conservadorismo Brasileiro a Abolição na imprensa e no imaginário social, mostra o papel que imprensa teve durante o Brasil império na luta pela abolição da escravatura e como o imaginário social da época influenciou em todo o processo, tanto contra como a favor do movimento.

O lento trabalho de conquista do imaginário foi acelerado com a adesão da imprensa à causa abolicionista. Não se pode dizer que a imprensa foi, enfim, tomada de assalto pelos abolicionistas. É mais justo afirmar que, aos poucos, criou-se uma imprensa abolicionista expressamente para a luta que se travava. Cada argumento utilizado teria o valor de uma infiltração. O fio de água tornou-se, enfim, uma enchente (SILVA, 2017, p. 171).

Outro exemplo do poder do imaginário dentro da imprensa são as ilustrações caricatas durante a Guerra do Paraguai. Através das imagens que estão sempre atacando alguém, podendo assim alimentar o imaginário social (SILVEIRA, 1996). Durante a guerra, revistas e periódicos ilustrados foram usados como arma, tanto do lado brasileiro como do paraguaio. No Brasil, ao lado do imperador D. Pedro II mostrando o Paraguai como um país quase inexistente no mapa, mas principalmente alterando a imagem do presidente Solano López como um ditador déspota. Já no lado paraguaio, produzidos pelos próprios soldados, as ilustrações cumpriam um papel de distração para as tropas paraguaias, mostrando os seus valores e atacando aos soldados brasileiros.

O arsenal humorístico foi usado bem longe dos campos de batalha e certamente não teve efeito imediato na massa de analfabetos que habitava o país. Mas não se pode ignorar seus reflexos no imaginário social brasileiro. Para dimensioná-los, torna-se necessário aferir como a imagem foi desenhada por nossos caricaturistas. E tentar descobrir se ela reforça – ou não – uma conhecida história oficial (SILVEIRA, 1996, p. 53).

Com todos os conceitos teóricos explicados, pode-se prosseguir para a parte mais prática do trabalho. Com os métodos da análise de conteúdo, se buscará entender a forma que o Paraguai é retratado pela imprensa brasileira. Para isso, serão estudados quatro veículos sobre cinco assuntos diferentes.

5 METODOLOGIA

A Análise de Conteúdo é um método de pesquisa que se usa de uma série de instrumentos metodológicos, visando encontrar o que está escondido dentro de determinado discurso a ser estudado. Ao realizar esse método o investigador precisa fazer uma dupla leitura do objeto estudado, com um olhar mais atento. A principal autora deste assunto, Laurence Bardin, afirma ainda no prefácio do livro “Análise de Conteúdo” (1995), que o estudioso deve assumir a função de detetive, espião.

Bardin observa que antes das técnicas modernas de análise, que surgem por meados do século XX, já se estudavam textos de forma semelhante. A hermenêutica, por exemplo, há muito já interpreta os textos sacros de forma minuciosa, ou até mesmo a retórica e a lógica que surgem na Grécia Antiga. Já no início do século XX essa análise começou a se desenvolver nos Estados Unidos, analisando essencialmente materiais jornalísticos, com estudos quantitativos, medindo, por exemplo, o grau de sensacionalismo dentro dos veículos. Por volta do final dos anos 40, os americanos B. Berelson e P. Lazarsfeld, começaram a elaborar as regras de análise dessa metodologia, observando que a finalidade desta é descrever de forma objetiva, sistemática e quantitativa o conteúdo estudado (BARDIN, 1995).

Essa análise se caracteriza por um conjunto de técnicas que exigem um olhar crítico do investigador, o qual deve se desfazer de sua subjetividade. Buscar enxergar além daquilo que se vê à primeira vista. Podendo-se dizer que o método conta com dois objetivos: a ultrapassagem da incerteza, ao estar ciente de que o que eu acredito que estará escondido no meu objeto pode na realidade não estar; e o enriquecimento da leitura, visando realizar não apenas uma leitura simples, mas fazer mais de uma leitura, de forma atenta. Em meu caso, isso é um ponto importantíssimo a ser aplicado. Como paraguaia, carrego minhas crenças e opiniões sobre como observo a forma com que o meu país de origem muitas vezes é abordado. Para seguir com a pesquisa, é necessário que me desfaça das minhas próprias visões e esteja aberta a ver o novo, sabendo que posso me surpreender com os resultados.

Tudo o que ouvimos e lemos pode ser objeto de estudo dentro da análise de conteúdo. Mas para isso é necessário definir o que estamos buscando dentro do objeto. Lindzey observa em “Handbook os Social Psychology” que com a técnica se descreve, através de evidências com objetividade, conteúdos que se mostravam subjetivos. Já Berelson ainda enfatiza que a finalidade da investigação nada mais é

do que interpretar a mensagem comunicada. E ainda traz uma série de regras que devem ser seguidas para que a análise seja válida: homogêneas, exaustivas, exclusivas, objetivas e adequadas ou pertinentes.

Ao usar a análise de conteúdo, o analista deve delimitar as unidades de codificação ou de registro. Assim ele escolhe algum elemento específico que irá buscar dentro do material estudado. Ou então, pode também estudar diferentes elementos, buscando sentido ao uni-los, isso seria a análise categorial. Outro ponto importante é a inferência, que nos ajuda a chegar a conclusões através de leituras e estudos.

De forma resumida, esse método se divide em três momentos. O primeiro é a pré-análise, fase de organização, onde se escolhem os documentos a serem estudados e se formula as hipóteses e objetivos, olhando para o meu projeto, aqui é onde escolho os jornais e matérias de cada veículo que serão analisadas. O segundo momento é a exploração do material, fase de codificação do objeto, aqui devo estudar cada um dos materiais escolhidos, de forma atenta, observando cada palavra, buscando a mensagem que está por trás daquilo que é visto em uma primeira leitura. E por fim o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, onde após o estudo de todos os materiais o analista pode chegar a uma conclusão final. Onde em meu caso, devo chegar a uma conclusão se a imprensa brasileira tem sido ou não um instrumento propulsor de estereótipos em relação ao Paraguai, acentuando o imaginário social.

Tendo em vista saber como a imprensa brasileira retrata o Paraguai, a Análise de Conteúdo parece ser a melhor metodologia de estudo, pois serão estudados materiais jornalísticos ao longo da história: guerra do Paraguai, Tratados de Itaipu e MERCOSUL, contrabando e brasiguaios. Sendo necessário observar cada palavra utilizada para mencionar o país, tentando entender se essas palavras podem ou não serem propulsoras de estereótipos sobre a nação vizinha, sendo uma opção a análise categorial, a qual segundo Bardin “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”. Ou seja, como dito antes, deve-se analisar os textos palavra por palavra.

Por se tratar de um estudo sobre imaginário e preconceito, a Análise de Avaliação também deve ser adotada. Esse método surge em 1956 por C.E. Osgord, com objetivo de “medir as atitudes do locutor quanto aos objetivos de que ele fala”. Bardin explica que todos nós temos opiniões sobre os mais variados assuntos,

fazendo com que formemos juízos de valor. Assim, a ideia é encontrar as bases de atitudes que se escondem em manifestações verbais, avaliando também a direção e a intensidade destes juízos. Para isso, primeiro se deve separar os objetos de atitude dentro do texto, que vem a ser o sujeito a ser estudado, no caso, o Paraguai. Seguindo com os termos avaliativos com significação comum, ou seja, termos que qualifiquem de forma positiva ou negativa o objeto. E por fim os conectores verbais que conectam ambos.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como já dito, por meio da análise de conteúdo buscou-se examinar os materiais coletados de forma muito minuciosa, tentando encontrar as nuances que podem passar batidas em uma simples leitura. Tendo como tema a forma como o Paraguai é retratado pela imprensa brasileira, observando possíveis características de preconceitos marcados pelo estereotipo social, escolheram-se cinco assuntos: a Guerra do Paraguai, o Tratado de Itaipu, o Tratado do MERCOSUL, o contrabando, e os brasiguaios. A escolha desses temas se deu pela importância destes tanto na história como nas relações entre o Brasil e Paraguai. Após essa definição de episódios, foi feita a escolha dos veículos a serem pesquisados.

Para a falar sobre a Guerra do Paraguai foi escolhido apenas um jornal, o *Paraguay Ilustrado*, um semanário de 1865, período da Guerra, já que os demais presentes neste TCC não existiam à época. O periódico contou com apenas 13 edições em um período de aproximadamente três meses. Além deste, para os outros temas, foram escolhidos três veículos, um de repercussão nacional, outro estadual (RS) e outro do Paraná, região que faz fronteira com o Paraguai. O jornal de veiculação nacional escolhido foi *O Estado de São Paulo*, ou mais conhecido como *Estadão*. Um dos principais jornais do país, o qual, como mencionado antes, surgiu em 1875 como *A Província de São Paulo*, mudando de nome em 1890, logo após a troca de Império para República, sendo peça partícipe na luta pelo fim da monarquia e da escravidão no país. Seus primeiros redatores foram Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos. Já o jornal gaúcho escolhido foi a *Zero Hora* (ZH), um dos mais tradicionais do estado, que circula desde 1964. Desde 2017 conta também com versão digital, chamada *Gaúcha ZH*, onde é possível encontrar conteúdo da ZH e da *Rádio Gaúcha*, ambas pertencentes à Rede Brasil Sul de Comunicação (Grupo RBS). Já olhando mais para a região de fronteira, o veículo escolhido foi o jornal curitibano *Gazeta do Povo*. O jornal nasceu em 1919, pelas mãos dos advogados Oscar de Plácido e Silva e Benjamin Lins, com o intuito de “defender interesses gerais da sociedade”. Em 2017 a *Gazeta*, que é considerado como um dos mais tradicionais do Paraná, passou a ser totalmente online e digital, limitando sua versão impressa às edições de fins de semana. O jornal faz parte do grupo GRPCOM, presidido por Guilherme Döring Cunha Pereira e tem a direção da unidade de jornais de Ana Amélia Cunha Pereira Filizola.

As edições do *Paraguay Ilustrado* foram acessadas pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. A coleta de matérias do *Estadão* foi feita toda através do acervo online disponibilizado no site do jornal, sendo escolhidas matérias desde a década de 1970 até os dias de hoje. Já com a *Zero Hora*, por não contar com um acervo online, parte das matérias selecionadas são do site *Gaúcha ZH* e outras conseguidas por meio do *Centro de Documentação e Informação* (CDI) da ZH. Por causa da pandemia do coronavírus, não foi possível ter acesso a todo o material de acervo, por isso o material estudo é datado a partir de 1999. Já em relação à *Gazeta do Povo*, não foi possível ter acesso a nenhum tipo de acervo, por isso foram utilizadas matérias disponíveis no site, em geral encontradas a partir da metade da primeira década dos anos 2000.

Tendo o acesso a esse material, foi feita uma primeira seleção de cerca de 180 matérias sobre os assuntos escolhidos. Foi-se afinando o número de matérias, considerando o tempo entre cada uma e a relevância do assunto abordado, chegando-se assim a cinco matérias de cada veículo nos assuntos Guerra do Paraguai, Itaipu e brasiguaios, e 4 com Mercosul e contrabando. Chega-se, assim, a um total de 59 conteúdos estudados. Tendo tudo isso muito bem definido, se deu início então à análise atenta de cada um dos materiais, marcando cada referência ao Paraguai, pessoas importantes do país e costumes.

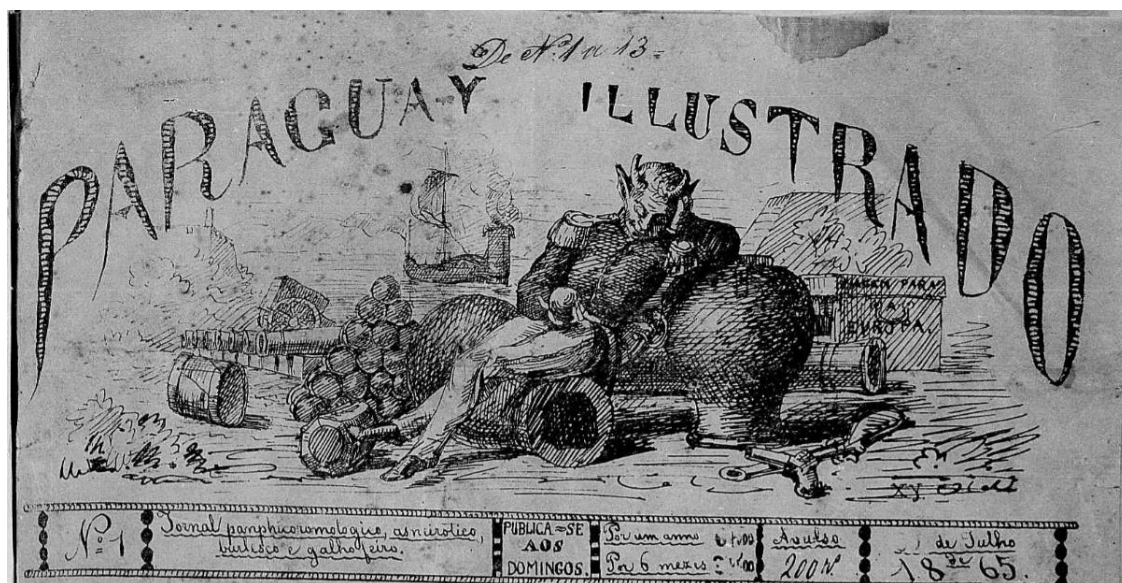
6.1 A GUERRA DO PARAGUAI

Como comentado no subcapítulo 2.4, a Guerra do Paraguai foi um dos acontecimentos mais marcantes da história do Paraguai, senão o mais marcante. Assim também nas relações entre Brasil e Paraguai. E como observado no capítulo relacionado à história da imprensa, o jornalismo desempenhou um papel importante durante a guerra, sendo usado inclusive como uma espécie de arma contra o adversário. Isso tanto em relação à imprensa do Brasil contra o Paraguai, como o contrário. Mas como o tema aqui abordado é o Paraguai na Imprensa Brasileira, escolheu-se o periódico *Paraguay Ilustrado*, que circulou por cerca de três meses pelo Brasil no ano de 1865, enquanto ocorria a Guerra do Paraguai contra a tríplice aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai.

Esse veículo, que nasceu justamente como uma forma de ataque contra o Paraguai, mostrando uma imagem distorcida do país, conta com pouco texto em suas

13 edições. A folha foca mais em ilustrações, onde o presidente, comandantes e soldados paraguaios são mostrados de forma animalesca e deturpada desde sua primeira edição, publicada no dia 18 de julho de 1865, quando a guerra não tinha completado um ano ainda. Este não contou com textos, apenas charges e suas legendas. A primeira imagem que aparece, e se repete em todas as outras como cabeçalho do jornal, é a de um homem com chifres, sentado sobre o que se parece com um canhão e escorado em outro, pelo o que dá entender seria este o presidente López. A primeira ilustração após a capa vem a ser então de um animal, aparentemente um rato, se olhando em um espelho, e apesar da letra difícil de entender, a legenda se refere a López, dizendo “Lopez durante a sua – convenção – na Europa”. Outra imagem que chama a atenção é a última da página dois, onde aparece um homem em trajes de general e com cabeça e patas de burro, este sendo identificado como o ministro de Guerra do Paraguai.

Figura 1 - Paraguay Illustrado primeira edição



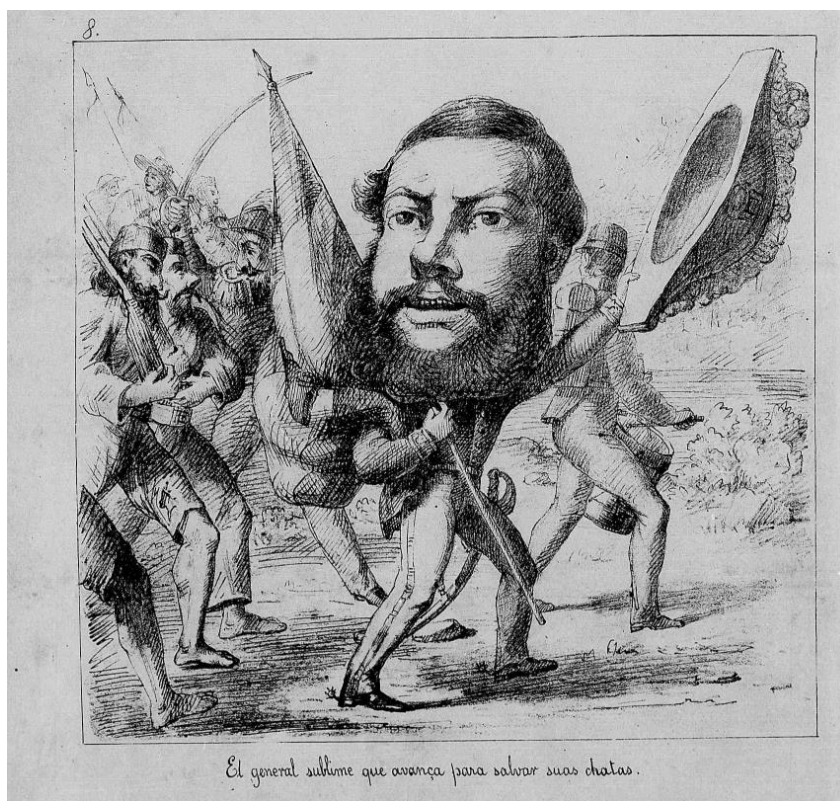
Justamente por não ter muito texto nesta primeira edição, que se optou por começar a análise mais a fundo a partir da segunda, do dia 6 de agosto de 1865. A partir dessa, o *Paraguay Illustrado* passa contar com um texto logo em sua primeira página, o que parece ser uma espécie de editorial do veículo. Em outras edições também foram publicados outros pequenos textos, alguns como uma espécie de correspondência ou então de diálogos. Observando esses fatores, é perceptível que o jornal entra muito mais em um campo satírico do que informativo. Das cinco matérias selecionadas para se fazer a análise, foram marcadas 102 referências ao Paraguai e

seus compatriotas. O mais citado é Solano López, de diferentes maneiras, como “Generalito”, que aparece quatro vezes. A grande parte das atribuições dadas é de forma negativa, e nas que aparentam ser algo positivo, geralmente é com certo tom de sarcasmo.

Já na abertura do texto da segunda edição do *Paraguay Ilustrado*, no título é avisado que o jornal é simpático, pois “Paraguay – é sinonimo – de BURLESCO”. E ainda mostra o que motivou a criação do jornal, que veio para causar escárnio perante as “ridículas ações do – generalito – Lopez”, com a pretensão de imortalizá-lo. Seguem pedindo ajuda do público perante as dificuldades, principalmente de falta de recursos. Na segunda página começam a aparecer as ilustrações. Primeiro um quadro com duas, na primeira aparecem três homens, um deles vestido com trajes de general sendo carregado por outro em uma espécie de carrinho de mão, enquanto o terceiro segue a frente segurando um sino e uma ferramenta. A legenda dessa primeira charge diz “El supremo tyrano de visita a fortaleza de Humaitá”. Já a imagem ao lado mostra um grupo de homens com instrumentos musicais e partituras, todos com o rosto animalesco. A legenda: “Concerto de amadores cantando no Paraguai por ocasião da victoria alcançada pela sua armada em Riachuelo”. Já na terceira ilustração desta página aparece uma carruagem com um canhão no teto, ao lado um soldado de pés descalço. Em frente à carruagem aparece outro homem mais bem vestido, com pernas que lembram patas de galinha e andando com a ajuda de muletas. Essa imagem traz a legenda “Tudo no Paraguay é coxo... até os generais”.

Já entrando na terceira página, aparece ilustração de uma barba com diversas orelhas penduradas, descrita como a nova condecoração do “Generalito”, pela selvageria dos paraguaios. Na mesma página ainda conta com a imagem de um homem parado em sentinela, armado e entre canhões, sobre ele voam dois demônios. Na última página aparece uma imagem de soldados em campo de batalha, entre eles está o general Lopez, com uma cabeça gigante, desproporcional ao tamanho do corpo, carregando a bandeira do Paraguai. A legenda dessa imagem diz “El general sublime que avança para salvar suas chatas”. A partir dessa edição, o final de cada publicação passa a conter também um enigma na quarta página, quem conseguisse desvendá-lo até a edição seguinte, receberia a folha de graça por seis meses.

Figura 2 - Ilustração de Solano López na quarta página da segunda edição do *Paraguay Illustrado*



Já na quinta edição, do dia 27 de agosto do 1865, a guerra contra o Paraguai é compreendida como uma “causa bem fácil”. Acreditavam que o Paraguai poderia ainda ocupar algumas cidades, mas os soldados brasileiros facilmente conseguiriam derrotá-los. Pelo tom do texto, se dá a entender que para os responsáveis pelo *Paraguay Illustrado*, a guerra logo terminaria, mesmo não tendo completado o primeiro dos seus cinco anos. Não viam como triunfo as invasões feitas e os assassinatos, mas ainda buscavam trazer ânimo à população e aos soldados, recomendando que se desse ouvidos ao imperador. Na segunda página aparecem dois homens, um tocando um tambor e o outro uma gaita de fole, sendo explicado que com isso executavam o hino de López. Seguido pela ilustração de uma criança de braços abertos rodeada de três adultos, explicando que aquela imagem servia para provar o patriotismo paraguaio, com um menino de cinco anos que se despede da família, após se oferecer voluntariamente para lutar pela pátria.

No topo da terceira página surge a imagem de um homem com cara assustada, com a legenda “Um advogado paraguaio lamentando a situação crítica do seu país”. Segue com um texto que seria o relato desse advogado. Ele diz que Solano é um tratante que “inventou uma celeberrima causa”, o que causou um reboiço nunca visto

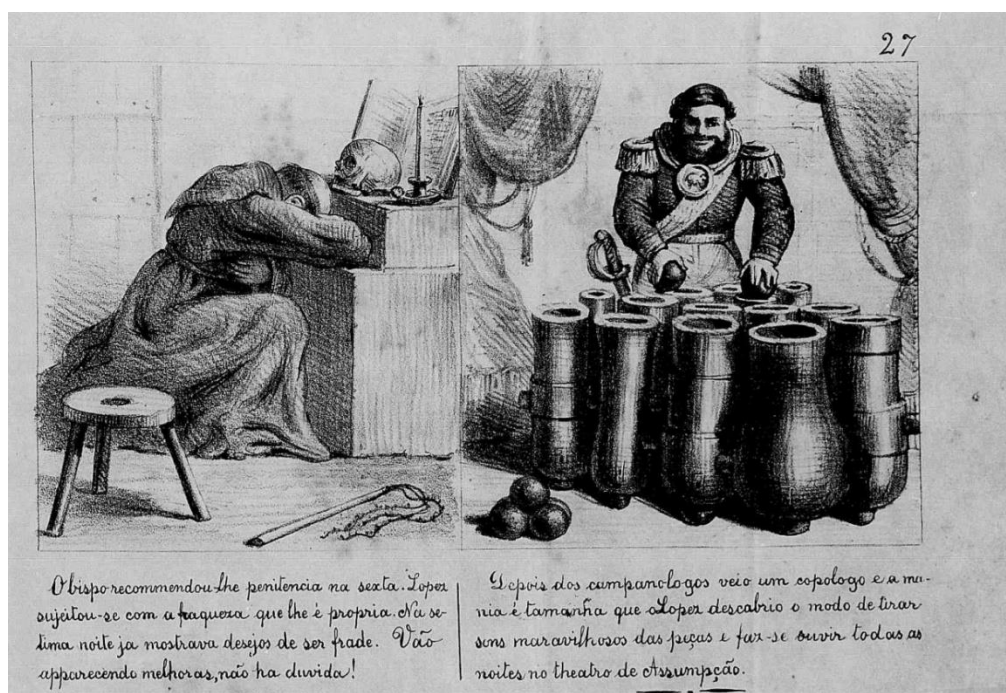
antes no país. Afirmando que não defenderia essa causa, mas se vê obrigado a ser voluntário da pátria, entrando no “palco de comédias” do presidente. Tudo isso para esse suposto advogado não passa de um pretexto para salvar a honra e dignidade nacional. Finaliza dizendo estar pronto para “dançar na corda bamba de meu excelentíssimo, dedicado e... etc... etc... etc..., gymnastico mór da República”. Abaixo do texto ainda aparece a imagem de um homem com cabeça e pés de porco, trazendo uma vassoura pendurada na cintura, como se fosse uma arma, e segurando uma pá, este foi identificado como o ministro das obras públicas do Paraguai. Na última página aparece uma imagem de Solano López no meio do povo com soldados, ilustração descrita como passeio dele por Corrientes, província argentina, onde o “generalito” aparece “vestido à europeia”.

Com um texto um pouco mais curto na abertura da edição de número sete, do dia 10 de setembro de 1865, parece existir um ambiente de incertezas, mas a súplica ainda é de que o povo mantenha os bons ânimos. Logo em seguida aparece uma imagem do que parece uma floresta com todas as árvores cortadas, alegando que Solano López mandou derrubá-las como consequência da destruição das chatas no combate de Riachuelo e Yatahy. Na segunda página começa, com duas ilustrações, uma história de como López perdeu o sono após a derrota de 4.000 homens em Yatahy. Após três noites sem dormir, na quarta dormiu e sonhou que seus adversários o atacavam. Isso é ilustrado primeiro com a imagem dele de forma mais desleixada, com cabelo e barba desajeitados, vestindo pijama, acostado sobre uma mesa. Depois ele em meio a uma multidão sendo atacado pelos inimigos armados. A história segue na página seguinte, com o bispo recomendando penitência na sexta noite de insônia e na sétima López demonstra desejos de ser frade, finalizando com a afirmação de que “vão aparecendo melhoras, não há dúvidas”. Isso é ilustrado com a imagem de um frade acostado sobre uma bancada.

Ao lado aparece a imagem de López com duas bolas, passando-as sobre a boca de canhões. Por meio da descrição, se dá a entender que López é como um músico (copólogo), e faz aquele instrumento soar todas as noites no teatro de Assunção. A página segue com o que seria uma correspondência de um amigo europeu de López, identificado como R. na carta, comenta que não esperava que o presidente se metesse nesta situação, mas espera que logo saia disto. Mas ainda sugere que o López fuja para a Europa, ou siga o seu papel de honra, “extermina por uma vez o povo que governas”. No texto cita também a Barrios, um dos principais

generais, também nomeado ministro de Guerra e Marinha, citado como bandido. Ao final deixa um “saudades à Miss”, que vem a ser Elisa Alicia Lynch, a primeira-dama do Paraguai. A última página traz uma imagem do campo de batalha e diversos homens lutando, com a legenda “Derrota dos paraguaios em Yatahy no dia 13 de agosto de 1865”.

Figura 3 - Ilustrações da terceira página, edição número sete



A partir da publicação de número 11, de 18 de outubro 1985, as publicações que antes ocorriam aos domingos passaram a ser às quintas-feiras. Inicia a edição informando a liberação de Uruguaiana, que estava ocupada pelo general Estigarribia e soldados paraguaios. Declarando que apesar das dificuldades, estava “terminada a questão Estigarribia”, o qual inclusive ficou no Brasil por supostamente não ter segurança no Paraguai. Ainda menciona o frade Duarte, que acompanhava o exército paraguaio em Uruguaiana, como “patuscão de quatro costas”, “charlatão” e “medroso como uma criança” por tentar escapar ao Paraguai e acabar como prisioneiro no Brasil. Na segunda página aparece primeiro a imagem de um frade e um general andando de braços cruzados e na legenda entre aspas está escrito “Não tenha medo que o imperador garante a sua vida”. Ao lado a imagem do general com todas as feições em formas exatas, como quadrados e retângulos e a legenda “O coronel rectangulo recto em tudo, menos nos cumprimentos dos seus deveres”. Ao final da página aparece uma ilustração de um acampamento com maltrapilhos bebendo, um

deles vomitando, pássaros que parecem corvos voando ao redor e restos de ossos pelo chão. A imagem vem acompanhada de um breve diálogo, com um dos interlocutores dizendo que devem se contentar com carne podre e quando se perguntam se o presidente Solano López apareceria, dizem que não aconteceria, porque “ele não gosta de passar mal”. Possivelmente a referência das duas primeiras imagens seja a Estigarribia e ao frade Duarte e a outra aos soldados paraguaios que ficaram em Uruguaiana.

A terceira página mostra a imagem de um homem com semblante triste, sentado em uma cadeira em frente ao espelho, ao lado de uma mulher em pé com os braços levantados. No reflexo do espelho, ambos com um semblante mais demoníaco, o homem com chifres e os braços da mulher são asas abertas. Essa imagem vem acompanhada de um texto em forma de diálogo, titulado “Desânimo de Lopez. Dialogo entre D. Solano e sua querida Miss”. Na conversa a madame Lynch questiona o desânimo do marido e tenta entender por que os esforços de López pelo povo que o idolatra, comparando-os com manequins e fanáticos que fazem “sacrifícios gratuitos” pelo presidente. Enquanto conversam, chega a notícia de Uruguaiana, trazendo ainda mais desânimo a Solano. Na última página, uma ilustração de coronel Estigarribia, já anunciada na primeira folha, para conhecimento dos leitores sobre a feição deste.

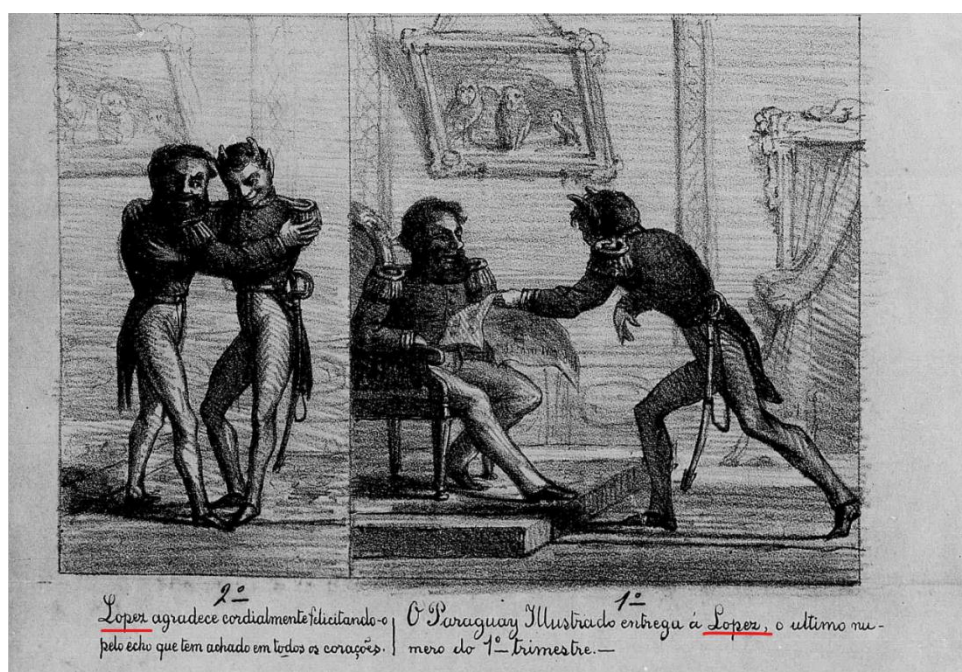
Figura 4 - Ilustração de López com Madame Lynch da terceira página da edição de número 11 com parte do texto que acompanha a imagem.



A última edição do *Paraguay Ilustrado* foi publicada no dia 26 de outubro de 1865 e assim como as primeiras publicações, contou com pouco texto e mais caricaturas. Abre o jornal afirmando que Estigarribia está muito bem no Brasil, “mais tranquilo, mais risonho”. Além disso trazem uma notícia importante: “O territorio paraguay já foi invadido” e ainda observam que “A mostarda começa a chegar ao nariz do caro Lopez”. Após a invasão ao território paraguaio, foram ainda quatro anos e alguns meses para conseguirem matar Solano López e acabar com a guerra. Na página seguinte aparece a imagem de um homem de cabelos longos, o qual dizem ser o comandante do 11º corpo de voluntários, que supostamente deixa os cabelos longos para ter a força de Sanção. Ao lado, a ilustração de um homem gigante, com uma varinha de pescar e uma cesta ao lado, ao invés de peixes está pescando homens, a legenda da imagem diz o seguinte, “Recreio del Supremo nas aguas de Humaitá”. Abaixo a imagem de um canhão atirando uma bola com López em cima, na legenda dizem que este é o novo “Barão de Munkausen”.

Na página três uma ilustração em toda a folha do que definem ser Humaitá. A imagem mostra uma espécie de pórtico em meio as águas, com um navio prestes atravessá-lo. O pórtico nada mais é do que uma estátua gigante de López, usando uma touca de dormir e segurando uma chave e um canhão. A última página traz uma ilustração de dois homens se abraçando, um deles com chifres. Na segunda imagem o homem com chifres entrega um jornal para o outro que está sentado. Descrevem como um encontro entre López e o *Paraguay Illustrado* que entrega ao presidente última edição do primeiro trimestre do jornal.

Figura 5 - Última ilustração da última edição publicada do *Paraguay Illustrado*



Observando o todo desse material é fácil perceber qual o objetivo do *Paraguay Illustrado* que, como já dito, nasceu para ser uma arma contra o Paraguai. A intenção de ataque é clara ao considerar, por exemplo, a luta contra o Paraguai como algo fácil, rápido de ser vencido, isso ainda no primeiro ano de guerra. Nos cinco materiais analisados é possível perceber pelas charges e os poucos textos a forma como se trabalhou para formar uma visão negativa dentro do imaginário social do povo brasileiro do que seria o Paraguai, sua nação e seus governantes. A principal vítima da folha foi o presidente Solano López, sobre o qual foi possível detectar 23 citações diretas marcadas, em diferentes formas como “generalito”, “supremo”, “supremo tyrano” ou pelo próprio nome. Em grande parte das vezes em que cita López, usa adjetivos positivos, mas sempre com tom de ironia. Um exemplo é na página quatro

da segunda edição, onde ele é tratado como “general sublime”, porém a imagem que acompanha o mostra com uma cabeça gigante e totalmente desproporcional ao tamanho do corpo, diferentemente de outros soldados, que aparecem em proporções normais ao lado dele.

Porém, as ações atribuídas a ele e ao povo são sempre negativas. Logo no início dessa mesma edição aparecem como ridículas as ações do presidente. Já na edição cinco é declarado como um tratante que está extorquindo os direitos do povo que governa. Povo esse que é retratado ao longo das edições como ignorante e desenhado de forma caricata e animalesca. Devido aos anos de governo de Dr. Francia, em que o Paraguai foi literalmente isolado do resto do mundo, fora de lá pouco se conhecia sobre o país, a imagem que se formou daquela região foi exatamente essa, de um povo servil e não muito sociável. E é justamente assim que o *Paraguay Ilustrado* seguiu mostrando esse país, afirmando que eram “exageradamente patriotas” e assim funcionavam como “manequins” nas mãos de tiranos como López. E ainda, como no caso Estigarribia, tenta mostrar como supostamente o paraguaio está muito melhor em terras brasileiras.

Indo na contramão daquilo que o *Paraguay Ilustrado* apresentava, a história mostra que na realidade o povo paraguaio se uniu de fato à causa de López quando foram reveladas as verdadeiras intenções dos aliados da tríplice aliança. Como abordado no subcapítulo 4.2, sobre a influência do imaginário na mídia, por trás de todo discurso existem ideais e intenções, sejam elas boas ou ruins, podendo ser transformadas em ideologias. Assim também os estereótipos, quando repetidos muitas vezes, acabam tornando-se reais para aqueles que proferem e os que ouvem, podendo colocar estes em um ambiente de privilégio ou separação em relação aos que se encaixam dentro deles. E é isso que se percebe ao longo da leitura do *Paraguay Ilustrado*, principalmente por ser publicado em um período de guerra. Se percebe uma tentativa de diminuir o Paraguai, enquanto o Brasil é colocado em uma espécie de pedestal, muito mais avançado e em uma luta justa contra o déspota do país vizinho.

6.2 TRATADO DE ITAIPU

A usina hidrelétrica de Itaipu Binacional é uma das maiores geradora de energia limpa do mundo, dirigida pelo Brasil e Paraguai. Ambos os países são responsáveis

por partes iguais na Itaipu. O tratado que deu origem à hidrelétrica foi assinado em 1973, período em que os dois países viviam ditaduras militares, o Paraguai com Alfredo Stroessner e Brasil com Emílio Garrastazu Médici. Apenas em 1984 a usina ficou pronta. Todo esse processo deixou os dois países com uma dívida gigante. O Brasil foi quem financiou praticamente 100% da obra, e para quitar a dívida entre os dois países, foi decidido que o Paraguai deve ceder até 2023 parte da energia que produz ao Brasil a preço quase de custo. O tratado de Itaipu aumentou as relações entre os dois países, mas ao longo dos anos tem sido motivo de atrito e desentendimentos também. E a imprensa acompanhou sempre de perto todos estes processos.

Para poder analisar a cobertura sobre os acontecimentos da Usina de Itaipu, foram usadas reportagens d' *O Estado de São Paulo*, da *Gazeta do Povo* e de *Zero Hora*. Começamos então pela reportagem do “*Estadão*” do dia 27 de abril de 1973: “Itaipu é lei”. A matéria ocupa uma página inteira, traz apenas uma foto dos dois presidentes assinando o documento, com vários outros representantes ao fundo. Duas propagandas aparecem, uma pequena da General Motors (sobre o carro Chevette) e outra do Banco União Comercial S.A., ocupando grande parte da página. A reportagem conta que o tratado foi assinado em Brasília por um número igual de diretores de cada país e com partes da Eletrobras e Administración Nacional de Electricidad (ANDE). Explica ainda onde a usina hidrelétrica vai estar, alcançando grande parte do rio Paraná, desde Salto de Guairá até Foz do Iguaçu. Após essas explicações mais técnicas, são integrados texto todos os 25 artigos do tratado, divididos em dois intertítulos: “É condomínio” e “O financiamento”.

Por fim, aparece o último intertítulo: “Entre sorrisos, a assinatura do acordo”, descrevendo como foi o momento de assinatura do acordo. Os dois presidentes entraram juntos no Palácio do Planalto, e mesmo sendo em Brasília, Stroessner contava com uma comitiva maior. O documento foi lido em português e espanhol e os dois conversavam de forma descontraída, inclusive “Médici acendeu o cigarro de Stroessner” e “Stroessner ofereceu sua caneta a Médici”. A reportagem traz até mesmo o momento em que um arranjo de flores caiu e assustou os presentes. Em citação ao chanceler brasileiro Gibson Barboza, afirma-se que aquele foi um momento histórico e que Brasil e Paraguai vão crescer juntos. O texto é finalizado com a seguinte frase: “O acordo entre os presidentes refletiu-se até no traje de ambos, terno cinza escuro, camisa branca, gravata bordeaux”.

Figura 6 - Parte da reportagem do Estadão sobre Itaipu do dia 27 de abril de 1973

12 — O ESTADO DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 27 DE ABRIL DE 1973

Brasil e Paraguai concordam, Itaipu é lei

Da Secorstat de BRASÍLIA

“Tratado entre a República Federativa do Brasil e a República do Paraguai para o aproveitamento do hidroelétrico dos recursos hídricos do rio Paraná, pertencentes, em condomínio, aos dois países, desde e inclusive o salto grande de Sete Quedas ou salto de Guaira até a foz do rio Itaipu”.

Esta a denominação oficial do tratado assinado ontem, em Brasília, entre o Brasil e o Paraguai, para a construção da usina hidrelétrica de Itaipu, entidade binacional integrada por igual número de diretores dos dois países, tendo como sedes Brasília e Assunção, e como partes a Eletrolisa e a Administração Nacional de Eletricidade — ANDE — entidade autárquica paraguaia.

O Tratado, firmado exatamente às 11 e 45 de ontem, no Palácio do Planalto, pelos presidentes Médici e Stroessner, é o seguinte, na íntegra: “O presidente da República Federativa do Brasil, General-de-Exército Emílio Garrastazu Médici, e o presidente da República do Paraguai, General-de-Exército Alfredo Stroessner, Considerando o espírito de cordialidade existente entre os dois países e os laços de fraternidade que os unem; o interesse comum em realizar o aproveitamento hidroelétrico dos recursos hídricos do rio Paraná, pertencentes em condomínio aos dois países, desde e inclusive o salto grande de Sete Quedas ou salto de Guaira até a foz do rio Itaipu; o disposto na Ata Final firmada em Foz de Iguaçu, em 22 de junho de 1966, quanto à divisão em partes iguais, entre os dois países, da energia elétrica eventualmente produzida pelos demais níveis do rio Paraná no trecho acima referido; o disposto no artigo VI do Tratado da Bacia do Prata; o estabelecido na Declaração de Assunção sobre o aproveitamento de rios internacionais, de 3 de junho de 1971; os estudos da Comissão Mista Técnica Brasileiro-Paraguai, constituída em 12 de fevereiro de 1967; a tradicional identidade de posições dos dois países em relação à livre navegação dos rios internacionais da bacia do Prata;

Resolveram celebrar um Tratado e, para este fim, designaram seus plenipotenciários, a saber: o presidente da República Federativa do Brasil, o senhor ministro de Estado das Relações Exteriores, embaixador Mário Gibson Barbosa; o presidente da República do Paraguai, o senhor ministro das Relações Exteriores, doutor Raúl Suarez Pastor, os quais, tendo invocado seus plenos poderes, achados em boa e devida forma, convieram no seguinte:

Parágrafo único — As altas partes contratantes se comprometem a aduzir, conjunta ou separadamente, na forma que acordarem, o total da potência instalada.

ARTIGO XIV
A aquisição dos serviços de eletricidade da Itaipu será realizada pela Eletrolisa e pela ANDE, que também poderão fazê-lo por intermédio das empresas ou entidades brasileiras ou paraguaias que indicarem.

ARTIGO XV
O Anexo C contém os bases financeiras e de prestação dos serviços de eletricidade da Itaipu.

Parágrafo 1º — A Itaipu pagará às altas partes contratantes, em moedas locais, “royalties” em razão da utilização do potencial hidráulico.

Parágrafo 2º — A Itaipu incluirá, no seu custo de serviço, o montante necessário ao pagamento de rendimentos sobre o capital.

Parágrafo 3º — A Itaipu incluirá, outrossim, no seu custo de serviço, o montante necessário para remunerar a alta parte contratante que ceder energia à outra.

Parágrafo 4º — O valor real da quantidade de dólares dos Estados Unidos da América, destinada ao pagamento dos “royalties”, dos rendimentos sobre o capital e da remuneração, estabelecida no Anexo C, será mantida constante, para o que a dita quantidade acompanhará as flutuações do dólar dos Estados Unidos, da América, referido ao seu padrão de conformidade com o disposto nas leis nacionais respectivas.

Parágrafo único — Para os empregados de terceira nacionalidade, proceder-se-á de conformidade com a legislação nacional brasileira ou paraguaia, segundo tenham a sede de suas funções no Brasil ou no Paraguai.

ARTIGO XXII
Em caso de divergência quanto à interpretação ou à aplicação do presente Tratado e seus anexos, as altas partes contratantes a resolverão pelos meios diplomáticos usuais, o que não retardará ou interromperá a construção e a operação do aproveitamento hidroelétrico e de suas obras e instalações auxiliares.

ARTIGO XXIII
A Comissão Mista Técnica Brasileiro-Paraguai, criada em 12 de fevereiro de 1967 com a finalidade de realizar os estudos ajuizados no preâmbulo do presente Tratado, manter-se-á constituída até entregar as altas partes contratantes o relatório final da missão que lhe foi confiada.

ARTIGO XXIV
O presente Tratado será ratificado e os respectivos instrumentos serão trocados, o mais brevemente possível, na cidade de Assunção.

ARTIGO XXV
O presente Tratado entrará em vigor na data da troca dos instrumentos de ratificação e terá vigência até que as altas partes contratantes, mediante novo acordo, decidam o contrário.

Em caso de divergência quanto à interpretação ou à aplicação do presente Tratado e seus anexos, as altas partes contratantes a resolverão pelos meios diplomáticos usuais, o que não retardará ou interromperá a construção e a operação do aproveitamento hidroelétrico e de suas obras e instalações auxiliares.

A Comissão Mista Técnica Brasileiro-Paraguai, criada em 12 de fevereiro de 1967 com a finalidade de realizar os estudos ajuizados no preâmbulo do presente Tratado, manter-se-á constituída até entregar as altas partes contratantes o relatório final da missão que lhe foi confiada.

O presente Tratado será ratificado e os respectivos instrumentos serão trocados, o mais brevemente possível, na cidade de Assunção.

O presente Tratado entrará em vigor na data da troca dos instrumentos de ratificação e terá vigência até que as altas partes contratantes, mediante novo acordo, decidam o contrário.

Concluindo exaustivas negociações, os presidentes Stroessner e Médici assinam o acordo



Teletipo Secorstat de Brasília

Entre sorrisos, a assinatura do acordo

Os presidentes Médici e Stroessner entraram juntos no salão do palácio do Planalto, onde foi assinado o acordo de Itaipu, exatamente às 11 e 45. Há cerca de meia hora eram aguardados por grande número de Relações Exteriores, Dias Leite, das Minas e Energia, e Mario Andrada, dos Transportes, estavam entre os presentes. Médici e Stroessner sentaram-se um ao lado do outro, acordando, em Português, um rubro do surdo chamou a atenção dos presentes, especialmente do pessoal do serviço de segurança dos dois presidentes. Um ardo estava garantido. “Dormir 48 horas”, foi a resposta.

Sorrindo muito, o ministro das Minas e Energia, foi interrompido por um jornalista que lhe perguntou o porquê da resposta. “Dormir 48 horas”, foi a resposta.

É condomínio

Em cinco de dezembro de 1975, o mesmo jornal trazia a afirmação de que “Itaipu é a síntese da união Brasil-Paraguai”. Essa foi a fala do presidente brasileiro da época, Ernesto Geisel em encontro com Stroessner em Assunção para a assinatura do Tratado de Amizade e Cooperação, entre outros negócios relacionados a Itaipu. Durante o evento ainda teve um momento marcante onde Luci Geisel, primeira-dama brasileira, entregou à primeira-dama paraguaia, Eligia Stroessner, o “Livro de Ouro da Mulher Guarani”, sobre a participação das mulheres durante a Guerra do Paraguai que estava sob o poder do Brasil. A reportagem, que ocupa a folha completa, traz quatro fotos com pouca qualidade e de difícil identificação das imagens.

O texto traz quais são as áreas de interesse entre os países que serão beneficiadas com o tratado e a Itaipu, sendo visto como uma forma de trazer desenvolvimento social e econômico, como os planos de integração de transporte com interligação de ferrovias dos dois países. O momento da entrega do “Livro de Ouro” foi emocionante, de acordo com a reportagem. As mulheres paraguaias e até mesmo o presidente Stroessner chegaram a chorar com a cena. O livro é considerado uma relíquia, por isso esse feito foi visto como a “volta de troféus” e uma forma do Brasil conquistar a simpatia do Paraguai. Ainda foi anunciado nesse dia que o Paraguai poderia receber tecnologia nuclear brasileira, para uso exclusivo na medicina e em pesquisas. Para isso o Brasil deveria ajudar o Paraguai a receber essa tecnologia “sempre com base na maior experiência brasileira, mas sem qualquer cunho paternalista”. No dia seguinte aconteceu um desfile militar, contando com pouca

participação de civis no evento, pois a imprensa paraguaia havia se enganado no horário de início, o que fez com que a comitiva de Geisel pensasse que aquilo fosse uma “manifestação contrária à visita brasileira”.

A reportagem do “*Estadão*” do dia 26 de junho de 1996 já se mostra bem diferente das anteriores. Enquanto as anteriores traziam um tom positivo em relação à represa de Itaipu, esta informava que empresas do presidente paraguaio Juan Carlos Wasmosy Monti estavam lucrando com a usina. A reportagem diz que a usina vem sendo uma fonte de renda para o presidente com duas de suas firmas que permanecem com monopólio em relação aos gastos da binacional. As empresas no caso são Conempa S.A e CIE S.A., que recebiam de forma direta e sem licitação contratação de serviços e fornecimento de produtos para a Itaipu, além de terem parentes e membros da equipe de Wasmosy como subcontratados. Cada vez que as empresas são citadas é reiterado que são “de Wasmosy”. O caso fez com que o presidente ficasse sob suspeita de corrupção no Congresso. Informa ainda que uma das firmas, mesmo sem tecnologia e capacidade de produção, recebeu autorização de fornecedores brasileiros para faturar e receber pagamentos de equipamentos contratados da binacional. Além disso, ainda afirma que Wasmosy tinha influência em cada decisão tomada pela diretoria paraguaia “da nomeação de um conselheiro ao patrocínio de shows de guarânias, música popular paraguaia”. Ilustram a reportagem a imagem de dois documentos e de boxes na lateral resumindo nomes de pessoas e empresas envolvidas.

No dia 30 de julho de 2000, reportagem de *Zero Hora* alega que o governo brasileiro pretendia comprar mais energia da Itaipu, o que gerou uma reação negativa “do outro lado da fronteira”. Políticos paraguaios começaram a reclamar que o Brasil se “adonaria” da Itaipu, além de verem como um risco à soberania paraguaia. Traz ainda a opinião de fornecedores brasileiros que observavam essa ação como uma “barbeiragem comercial e diplomática”, em uma tentativa de “resolver os problemas internos de abastecimento às custas do parceiro mais pobre do Mercosul”. Com esse plano em prática, a capital paraguaia passaria a depender da usina de Yacyretá, o que faria com que pagassem mais pela energia. A reportagem está diagramada com duas colunas de texto, uma em cada lateral. O centro da página contém uma série de dados divididos em boxes e ao final uma foto da represa de Itaipu.

Figura 7 - Centro da matéria do dia 30 de julho do ano 2000 da Zero Hora

ENTENDA A CONFUSÃO
Por que os paraguaios rejeitaram a proposta brasileira:

A negociação

- Itaipu produz cerca de **11 mil megawatts** o que equivale a três vezes e meia o consumo de energia do Rio Grande do Sul.
- Da produção de Itaipu, cerca de 95%, ou **10,45 mil megawatts** são consumidos pelo Brasil. O Paraguai fica com apenas **550 megawatts**.
- A energia que o Brasil recebe de Itaipu representa em torno de **25%** do seu consumo total. Para o Paraguai, Itaipu garante **75%** do consumo.
- O Brasil pretendia comprar mais **400 megawatts**.
- Em troca, estudaria a construção de uma linha de transmissão da Usina Hidrelétrica de Yacyretá até a cidade de Ayoitas, um ponto de conexão até Assunção. Essa linha viabilizaria tecnicamente a alternativa: Assunção deixaria de depender de Itaipu e passaria a ser abastecida por Yacyretá, uma usina construída por Paraguai e Argentina.


O impasse

- Líderes políticos paraguaios viram a proposta brasileira como uma ameaça à soberania do país. O Brasil ficaria com praticamente toda a produção de Itaipu e se transformaria em único dono da usina, construída pelos dois países.
- A alternativa de trocar a fonte do suprimento paraguaio, de Itaipu por Yacyretá, é considerada de risco. A Argentina fica hoje com **90%** da produção dessa usina.
- O preço da energia também conta. O megawatt/hora de Itaipu sai por cerca de **US\$ 25**. O custo de Yacyretá é de **US\$ 31**. Os paraguaios trocariam uma energia barata por outra mais cara.
- As reações ao negócio envolvem outro componente extra: o governo paraguaio teria oferecido os royalties arrecadados com Itaipu como garantia a um empréstimo de **US\$ 400 milhões** liberado por bancos de Taiwan. Seria uma prova de que o governo estaria tratando a usina apenas como um caixa.

Os royalties

Itaipu paga royalties (direitos) a Estados e municípios que estão na bacia do Rio Paraná. No lado brasileiro, há partilha desse dinheiro entre 15 municípios paranaenses e um de Mato Grosso do Sul. Também têm direito aos recursos o governo do Paraná, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e o Ministério do Meio Ambiente e Amazônia Legal (MMA). Desde que iniciou o pagamento de royalties, em 1991, Itaipu já desembolsou US\$ 1,14 bilhão. No lado paraguaio, a suspeita é de que o governo federal estaria ficando com todos os recursos dos royalties e da venda de energia para o Brasil. Seriam cerca de US\$ 18 milhões mensais no caixa do Tesouro, usados inclusive no pagamento do funcionalismo.

Onde fica




A empresa

Itaipu, a maior hidrelétrica do mundo, é explorada por uma empresa binacional controlada meio a meio pelos governos brasileiro e paraguaio. A empresa foi criada em 1974. A usina está localizada no Rio Paraná, na fronteira entre os dois países – desde Foz de Iguacu, no Brasil, e Ciudad del Este, no Paraguai, ao sul, até Guaira (Brasil) e Salto del Guairá (Paraguai), ao norte. Itaipu fatura US\$ 2,2 bilhões por ano.

O componente político

O Paraguai terá eleições para vice-presidente em 13 de agosto. O atual presidente, Luis González Macchi (foto), assumiu em março do ano passado, depois do assassinato do vice-presidente, Luis María Argaña, e do golpe que derrubou o presidente Raúl Cubas. Macchi, que presidia o Senado, fica no poder até 2003, por decisão da Justiça. A oposição e setores do fracionado partido Colorado, no governo, questionam a legitimidade de um presidente que não foi eleito.



Em 2006 a situação já era outra: a *Gazeta do Povo*, do Paraná, informava, no dia 24 de novembro, que o Paraguai queria receber mais pela energia da Itaipu. O governo paraguaio pedia um aumento de US\$ 100 milhões de parte do Brasil, relacionado ao pagamento anual para compensar a energia gerada pelo lado paraguaio. A reportagem comenta que esses reajustes acabam afetando o bolso do consumidor, que é quem acaba pagando. Complementa dizendo que esses reajustes devem ser feitos politicamente, mas a contrapartida desse pedido seria que o Paraguai deixasse de se queixar da dívida referente à construção da usina, o que consideram no Paraguai como uma “dupla indexação”. A matéria fecha com uma fala do ministro das relações Exteriores, Celso Amorim, que comenta haver uma “certa justiça” no desejo paraguaio por melhores remunerações, mas afirma que não será alterado o tratado de Itaipu, “Não importa se foi feito na ditadura militar, no Império, o que seja. Mas podemos compensar de outra maneira”.

Em 2008 o Brasil enfrentava problemas com a Bolívia, em relação ao fornecimento de gás. O Paraguai estava em período de eleições. O *Estadão* publicou no dia 24 de fevereiro uma notícia que dizia que o Paraguai ameaçava “fazer com a Itaipu o que Evo Morales fez com o gás”, com a nacionalização do gás, e ocupação militar de plantas da Petrobras, aumentando o preço do produto. As pesquisas apontavam Fernando Lugo, da Aliança Patriótica para a Mudança, podendo derrubar o Partido Colorado, após 60 anos de poder. De acordo com a reportagem, existia uma insatisfação do povo paraguaio com a distribuição da maior parte da energia gerada por Itaipu ser para o Brasil. Por isso Lugo pretendia rever os termos do tratado. Além dele, candidatos de outros partidos também prometiam essa revisão em suas campanhas. Enquanto Lugo afirmava que pretendia transformar o Paraguai em um “importador livre”, a reportagem dizia que era impossível por não contar com linhas de transmissão. O candidato ainda negava se inspirar em Evo Morales para tal discurso.

No canto direito da página aparecem subtítulos avisando que a falta de chuva impossibilitara o “espetáculo” de abertura das comportas, ficando para abril o evento. O final da página tem um outro título, contando que as eleições no país vizinho preocupam empresas brasileiras, observando que a possível vitória do bispo Lugo, de “extrema-esquerda”, significa insegurança energética. Apesar da preocupação, alegam que não se deve interferir nas eleições do país, mas afirmam que pode sim “tornar-se um foco de dor de cabeça”. A reportagem conta com três fotos, duas menores, dos vertedouros da Itaipu com comportas abertas e outra com elas fechadas. A foto principal é a de um eleitor de Lugo tomando tereré – bebida típica do Paraguai.

Em 21 de abril do mesmo ano a *Zero Hora* anunciava em uma reportagem especial de duas páginas que o “ex-bispo esquerdista” venceu as eleições no Paraguai. A primeira página trazia uma foto grande do povo comemorando nas ruas de Assunção e sobreposta uma foto de Lugo celebrando. Já o texto tratava sobre como havia sido o dia de eleição na capital paraguaia, além de informações como a permanência da “tradição paraguaia” de atrasar o início da votação e o fato de jornalistas estrangeiros não entenderem as discussões em guarani que ocorriam ao seu redor. Já a segunda página trata mais das questões relacionadas a Itaipu. A lateral esquerda traz um box com uma entrevista com Jorge Samek, presidente da Itaipu da época. Samek dizia não haver possibilidade de alterações no tratado de Itaipu e que

percebia como normal essa reclamação do Paraguai. “Desde 1973, a cada peleia política o tema volta à baila”.

No meio da página aparece uma foto do centro comercial de Cidade do Leste, na fronteira com Brasil. Abaixo o título informa que o Brasil se recusa a pagar mais por energia. Assim como a *Gazeta* informou em 2006, de acordo com a reportagem da *ZH*, seria “impossível uma manobra assim não impactar o bolso do usuário brasileiro”. Percebendo a diferença no tratamento do assunto dentro dos dois países. Enquanto no Brasil o tema é tratado nos meios mais técnicos, “do outro lado da fronteira a questão tem apoio popular”. Um intertítulo ainda mostra a opinião do brasileiro Frei Bruno, que estava no Paraguai no dia da eleição e afirmava que a causa de Lugo era justa. A reportagem ainda conta com três boxes, um contando um pouco da história da Itaipu, outro como funciona a usina e um último reiterando a questão do gás com a Bolívia.

Ainda em dezembro do mesmo ano, no dia 10, a *Zero Hora* informou que o Brasil não aceitaria a “tentativa de calote do Paraguai”. Já na linha de apoio a reportagem observa que o Brasil tem sido alvo prioritário dos vizinhos latino-americanos. Segundo o que informa, o Paraguai pretendia passar dívida de US\$ 19 bilhões para o Brasil, ficando assim com apenas US\$ 600 milhões para quitar. Em reunião com autoridades paraguaias, o ministro brasileiro de Minas e Energia, Edison Lobão, logo recusou o “perdão da dívida paraguaia”. E diante a “onda de calotes” o Brasil ameaçou deixar de financiar obras de infraestrutura relacionadas à integração regional. A matéria ainda lembra de outra preocupação que começa a surgir: a questão dos brasiguaios no Paraguai e finaliza informando que uma concessão autorizou um reajuste de 8,7% na tarifa de energia cobrada, mas que aquilo não era suficiente para o Paraguai, que buscava rever os termos do tratado.

Figura 8 - Abertura da reportagem da Zero Hora publicada no dia 10 de dezembro de 2008

Brasil rechaça tentativa de calote do Paraguai

DIRETO DE BRASÍLIA

Klécio Santos

klecio.santos@gruporbs.com.br



O Brasil se tornou o alvo prioritário de seus vizinhos latino-americanos.

Depois da nacionalização das instalações da Petrobras na Bolívia e da tentativa de calote do Equador, agora o Paraguai anuncia a intenção de repassar ao Brasil uma dívida de US\$ 19 bilhões.

O passivo, cujo total é de US\$ 19,6 bilhões, pertence à usina binacional de Itaipu e deveria ser pago de forma equânime pelos dois países. Contudo, a proposta do novo presidente paraguaio, Fernando Lugo, é de que o governo brasileiro assumia 97% da dívida, percentual correspondente à energia de Itaipu consumida pelo país. Nesse cálculo, o Paraguai seria onerado em apenas US\$ 600 milhões.

A mais recente polêmica diplomática vinha sendo tratada com discrição pelo Itamaraty, cujo foco regional está voltado para a crise com o Equador. Em depoimento ontem à Comissão de Relações Exteriores do Senado, o chanceler Celso Amorim tentou mini-

O NÓ DE ITAIPU

Entenda a situação envolvendo a usina hidrelétrica binacional:

- O Tratado de Itaipu foi assinado em 1973 entre Brasil e Paraguai. As obras começaram em 1975, e a produção de energia, em 1984.
- Brasil e Paraguai investiram US\$ 50 milhões como capital inicial no projeto. A viabilidade do negócio só foi obtida mediante um forte endividamento, assumido integralmente pelo Brasil.
- Os dois países têm, cada um, direito a 50% da energia produzida, mas, como contrapartida pelo fato de o Brasil ter assumido a dívida – hoje estimada em US\$ 19,6 bilhões –, o Paraguai é obrigado a vender seu excedente ao país, até 2023, por um preço quase de custo. Assim, contribui para a amortização da dívida. Depois dessa data, o débito estará pago, e o Paraguai, livre para vender sua energia para quem quiser e pelo preço que desejar.
- O atual governo paraguaio considera o tratado injusto e reivindica um revisão do preço da energia – ou uma mudança na forma de pagamento da dívida.

Raio X da usina

- Abastecimento: Responsável por 19% da energia consumida no Brasil e 91% no Paraguai
- Potência total: 14 mil MW ● Unidades geradoras: 20



No dia 26 de julho de 2009 o assunto volta a ser pauta na *Gazeta do Povo*. Segundo a reportagem, Brasil e Paraguai chegam a um acordo sobre a Itaipu, mas “não avançam em outras áreas”. A notícia trata de uma reunião que ocorrera entre os presidentes do Paraguai, Lugo e do Brasil, Lula. De 16 acordos que deveriam ser discutidos, 14 foram postergados. Os dois presidentes chegaram a estabelecer as bases de um acordo relacionado a Itaipu e comunicaram a proposta de construir “uma nova etapa de relação bilateral”. Esse mesmo assunto apareceu novamente na imprensa em 2011, dessa vez na versão digital da *Zero Hora*. No dia 8 abril informava que caso o Senado aprovasse o acordo feito entre os presidentes em 2009, brasileiros teriam de pagar R\$ 5 bilhões até 2023. A Câmara de Deputados acabava de aprovar o acordo que, segundo a matéria, “triplica o repasse do Brasil ao Paraguai pelo excedente da geração de Itaipu”.

Ainda em 2011, outro acontecimento envolvendo o lado paraguaio da Itaipu chamou a atenção da imprensa brasileira. No dia 14 de setembro a *Gazeta* trazia a notícia que na manhã do dia anterior 70% do Paraguai ficara sem energia e a Itaipu ignorava as causas desse apagão, explicando que até naquela época operavam cinco

linhas de transmissão de energia e que a constante falta de luz causa críticas da população ao sistema elétrico. A esperança de melhora estava na construção de uma subestação em Hernandarias, que previa dobrar a potência de transmissão. Mas enquanto isso não se resolvia, era investigado o que causou problema em cinco transformadores da Itaipu, atingindo apenas o Paraguai, com 13 departamento sem energia por cerca de uma hora. Também aborda os transtornos causados pela falta de luz, deixando “ainda mais caótico o sistema de trânsito da capital”, pois até os semáforos pararam, e traz ainda uma ilustração com um mapa do Paraguai mostrando a área afetada.

Figura 9 - Parte final da reportagem da Gazeta do Povo sobre os apagões no Paraguai, publicada no dia 14 de setembro de 2011

O engenheiro Alex Dure, gerente técnico da Ande, disse que o problema foi contornado de forma rápida e que os cortes de energia registrados anteriormente no país são pequenos e normais. Alguns referem-se a problemas na distribuição, e não na transmissão.



Uma das polêmicas mais recentes envolvendo a usina de Itaipu aconteceu em 2019 e quase derrubou o presidente paraguaio, Mario Abdo Benítez. “Marito” tinha feito um acordo em maio com o Brasil, relacionado à compra da energia gerada no Paraguai. Com esse novo contrato, os custos aumentariam em US\$ 200 milhões para os paraguaios. Quando esse acordo veio a conhecimento público, causou descontentamento na população geral e dentro do Congresso, onde logo se formou

uma sessão extraordinária com a intenção de um julgamento político contra o presidente. O tema repercutiu em toda a imprensa.

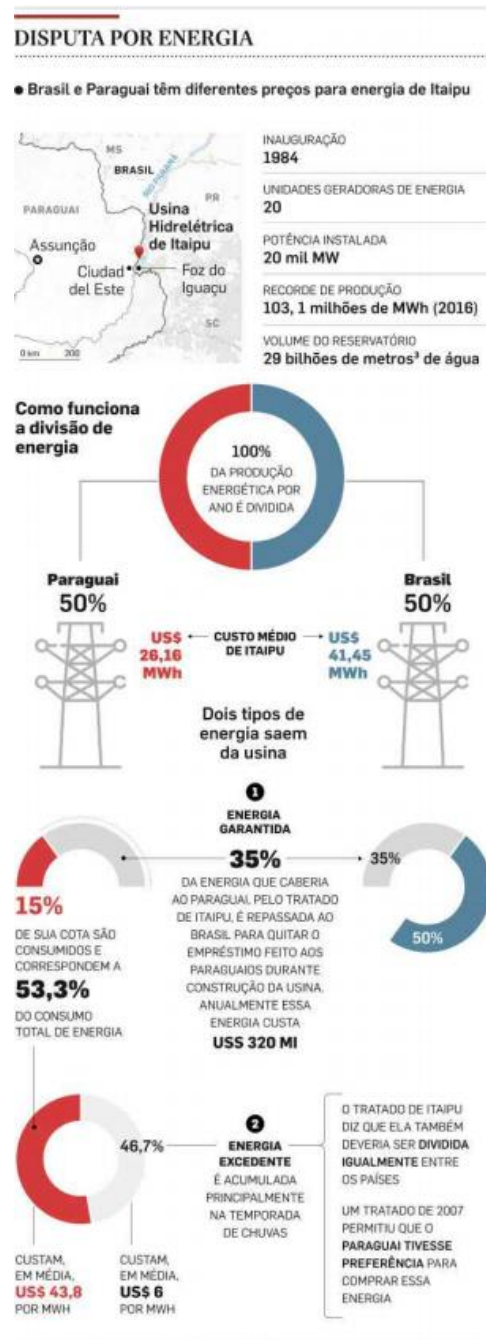
No dia dois de agosto, *Zero Hora* publicava que o Paraguai acabou cancelando o acordo com o Brasil, informando todo o processo feito e o fato de “Marito” não conseguir o apoio do Palácio do Planalto no processo, porque o Governo brasileiro não concordava que o acordo seria prejudicial ao país guarani. Em discurso, Benítez avisou que o acordo não tinha mais efeito e que para isso precisou fazer negociação a noite toda. Ele ainda disse ter ordenado aos partícipes do processo a favor de seu afastamento que fossem destituídos dos cargos.

O texto conta ainda que ele se juntou aos seus apoiadores “já sem terno e com gravata desarrumada” e um outro título diz que “a história quase se repetiu às avessas”, falando sobre “o Paraguai e suas ironias”, fazendo assim um paralelo entre o que quase aconteceu com “Marito” com o que aconteceu a Lugo em 2012. No caso, em 2019 “Marito” quase foi destituído por orquestrar um “acordo de que favorecia os brasileiros”, enquanto o que causou a queda de Lugo foi a sua oposição ao setor rural formado grande parte por brasileiros. Em um processo que levou menos de 24 horas, derrubou-se o presidente que contava com o apoio dos governos da “esquerda latino-americana”, o que fez com que o Paraguai fosse suspenso do Mercosul na época. Já anos depois, o texto destaca outra “ironia”, mesmo sem ter sofrido de fato o *impeachment*, “Marito” contava com o apoio dos governantes “conservadores” do continente.

A *Gazeta do Povo* também falou sobre o assunto no dia 8 de agosto, mostrando como a “confusão entre Brasil e Paraguai” poderia afetar o bolso do brasileiro. Já no dia 21 de agosto o *Estadão* trouxe na editoria de Internacional um resumo do que foi o acontecimento, as relações entre os dois países e o funcionamento dos acordos de Itaipu, afirmando no título que o Paraguai aproveitou a crise para fazer tal acordo. Explica que a boa relação entre Bolsonaro e “Marito” seria favorável à aceleração de um acordo, além dos problemas financeiros. A reportagem explica que essa crise começou quando Pedro Ferreira, ex-presidente da ANDE, estatal responsável pela distribuição de energia no Paraguai, renunciou ao cargo. Isso aconteceu porque ele se recusou a aceitar os termos de uma ata que pretendia trazer um gradual aumento da contratação de potência da usina até 2022, considerando o documento “entreguista”. O canto direito da página traz informações sobre o arquivamento do pedido de *impeachment* contra Mario Abdo Benítez na Câmara de Deputados. No

meio da reportagem, consta também uma série de infográficos bem didáticos, explicando como funciona a distribuição de energia da usina de Itaipu. A reportagem ainda divide a página com outras duas notícias, uma sobre contatos de Maduro, presidente venezuelano, com o governo americano e a outra sobre a retomada de terrenos na Síria e Iraque pelo Estado Islâmico.

Figura 10 - Gráficos da reportagem do dia 21 de agosto do Estadão



Pouco tempo depois, no dia 31 ainda de agosto, a *Gazeta* publicou uma notícia informando que a dívida bilionária que possibilitou a construção da usina está perto

de ser quitada. A reportagem começa trazendo informações sobre a grandeza da hidrelétrica e dados sobre os recordes já quebrados, para logo comparar esses números atuais com o montante da dívida de quase 50 anos. Mas ainda conta que a empresa vem conseguindo quitar cerca de US\$ 2 bilhões por ano e o esperado é terminar o pagamento até 2023. Complementa comentando o impacto que isso trará ao bolso do consumidor, tanto no Brasil como no Paraguai, que possivelmente pagará menos.

No início deste ano, a revisão do tratado de Itaipu voltou a ser pauta na *Gazeta do Povo*. O título da reportagem publicada no dia 14 de fevereiro traz uma fala do diretor-geral da Itaipu no lado brasileiro, general Joaquim Silva e Luna, afirmando que nessa revisão enfrentarão “disputa de narrativas”. Em 2023 ambos os países terão de revisar parte do tratado que diz respeito à comercialização da energia gerada pela Itaipu. O diretor afirma na matéria que quem tomará as decisões são os governos dos dois países e não a usina, que na verdade é “objeto de negociação, não um dos atores”. A reportagem lembra o ocorrido em 2019, colocando o caso como “controvérsias” que o general precisou resolver e pondera que a ata assinada pelos presidentes no ano anterior “corrigia distorções” de comercialização pelo lado paraguaio. Ainda é comentado sobre possíveis mudanças após a revisão, entre elas está a abertura da comercialização da energia. A reportagem se encerra com uma observação de que a equipe de jornalistas viajou a convite da Itaipu, pela celebração aos 2,7 bilhões de mega watt-hora produzidos desde o início da operação da usina.

Ao observar o conjunto das matérias acima apresentadas, pode-se perceber a constância de uma mesma pauta: a compra e venda de energia. Mudam os nomes, os lados, mas constantemente e o assunto volta a aparecer, servindo principalmente como discurso político. Se observamos os verbos utilizados principalmente nos títulos, geralmente são fortes e trazem um tom negativo às reportagens, com ar de tensão internacional. Alguns exemplos são: “Itaipu ainda ignora...”, “Brasil e Paraguai não avançam...”, “Paraguai cancela acordo...”, “Paraguaios derrubam plano brasileiro” e “Paraguai ameaça...”. Mas esses fatores não são tão observados nas primeiras matérias dos anos 1970, período em que ambas as nações viviam em ditadura, e o que transparece no texto é muito mais um clima de positivismo, relatando, por exemplo, muito mais o que aconteceu durante o evento de assinatura do tratado, como a vestimenta dos presidentes, o “ruído surdo” do som de uma planta caindo do que

explicando mesmo o que significava aquele acordo, ou a dívida bilionária que acarretaria a construção.

A mesma coisa observa-se na reportagem de 1975, que muito fala de desenvolvimento econômico, com muitos planos para o futuro, indo na contramão de uma crise mundial. E quando trata da entrega do “Livro de Ouro da Mulher Guarani”, causa a impressão de que aquela foi a causa mais nobre já feita pelo Brasil e daquele momento em diante todas as feridas deixadas pela guerra foram curadas e agora o Brasil reconquistou de vez a simpatia do Paraguai. O tom amigável muda a partir da de 1996, com as empresas do presidente Wasmosy, que estavam lucrando com a Itaipu. Mas é perceptível também uma mudança no fazer jornalístico a partir daí, com as reportagens focando mais na notícia mesmo, no que é mais importante para o leitor saber. Isso é notável até pelo formato de textos mais fáceis e sucintos.

O estilo de noticiar as questões da Itaipu não muda muito de um veículo para o outro. O que chama a atenção de duas das mais recentes reportagens da *Gazeta do Povo* é essa observação ao final do texto informando que a reportagem “viajou a convite da Itaipu”, dando certa sensação de que aquilo seria algo como uma reportagem de divulgação da empresa, ou encomendada por ela. E ainda em relação aos verbos escolhidos, é possível destacar também a reportagem do *Estadão* do dia 24 de fevereiro de 2008, que expõe logo no título que o “Paraguai” estava ameaçando fazer com a Itaipu o que Evo Morales havia feito com o gás, sendo que aquilo vinha de um discurso de um candidato à presidência, o qual mesmo que a frente na corrida eleitoral, ainda não tinha sido eleito.

6.3 TRATADO DE MERCOSUL

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) nasceu em 1991 com o Tratado de Assunção, sendo uma iniciativa de integração regional do continente sul-americano. Os membros fundadores do MERCOSUL foram Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. A Venezuela entrou para o bloco em 2012, mas acabou sendo suspensa em 2016. Os demais países do continente são vinculados como Estados Associados, exceto a Bolívia, que está em processo de adesão. Essa união nasceu como um propósito de melhoras econômicas para o bloco, facilitando a livre circulação interna de bens, serviços e fatores produtivos, além do livre comércio com a redução das alíquotas tarifárias de aduanas. Devido ao peso desse acordo nas relações internacionais entre

os países membros, é frequente a presença de notícias relacionadas ao bloco na imprensa.

Pouco mais de um ano após a assinatura do Tratado de Assunção que deu vida ao Mercosul, no dia 14 de maio de 1992 o *Estadão* publicou uma notícia que informava que o Paraguai pedia a suspensão de sua participação no bloco até o ano 2000. O título dizia, “Paraguaios querem Mercosul no ano 2000” e explica que a pressão por esse movimento vinha principalmente da região de Ciudad del Este, na fronteira com Foz do Iguaçu, onde está o maior centro comercial do país, alegando que o país precisava desse tempo para “absorver, sem grandes traumas sociais, a nova ordem econômico-social”, para assim ir entrando aos poucos no bloco. Observa que o desenvolvimento do país é inferior dos outros países, trazendo desvantagem e riscos para a economia local da região. A matéria é a principal da editoria Internacional e compartilha a página com outros temas, relacionadas ao Uruguai, Venezuela, Chile e Estados Unidos.

Já no dia 19 de agosto de 1999, *Zero Hora* avisava que “Paraguai ameaça deixar Mercosul”. O motivo seria uma nova Zona Franca argentina na cidade de Clorinda, fronteira com o país no Chaco. Ainda no *lead* conta que a Argentina está conseguindo “irritar” os outros sócios do bloco e que o ministro de Indústria e Comércio do Paraguai, Guillermo Caballero Vargas, até mesmo deu a sugestão de tirar o país do MERCOSUL. As críticas do ministro vão também ao Brasil, dizendo que é como se os dois quisessem “arrebentar” o país e que a melhor opção seria realmente deixar o bloco. A matéria segue lembrando que o país é o que mais depende dos outros sócios e isso explica a reação “tão forte” que tiveram. O texto aponta esses desentendimentos como um “novo capítulo da história de atritos” entre os membros do acordo do Mercosul e ainda observa os problemas internos enfrentados pelo Brasil e Argentina. Acompanham a matéria uma foto do ministro da Economia da Argentina Roque Fernández e um box resumindo quais são as reclamações de cada um dos integrantes do bloco.

Figura 11 - Box com as reclamações de cada um dos sócios do Mercosul na Zero Hora do dia 19 de agosto 1999

AS QUEIXAS DE CADA UM

Do que reclamam os sócios do Mercosul:

<p>● Argentina: da desvalorização do real, que tornou os produtos brasileiros mais baratos.</p>	<p>● Paraguai: da ameaça de criação de uma zona franca em Clorinda, perto da capital paraguaia.</p>
<p>● Brasil: da reação protecionista dos argentinos, que tentaram barrar as exportações brasileiras.</p>	<p>● Uruguai: da não-renovação da licença para caminhões que transportam cargas entre Brasil e Argentina.</p>

O que é muito comum quando se trata de notícias sobre o Paraguai e Uruguai, em relação ao Mercosul é a nomeação de país pequeno ou menor. Duas matérias do *Estadão* exemplificam essa tendência: a primeira foi publicada no dia 21 de outubro de 2001. A editoria de economia trazia nesse dia uma reportagem tratando sobre o gatilho cambial proposto pela Argentina e mais ou menos na metade da página aparece um outro título: “Brasil critica medida de sócios ‘menores’”. A matéria trata sobre ações do Paraguai e Uruguai que estariam “prejudicando” o MERCOSUL afirma que o bloco do Cone Sul vem sofrendo com o “barulho” feito por meio de “pequenos trambiques” que os dois países vinham efetuando. Uma das acusações era sobre as alterações unilaterais da Tarifa Externa Comum (TEC). Em relação ao Uruguai, a principal queixa sobre a entrada de pneus recauchutados da Europa. Outra briga dos dois países contra o Brasil envolvia o comércio de cigarros, onde Paraguai e Uruguai reclamam do Imposto de Exportação cobrado sobre o produto. A matéria segue dizendo que a medida foi tomada pela Receita Federal como forma de coibir o contrabando, alegando que quando o produto era exportado pelo Brasil, alimentava a indústria da falsificação no Paraguai. Mais para frente ainda declaram que “a briga feia dos pequenos” não é tão diferente dos problemas com a Argentina. Para ilustrar, a matéria conta com uma foto de pessoas atravessando a Ponte da Amizade com a legenda: “Contrabando de cigarros: briga ‘feia’ dos brasileiros com os ‘pequenos’”.

A outra matéria foi publicada no dia 16 de julho de 2006. O texto principal da página falava sobre a entrada da Venezuela como sócio pleno do bloco. Em determinado momento da reportagem é dito que a entrada da Venezuela pode acalmar os sócios menores, Paraguai e Uruguai, que reclamam de “assimetrias

comerciais” e ainda observam que nunca houve tantos conflitos entre os países do bloco como naquele momento. O final da página ainda conta com uma outra matéria, intitulada: “Os pequenos do bloco ameaçam os grandes”. O texto observa que os dois países perderam a “costumeira timidez” e reclamam que “perdem mais do que ganham” com o MERCOSUL. A matéria ainda faz uma comparação com o filme “O Rato que Ruge”, onde um país pequeno amedronta o Estados Unidos, colocando assim Paraguai e Uruguai como esse “país pequeno”, enquanto o Brasil e a Argentina são vistos como o EUA da questão. A forma que encontram de então “chamar a atenção dos grandes” é ameaçar fazendo negócios de livre comércio com o próprio Estados Unidos, indo contra os planos do bloco. Para tentar controlar os “países menores” os “grandes” decidiram ceder mais privilégios aos dois, como a venda de produtos para a Venezuela sem o valor da tarifa alfandegária, além de destinar verbas para obras de infraestrutura para os dois. A matéria ainda traz os embates enfrentados com Bolívia e Chile.

Figura 12 - Parte da matéria do Estadão publicada em 21 de outubro de 2001

Brasil critica medidas de sócios ‘menores’

Uruguai e Paraguai adotam práticas comerciais que prejudicam o Mercosul

BRASÍLIA – Mergulhado em uma crise por conta dos conflitos sucessivos entre Brasil e Argentina, o Mercosul vem sofrendo também com o barulho do sócios considerados “menores”, o Paraguai e o Uruguai. Nos últimos meses, ambos os vizinhos adotaram medidas avaliadas como “pequenos trambiques” por técnicos do governo brasileiro.

É o caso do pleito uruguaio de manter a sua exportação de pneus recauchutados ao mercado, tema que foi parar em um tribunal de arbitragem. Os sócios menores também são questionados pelo Brasil por terem adotado alterações unilaterais da Tarifa Externa Comum (TEC), que deveria ser aplicada de



Contrabando de cigarros: briga ‘jeia’ dos brasileiros com os ‘pequenos’

Maurilo Claret/AE

o combate ao contrabando do produto. O projeto envolve a criação de sistemas de controle da produção, da importação e da exportação de produtos da cadeia de cigarros, ações conjuntas de fiscalização, troca de informações e harmonização das penalidades.

A briga feia com os pequenos, entretanto, não é diferente daquela que o Brasil vem travando com a Argentina. Diz respeito às alterações na Tarifa Externa Comum (TEC), que deveria ser aplicada pelos quatro sócios aos produtos vindo de fora do bloco. Neste ano, a Argentina baixou para zero a TEC de bens de capital e subiu para 35% as de bens de consumo. Além disso, adotou uma medida que, na prática, significa a redução das tarifas para bens de informática e telecomunicações, veículos e outros produtos.

O Uruguai seguiu o mes-

Em 2010 o Paraguai de Lugo pedia que a Venezuela fosse aceita como membro pleno do Mercosul ainda no primeiro semestre do ano. A *Gazeta do Povo* publicou matéria sobre o assunto no dia 27 de fevereiro. O processo de adesão do país começou em 2006 e precisava ser aprovada ainda pelos congressos do Paraguai e Brasil, onde encontrava objeções. A matéria explica que o país tinha fortes laços com a Venezuela desde a eleição de Lugo, que acreditava que essa entrada poderia ser um ponto de equilíbrio com as “economias menores”. Finaliza informando que

alguns legisladores afirmam que o país não cumpre a cláusula a respeito do sistema democrático, para que seja aceito no Cone Sul, enquanto outros observam que apenas falta concluir questões técnicas.

Em dezembro de 2010 a *Gazeta do Povo* informou que estava prevista a assunção do Paraguai à presidência temporária do Mercosul, mas um conflito com a Argentina fez com que a presença do país na cúpula entrasse em risco. O motivo do desentendimento foi um sistema sindical da Argentina, que bloqueou embarques paraguaios em plena proximidade das festas de fim de ano. O sindicato argentino só permitiria a passagem quando operários navais paraguaios tivessem “condições similares de trabalho”. No Paraguai diziam que aquilo poderia afetar o comércio exterior do país e caso os interesses do governo paraguaio não fossem atendidos, responderiam naquele final de semana se participariam ou não da cúpula nos dias 16 e 17 daquele mês.

2012 foi um ano de muitas tensões para o bloco. Foi nesse ano que aconteceu o juízo político que destituiu o presidente Fernando Lugo do cargo. Os outros três países também eram governados por presidentes da esquerda e consideraram aquela ação como um golpe de Estado, trazendo consequências para a República do Paraguai dentro do Mercosul, sendo suspensa do bloco até a troca de governo através das eleições.

O *impeachment* de Lugo aconteceu no dia 22 junho. Quem assumiu então o poder foi o vice-presidente do país, Federico Franco. No dia 25 *Zero Hora* publicava na versão online uma matéria sobre o desagrado do novo governo em relação à suspensão temporária do país no Cone Sul. O chanceler paraguaio, José Félix Fernández Estigarribia, pedia que Franco tivesse espaço para se defender perante os outros sócios e confirma que seguirá buscando formas de tentar recuperar as relações. Além dos membros permanentes do bloco, os outros países parceiros do Mercosul condenaram a forma com que se executou o processo de juízo político contra Lugo. Segundo a reportagem, o ex-presidente logo convocou uma reunião que denominou como “Gabinete de Restauração da Democracia” com ministros que teriam o dever de “fiscalizar a equipe de Franco”. A reportagem é fechada reiterando a data que aconteceu o *impeachment* e lembrando que o processo é permitido pela Constituição paraguaia e que no caso de Lugo aconteceu em menos de 24 horas, sendo aprovado na Câmara e Senado - o que foi considerado como falta de tempo para a defesa de Lugo pela comunidade internacional das Américas.

Dois dias depois o *Estadão* noticiava que os aliados viam aquilo tudo como um “impasse democrático”. Enquanto isso o presidente seguia firme em suas convicções de que não teve ruptura da democracia, sem deixar margens para o fim da suspensão. Segundo a reportagem, “na melhor das hipóteses”, o Paraguai voltaria apenas em julho do ano seguinte após as eleições presidenciais e que a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, resistiu e insistiu em “isolar” o país apenas politicamente, sem mexer na economia, à diferença dos outros governos do bloco, que logo decidiram começar os cortes de fornecimentos e reduções de programas de cooperação. Se analisava em todo bloco a possibilidade de medidas mais duras, para que o país sentisse as consequências do “*impeachment* relâmpago”.

Em 30 de junho, *Zero Hora* voltava a falar do assunto, informando que o Paraguai tentaria reverter a suspensão de sua participação no bloco criticando a aprovação da entrada da Venezuela. Segundo a matéria, o governo buscara “caminhos para reverter a medida” com ações para torná-la inválida. Relembra ao final que o país está proibido de participar das atividades do Mercosul até 2013, por causa do *impeachment*, considerado contrário ao Protocolo de Ushuaia, o que vinha “isolando” o país na região. Informa que o presidente é filiado ao Partido Liberal, que rompeu as alianças que tinha com Lugo.

E foi isso que aconteceu em 2013. No dia 12 de julho a *Gazeta do Povo* informava que a suspensão do Paraguai no Mercosul seria revogada no dia 15 de agosto. A decisão foi tomada após os países membros do bloco – Brasil, Argentina, Uruguai e Venezuela – avaliarem positivamente as eleições gerais em abril, onde foi eleito Horácio Cartes. O texto informa que será considerado cumprido o compromisso democrático do Protocolo de Ushuaia, assim que Cartes tomasse posse do cargo. Mas antes daquela data o “quinto integrante” não poderia participar das reuniões.

Já em 30 de setembro o mesmo veículo anunciava que “Brasil defende Paraguai no Mercosul”. Isso aconteceu durante uma visita do presidente paraguaio a Brasília. Durante o encontro, tratou-se sobre a construção da segunda ponte sobre o Rio Paraná, a qual Dilma disse que em breve aconteceria e seria “mais um elo” entre os países. A reportagem destaca que essa foi uma forma de “normalizar as relações diplomáticas” entre os dois países e que Dilma ainda lembrou da importância do país dentro no Mercosul, do qual estava suspenso como “punição” pelo *impeachment* de Lugo. Lembrando ainda que o país não voltou a fazer parte do bloco por não concordar com a adesão da Venezuela, que ocorreu sem o aval do Paraguai no período de

suspensão, sendo que para que um novo país entre é preciso a aprovação do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Enquanto Dilma já observava a presença do país como algo bom que tornava um “tecido multilateral” mais forte. Segundo a presidente brasileira, as relações bilaterais se mantiveram “intactas” no processo de suspensão do Paraguai no Mercosul e a reportagem ainda observa que a corrente de comércio bilateral aumentou no último ano. A reportagem termina com notícia de que o Paraguai vai demitir funcionários públicos por não ter dinheiro suficiente para o salário de todos.

Em 2016 as divergências em relação a presença da Venezuela de Maduro seguiam em meio ao bloco. Após a renúncia da presidência por parte do Uruguai, a Venezuela decidiu assumir o cargo, levando em conta o critério de ser o próximo devido à ordem alfabética. *Zero Hora* publicou então, no dia primeiro de agosto, que o “Paraguai não reconhece presidência venezuelana no Mercosul”. De acordo com a reportagem, a reclamação do país era porque Venezuela “se autoproclamou no cargo”, pois essa rotação feita em ordem alfabética que consta o Protocolo de Ouro Preto é respeitada, mas sempre feita em reunião com os chanceleres dos países. O chanceler paraguaio Eladio Loizaga afirma na matéria que Brasil, Argentina e Paraguai estavam dirigindo o Mercosul naquele momento e buscando uma saída para essa “crise”. Afirmando ainda que o país conta com atrasos em relação a normas sobre os direitos humanos.

Apesar de não ter encontrado nada mais recente que tenha relevância em relação ao Mercosul com foco no Paraguai nos veículos, as questões do bloco são uma constância na imprensa. Com o que foi estudado, percebe-se que, diferente do assunto Itaipu, as notícias com ênfase no Paraguai no Mercosul não ganham tanta relevância. Comparando com as matérias da Itaipu, a maior parte das notícias relacionadas à usina ganham páginas inteiras, com matérias completas cheias de infográficos e boxes com informações extras. Já quando a informação é em relação ao Mercosul, normalmente ocupa um espaço muito menor, compartilhando a folha com outras notícias e muitas vezes até mesmo sem fotos. Ou em alguns casos sendo o subtítulo de alguma outra notícia mais elaborada e mais voltada para algum dos outros sócios do Mercosul. Isso é percebido principalmente no *Estadão*. Enquanto a única matéria da versão impressa da *ZH* analisada nesse caso traz a pauta como única da página, mas ocupando pouco mais da metade dela, dividindo espaço com uma propaganda. Na versão digital as matérias são consideravelmente bem

desenvolvidas. Já na *Gazeta* isso ficou dividido entre algumas matérias mais curtas e outras um pouco mais produzidas.

Isso traz à tona outro fator, a forma como o Paraguai é visto em relação ao bloco, recebendo a nomenclatura de “sócio menor”, junto ao Uruguai. Isso aparece em algumas das matérias como tema da informação, mas também quando se trata de outros assuntos aparece como forma de mencionar o país. O que se nota sobre isso é que não é só uma forma de o representar como um dos menores em questão geográfica, mas sim com um tom pejorativo. Um exemplo disso é a matéria de julho de 2006 do *Estadão* onde fazem uma comparação desses “pequenos” com o filme “O rato que ruge”. Até mesmo na matéria principal daquela mesma página, que afirma que a entrada da Venezuela ao Mercosul pode ser uma forma de “acalmar” os “sócios menores”.

O país passa a receber mais atenção do bloco e conseqüentemente da imprensa em 2012, após o juízo político do ex-presidente Fernando Lugo. Nesse momento, o país virou pauta principal mais de uma vez, principalmente após a suspensão do país do bloco, por ser considerado desrespeito à democracia o *impeachment* de Lugo. Tema que gerou notícia até um ano depois, com a eleição de Horácio Cartes no país. Assim como no quesito Itaipu, as notícias podem ser consideradas em sua maior parte, ou até mesmo em sua totalidade, como negativas por trazerem esse aspecto de tensão internacional e desacordos entre os membros do Mercosul.

6.4 OS BRASIGUAIOS

Durante a ditadura de Alfredo Stroessner aconteceu um movimento de imigração de brasileiros ao Paraguai. O próprio presidente paraguaio incentivava aos vizinhos a que fossem morar em terras guaranis, com venda de terrenos com o preço abaixo do normal. Com o passar dos anos, mais e mais brasileiros foram adentrando e desbravando essas terras. Eles formaram cidades e muitos entraram no meio político e até mesmo ganharam um novo neologismo, os “brasiguaios”, fusão dos termos “brasileiro” e “paraguaio”. Em todos estes anos sempre foram pauta na imprensa brasileira, seja por coisas boas, como os grandes produtores agrícolas que são destaque no meio, ou com as desavenças com os sem-terra.

Em 1989 o *Estadão* contava que esses brasiguaios estavam fazendo fortuna com a soja no país vizinho. A reportagem, com um estilo mais literário e uma diagramação que surpreende ao pensar no ano de publicação, foi publicada no dia 10 de setembro. A matéria trazia informações sobre as melhores condições econômicas e trabalhistas que brasileiros encontraram em terras paraguaias. Logo no início, informa que eles estão longe de “leis e normas” da agricultura brasileira, mas aplicando o conhecimento e tecnologia que levaram de lá e assim vivem “tempos de euforia e riqueza”. Apesar das dificuldades encontradas no início da colonização entre os anos 1960 e 1970, esses imigrantes, a maioria da região sul do Brasil, conseguiram superar e naquele momento vivam tempos de prosperidade.

Assim, a matéria vai trazendo vários casos de pessoas que encontram facilidades e mais lucro no trabalho. Isso acontecia devido à menor tributação e ao câmbio livre do país. O que, segundo a reportagem, fazia com que muitos brasileiros contrabandeassem suas plantações “para o outro lado da fronteira”. Além disso, encontraram salários mais altos. A reportagem mostra que até mesmo quem escolheu trabalhar com a venda de veículos ou corretagem de imóveis “não tem do que se queixar”. Em um subtítulo, trata sobre o idioma falado por lá, o portunhol (português com espanhol) que até mistura com o guarani. Além disso, mostra um pouco dos costumes brasileiros que persistem e o “sistema de vida em comunidade” entre os moradores das regiões de brasiguaios. Outra informação trazida é a de que parte desses imigrantes, mesmo com melhores condições, ainda não tem a situação migratória legalizada.

Figura 13 - Edição do dia 10 de setembro de 1989 do *Estadão*



No dia 9 de outubro de 1995 a notícia que o *Estadão* divulgava é de que “Brasiguaios viram vereadores no Paraguai”. Com a nova Constituição, aqueles que já estão no país há sete anos poderão ser eleitos prefeitos. A matéria abre contando que alguns brasileiros da cidade de Santa Rita, ocupam cargos na Câmara Municipal da cidade, afirmando assim que “a influência dos brasiguaios ultrapassa a cerca da lavoura e entrou pelos poderes constituídos”. Outro dado trazido é que os “nativos” são minoria naquela região e que foram “empurrados” para a região central, porque próximo da fronteira os brasileiros dominam as terras. Segundo a reportagem, isso causou um efeito de “refluxo”, com agricultores paraguaios intervindo por terras que dizem ser deles, “como se acordassem de uma amnésia nacional”. Até mesmo uma senadora reclama que aquele território foi “brazileirizado”. Compara a vida dos brasiguaios com a dos europeus que colonizaram o sul do Brasil. E finaliza com a história de uma brasileira que adotou uma criança paraguaia. Ela e o filho adotivo aparecem na foto da matéria.

Em 1999 o assunto da reportagem mudou. No dia 30 de julho o *Estadão* dizia agora que os brasileiros estavam sendo perseguidos nas terras guaranis. A reportagem alegava que viviam em constante ameaças e nem mesmo “escrituras e anos de cultivo” asseguravam o direito as terras. Os ataques aconteciam principalmente em Porto Índio, por grupos de sem-terra que supostamente faziam aquilo motivados por interesses políticos e discursos nacionalistas. O Governo

prometia ajuda e os brasileiros acabavam indo atrás de refúgio em Foz do Iguaçu e diziam que só voltariam quando estivessem seguros. A matéria explica que aquele “movimento de reivindicação” começou após a redemocratização, com a queda do ditador Stroessner, que incentivou a migração brasileira. Além disso, ainda mostra que boa parte dos brasileiros está instalado em pontos estratégicos do contrabando. Isso tudo causou a morte de um camponês paraguaio, um dos brasileiros acusados do assassinato precisou até buscar abrigo na casa do sogro. Os brasileiros reclamam de dificuldade para prestar queixa, alegando que as denúncias não são registradas.

A página ainda traz uma matéria menor, abaixo, contando das invasões no município de San Alberto, onde o prefeito é brasileiro e 80% da população também. A matéria conta que há 18 dias a cidade está ocupada por grupo sem-terra. Explicando que isso começou após a eleição de Romildo Antônio de Souza, o que supostamente causou incômodo a grupos políticos paraguaios. Em um intertítulo, traz a história de um homem que perdeu dois amigos que supostamente morreram por terem sido confundidos com ele, o brasileiro Darci Martins. Ainda no canto da página, um box com o caso de sucesso de um pecuarista que, diferentemente dos outros brasileiros da reportagem, conseguiu reaver suas terras por meios de uma revogação.

No dia quatro de setembro do mesmo ano, *Zero Hora* publicava uma reportagem especial ocupando duas páginas, tratando do mesmo assunto. Afirmando que “Brasileiros e paraguaios disputam terras”. A matéria conta que a disputa entre brasiguaios e “campesinos” – agricultores paraguaios – já havia causado duas mortes nos últimos meses. Segundo a reportagem a região de Puerto Indio era estratégica e o motivo dessa batalha ia muito além do discurso xenofóbico contra os brasileiros ou o “processo de limpeza étnica” que estes alegavam existir. Mas a causa principal era a ideia do governo de construir uma cidade na região, o que explicaria no caso o processo de desapropriação das terras.

Isso tudo fez com que agricultores brasileiros se preocupassem com que se alastrasse o conflito, o que era bem possível, pois a Asociación de Agricultores del Alto Paraná (Asgrapa) reivindicava a terra de todo brasileiro que não tivesse a documentação. E a reportagem afirma que muitos tinham problemas relacionados aos documentos. A página inclui ainda um box trazendo contrapontos entre o presidente da IBR e da Asgrapa. Já a segunda página traz um box explicando quem são os brasiguaios e os campesinos, além de um pequeno texto que diz que pela primeira vez os agricultores paraguaios estão “organizados” e a fala do presidente da Asgrapa,

de que a luta é contra aqueles que tomaram posse de terra ilegalmente e não contra brasileiros. Finaliza contando os casos dos paraguaios mortos.

Figura 14 - Box da reportagem especial da Zero Hora do dia 4 de setembro de 1999

QUEM É QUEM	
Os brasiguaios colonizaram, nas últimas décadas, as terras mais férteis do Paraguai:	
Os brasiguaios	Os campesinos
<p>Por que a denominação brasiguaios? A denominação foi dada aos agricultores brasileiros que se mudaram para o Paraguai nas últimas décadas para plantar na região que faz fronteira com o Brasil.</p> <p>Por que os brasileiros foram para o Paraguai? Pequenos agricultores e sem-terra receberam a oferta do governo paraguaio para a compra de terras a preços baixos e financiamentos para colonizar o Alto Paraná, uma das regiões mais férteis do Paraguai. Com cerca de 700 quilômetros de comprimento e 150 quilômetros de largura, a região faz fronteira com a Argentina e os Estados brasileiros do Paraná e de Mato Grosso do Sul. Representa 60% das terras agricultáveis do país.</p> <p>Os brasileiros são os únicos agricultores estrangeiros no Paraguai? Não. Há colônias de japoneses e de alemães, comunidades fechadas e bem mais antigas que as dos brasiguaios, a maioria delas criadas depois da II Guerra. O governo estima que existam no país 500 colônias agrícolas, cada uma formada por 150 famílias de agricultores. Deste total, 450 colônias são de agricultores paraguaios e 50 de estrangeiros (80% de brasiguaios).</p> <p>Passados 30 anos de colonização, o que são hoje os brasiguaios? Os brasiguaios e seus descendentes somam 350 mil famílias. Representam quase 10% da população paraguaia e 90% dos habitantes do Alto Paraná, região onde se iniciou a colonização. Entre os brasiguaios, estima-se que 30% das famílias sejam gaúchas. Elas fundaram seis centros de tradições gaúchas (CTG) e várias cidades, entre elas Santa Rosa e Santa Rita, e lugarejos como a Esquina Gaúcha.</p> <p>O que produzem? Produzem 80% da soja do Paraguai, algodão, gado de corte, leite e madeira. Segundo o Instituto Bienestar Rural (IBR), que equivale ao Inca no Brasil, em torno de 75% dos brasiguaios vivem em propriedades de tamanho médio, com até 300 hectares. A agricultura é altamente tecnificada. Uma parte da produção é contrabandeada para o lado brasileiro.</p>	<p>Por que são chamados assim? A palavra campesino é usada para designar, em espanhol, o homem do campo. Hoje, no Paraguai, ela indica o agricultor de origem paraguaia. O estrangeiro, não interessa a nacionalidade, é brasiguai.</p> <p>Quantos são e o que produzem? Os campesinos são cerca de 200 mil famílias, segundo o governo. Praticam a agricultura de subsistência e produzem de maneira individual, uma herança da ditadura militar do general Alfredo Stroessner (1954/1989) que destruiu todas as organizações rurais, inclusive as cooperativas de produção. Entre os agricultores paraguaios, o índice de mortalidade infantil é de 14%, quase o dobro da taxa verificada entre a população urbana. A taxa de analfabetismo chega a 45%, sendo um dos fatores que dificulta a introdução de novas tecnologias no campo.</p>

Com uma cartola denominada “Pirataria e Contrabando”, a *Zero Hora* do dia cinco de abril de 2005 dizia que “Brasiguaios ilegais são o próximo alvo”. A reportagem informa que o serviço de migração do país vizinho vai “apertar o cerco” contra os agricultores brasiguaios que vivem ilegalmente no Paraguai. Um processo parecido já tinha sido feito para expulsar os trabalhadores “clandestinos” em Ciudad del Este (CDE) e agora era a vez dos brasiguaios. Segundo *ZH*, esses brasiguaios, diferentemente dos trabalhadores de CDE, contam com propriedades e vivem uma vida de “prestígio” em suas cidades. Explica ainda que o número de ilegais já foi maior nos anos 90, mas diminuiu bastante através de campanhas de legalização feitas pela Igreja Católica e os dois governos, mas ainda se encontram alguns que não o fazem e consideram o país como “uma simples extensão do Brasil”.

Mas alguns brasileiros relatam dificuldades tanto para regularizar a documentação, como para aqueles que querem voltar ao Brasil e são considerados ilegais. Além disso, naqueles dias havia aumentado a cota de compras para brasileiros em CDE, para tentar controlar o contrabando, e reprimir também outras “atividades ilícitas”. A matéria mostra duas fotos, uma de um dos brasiguaios ilegais de costas e outra de um casal que está tentando resolver a situação da filha que voltou para o Brasil. Traz também um box explicando as questões do contrabando.

E julho do mesmo ano a *Gazeta do Povo* informava no dia 22 que brasileiros que vivem no Paraguai poderiam fazer o cadastro do SUS. O movimento organizado pelo consulado brasileiro e a secretária de saúde começou no município de Santa Rosa del Monday. A matéria conta que com isso Foz vai poder ter uma noção de quantos brasiguaios usam o serviço para poder “reivindicar mais recursos” do Ministério de Saúde. O município tem dificuldades em conseguir esse dado porque muitos acreditam não ter esse direito e acabam fraudando os documentos, passando por moradores de Foz. Segundo a reportagem, eles nunca foram impedidos de solicitar o cartão, mas foram “ludibriados” por “oportunistas” que cobravam pelo serviço. A matéria ainda traz o cônsul brasileiro explicando que além do cartão, fazem também outros documentos para brasiguaios e finaliza com a fala de uma jovem que vive no Paraguai e só não usa o serviço de saúde do país porque brasileiros não têm acesso gratuito.

Em 2008, seguiam as divergências entre os brasiguaios e campesinos, e o presidente da época, Fernando Lugo, era acusado de xenofobia. No dia 25 de setembro daquele ano o *Estadão* publicou uma matéria dizendo que “Lugo nega xenofobia contra brasiguaios”. Em discurso, o presidente paraguaio disse que as manifestações dos sem-terra não deveriam ser consideradas como um “rechaço aos brasileiros” e que eles são “movidos por necessidade”. No texto consta que a semana foi marcada pela presença de soldados brasileiros na fronteira, devido às invasões de terra de agricultores brasileiros no Paraguai, por causa da reforma agrária e ainda afirma que o governo brasileiro também tentou “amenizar” as tensões.

A reportagem segue explicando que o movimento começou com os movimentos agrários prometendo seguir com manifestações e invasões após alguns dias de trégua. Com isso, a presença de militares na região de fronteira nos mesmos dias, Lugo afirmou em discurso que aquilo despertou a “sensibilidade paraguaia”. No mesmo dia o Itamaraty lançou uma nota demonstrando preocupação com a segurança dos brasileiros e disse que aquelas tensões trariam fim as negociações bilaterais relacionadas ao preço da energia. Com o intertítulo “Energia” se explica como funciona a venda de energia na Itaipu e as questões que estão sendo discutidas e o último parágrafo traz a fala de um diplomata brasileiro que afirma que as operações militares não têm relação com as invasões de terra e não passam de exercícios periódicos na fronteira, “conhecida pelo comércio ilegal”.

Em novembro *Zero Hora* publicou uma reportagem especial que se dividiu em duas edições do final de semana dos dias 16 e 17. As reportagens falam sobre “A guerra sem fim” que acontece no Paraguai entre brasiguaios e os pequenos proprietários rurais paraguaios. A edição do sábado tratou mais sobre o lado dos brasileiros erradicados do país e a de domingo dos personagens que estavam “na trincheira oposta”, ambas ocupando duas páginas no jornal gaúcho. Para isso, enviaram o repórter Carlos Wagner, que já cobriu o assunto em outros momentos da história e ao qual denominam como “maior especialista brasileiro no tema”. A reportagem do dia 16 começa com uma breve explicação da situação atual com a presença do presidente Lugo, que defende a causa dos sem-terra que vem invadindo as propriedades dos brasileiros no Alto Paraná. Segundo a reportagem, a ideia do presidente é implementar uma “República Guaraní Socialista” e ainda afirma que os corruptos e políticos sem escrúpulos aproveitam a situação para “tirar proveito pessoal” incentivando a violência. A reportagem traz dados sobre o período em que Stroessner incentivava a migração de brasileiros que compraram terras do governo que pertenciam a índios e parques florestais. E relembra os primeiros casos de ataques dos agricultores paraguaios aos brasileiros ao longo da história.

A segunda página dessa edição relembra as histórias de alguns dos personagens que aparecerem em edições anteriores. Como Valdemar Weber, que em 1986 deu uma entrevista a *ZH* contando sobre os sonhos que tinha em relação a sua vida no Paraguai, e agora nessa reportagem seu filho Evaldo, que na época era criança, conta o que futuro havia reservado ao pai que conquistou parte dos sonhos mas acabou morrendo em uma invasão à padaria da qual era proprietário em Katuete, em que não levaram nada após matá-lo com um tiro no peito. Conta também a história de outros brasiguaios que “abriram estradas e ergueram cidades em meio a mata” que existia naquela região e que sofriam com as consequências dos sem-terra que “reivindicavam a expulsão de brasiguaios do país” e o que eles acreditavam que aconteceria em relação a tudo aquilo.

Figura 15 - Abertura da Parte 1 da reportagem especial da Zero Hora publicada no dia 16 de novembro de 2008



Já na edição do dia seguinte o repórter mostra a situação do departamento de San Pedro, onde, diferentemente do Alto Paraná, os brasiguaios eram minoria e sofriam ataques mais pesados. Além disso, os agricultores paraguaios ainda tinham o apoio do governador José Ladesma, ou Pakova como é conhecido, que também é amigo do presidente Lugo. A reportagem conta que a chegada dos brasiguaios na região é muito recente e estes se interessam pelo baixo preço das terras. Isso irritou os pequenos agricultores daquela região, que não queriam a presença dos brasiguaios, por acreditar que estes acabarão “expulsando os sem-terra” com os modelos de plantação de soja que trazem do outro departamento. A primeira página traz histórias de alguns desses brasiguaios que foram proibidos de plantar soja e o fazem “às escondidas” e até foram mantidos em cárcere privado pelos pequenos produtores.

A segunda página já traz uma entrevista com Antonio Cabrera, da Coordenadoria de Lutas em Defesa da Soberania. Ele fala sobre a insatisfação deles com a presença dos brasiguaios e ainda comenta que elegeram Lugo para “acabar com isso”. Além disso, conta a história de um agricultor paraguaio que foi contra a maré dos líderes das organizações sem-terra. Cecilio Sanguina plantava maconha na região, mas pela influência de um amigo e do filho passou a plantar soja e segundo a reportagem ele “se orgulha do constrangimento” que sofre dos outros conterrâneos. E por fim comenta um pouco mais a fundo sobre o governador Ladesma. Conta como ele e Lugo tornaram-se amigos em uma invasão de trabalhadores rurais nos anos

1990. Relata ainda sobre o apoio do político a uma manifestação que aconteceu antes de ser eleito quando foi queimada uma bandeira brasileira e ele definiu aquilo não como “desrespeito”, mas sim “defesa dos pobres contra o avanço dos capitalistas brasileiros”.

O “clima de guerra” vivido pelos brasiguaios também foi pauta da *Gazeta do Povo* no dia 21 de dezembro de 2009. A matéria conta que, assim como em Mariscal López, na cidade de Itakyry os brasiguaios recebiam ameaças. De acordo com a reportagem, índios daquela região disseram que tinham títulos das terras, enquanto agricultores brasileiros e paraguaios alegavam que as escrituras “são frias”. Além disso, por aqueles dias aconteceu uma intoxicação entre os indígenas, que acusavam os brasileiros da contaminação, mas por meio de testes laboratoriais a intoxicação foi descartada. A matéria segue afirmando que com o governo de Lugo nem os filhos dos brasiguaios que nascem no país “têm passaporte livre para trabalhar”, pois são “alvo certo” dos sem-terra por causa do português perfeito e sotaque no espanhol. Os agricultores vinham sofrendo agressões de parte dos sem-terra. Eles exigiam receber um montante do que era colhido, caso contrário não deixavam os produtores trabalhar. Em meio ao texto aparece o relato de um desses brasiguaios que levou um tiro de raspão enquanto trabalhava em suas terras. A matéria termina com a fala de um outro agricultor, que alega que a culpa disso tudo é do presidente, que “instalou o problema”.

Figura 16 - Reportagem do dia 21 de dezembro de 2009 da Gazeta do Povo

| Tensão no campo

Produtores brasiguaios vivem clima de guerra

Agricultores brasileiros recebem ameaças de morte e são obrigados a pagar extorsão para continuar plantando

Por Mariscal López, Paraguai e Denise Paro, da Sucursal de Foz do Iguaçu [21/12/2009] [21:02]



Polícia paraguaia protege fazenda de brasileiro: próximo à época de plantio, conflito entre sem-terra e agricultores se intensifica | Foto: Christian Rizzi/Gazeta do Povo

Em pleno período de eleições municipais no Brasil em 2012, a *Gazeta do Povo* denunciava a possibilidade de crime eleitoral de candidatos do oeste paranaense que buscavam votos de brasiguaios no Paraguai. Segundo a reportagem os políticos prometiam principalmente ajuda médica. Explica também que a campanha eleitoral no país vizinho não é crime, nem o uso de placas e adesivos em carros, o que não pode é a propaganda em espanhol no território brasileiro. Porém, o crime que mais preocupava a Justiça Eleitoral era o transporte ilegal dos eleitores. Um dos nomes citados foi o do candidato a vereador de Foz do Iguaçu, Hermogénes Oliveira, que morou muitos anos no Paraguai e tinha contato com muitos brasiguaios e os incentivava a ter casa em Foz e estava sempre ajudando os brasiguaios.

De acordo com a matéria, a Justiça não pode barrar as propagandas eleitorais fora do território brasileiro e por isso os candidatos viam o Paraguai como um “reduto eleitoral”. A reportagem percorreu três municípios do país onde pôde perceber que as questões da saúde são as que mais motivam os brasileiros a irem votar em seus candidatos. Até acontece a campanha “corpo a corpo”, com cabos eleitorais contratados para visitar os eleitores e conversar. A reportagem ainda comenta que o transporte ilegal de carro é comum e que muitos candidatos pagam o transporte dos

eleitores até a Ponte da Amizade e de lá eles atravessam de outras maneiras e muitos candidatos até já pagaram hotel a seus eleitores dias antes das eleições.

No dia 12 de março de 2018 a *Gazeta* publicou uma matéria sobre as “Lições paraguaias”, mostrando o trabalho feito na agricultura do país com a ajuda de brasileiros e menonitas. Já no primeiro parágrafo diz que a região deixou de ser o país do “la garantía soy yo”, explicando em seguida que essa é uma expressão usada por brasileiros “que pouco ou nada conhecem” do Paraguai. Segue contando que os campos de lá alcançaram os melhores resultados da história no ano anterior e que em 2018 não se esperava a mesma marca por questões meteorológicas, mas que os produtores, “principalmente brasileiros”, tiveram ótimos resultados com a soja e esperam o mesmo com a safrinha de milho. A reportagem conta ainda que no departamento de San Pedro os produtores conseguem bons resultados plantando até mesmo na areia. Com o intertítulo “Agroindústria”, trata sobre a região de Campo 9, onde a maior parte dos produtores são menonitas e buscam “agregar valor” aos produtos com industrialização. E por fim comenta sobre as questões de infraestrutura que alegam ser o “maior desafio”, por exemplo, com a rede precária de estradas, mas ainda assim as hidrovias do país “fazem inveja a muitos países”.

No dia 21 de abril do mesmo ano, um dia antes das eleições presidenciais do Paraguai, o *Estadão* publicou uma matéria falando sobre o apoio de brasileiros a governista. A reportagem começa trazendo dados sobre o número de brasiguaios no país e explicando que eles movimentam o agronegócio no país, principal motor da economia de lá. De acordo com o texto, os líderes das regiões onde os brasileiros vivem no Paraguai, apoiam a eleição do candidato Mario Abdo Benítez e torcem para que Efraín Alegre, do Partido Liberal, não vença, pois ele traz uma proposta de “igualdade tributária” aumentando o imposto sobre a soja. Um analista econômico comenta que muitos acreditam que os produtores não pagam o que deveriam sobre a soja e por isso o tema sempre entra em pauta na política e carrega um “caráter nacional” por causa da “extrangerização” da terra paraguaia. Sobre a questão das invasões de terra, uma advogada alega que o problema é que após a queda de Stroessner surge a duplicação de títulos, com antigos proprietários tendo o mesmo documento que os donos atuais das terras, mas ela garante que “é proprietário quem tem posse da terra” de acordo com o Código Civil.

Abaixo de uma foto de um grupo de sem-terra, a página traz uma matéria falando do movimento que o grupo está fazendo em frente ao Congresso, pedindo

uma melhor distribuição das terras. A matéria comenta que grande parte dos candidatos que estão concorrendo as eleições estão envolvidos em “acusações de corrupção e enriquecimento ilícito”. Uma das mulheres do grupo de sem-terra diz à reportagem que aquelas pessoas acampadas ali não votarão no dia seguinte porque “nenhum candidato representava seus interesses”. O final da página traz também um perfil dos dois candidatos à presidência do país, Mario Abdo Benítez, do Partido Colorado e Efraín Alegre, do Partido Liberal.

Após um ano da eleição de “Marito”, o mesmo veículo informava que em meio a uma safra ruim “Paraguai ensaia aprovar imposto sobre a soja”. A reportagem foi publicada no dia 10 de abril de 2019. A matéria abre dizendo que aquele ano não era um dos mais “memoráveis” para os paraguaios, pois além dos problemas com a safra por causa do clima, o presidente estava por enviar ao Senado um projeto de lei sobre o “imposto da soja”, que previa cobrar de 10 a 15% sobre a exportação do grão, além de reajustes da alíquota sobre outros produtos. Explicam que a proposta foi do partido de esquerda Frente Guasu e após aprovada no Congresso, ficou parada por dois anos. Os agricultores reclamam do imposto, lembrando que em sua campanha o presidente prometeu que não aprovaria e observam que perderiam competitividade por causa dos “vizinhos poderosos”, Argentina e Brasil. A ideia seria destinar o que for arrecadado com este imposto à reforma agrária, aos campesinos, aos serviços de saúde e às obras de infraestrutura, mas os colonos brasiguaios, que seriam afetados pela cobrança, dizem que teria “efeito contrário”, mais prejudicando do que ajudando os produtores pequenos. A reportagem finaliza reiterando a diferença da produtividade de 2019, que foi muito menor que as anteriores com “preços da soja sobrevalorizados”.

Apenas dois dias depois, *Zero Hora* publicou na versão online uma reportagem produzida para a sua editoria *Campo e Lavoura* contando sobre a terceira geração de brasiguaios no país vizinho e a sua importância na produção de soja de lá. Segundo a reportagem, o país é o terceiro maior produtor de soja do continente latino-americano e mesmo com uma expansão territorial não tão grande, o volume se dá pelos “avanços de produtividade” aliados com novas tecnologias inseridos pelos brasiguaios. Com isso a reportagem traz os casos de produtores rurais que estão há anos investindo na agricultura, que é o “carro-chefe da economia”, como Ernani José Hammes, natural de Santo Cristo, no Rio Grande do Sul, que está no país desde 1983. Ele foi eleito vereador da cidade de Santa Rita e é um dos pioneiros na aplicação de

agricultura de precisão na região, garantindo um melhor rendimento, junto com a rotação de cultura. O filho dele estudou em um colégio agrícola no Brasil e depois voltou para estudar Agronomia no Paraguai e seguir o trabalho que o pai começou. A reportagem ainda observa que a alta produtividade acabou inflacionando o preço das lavouras e o preço do hectare de terra. Finaliza com o caso de outro gaúcho, Fábio Barboza, de Palmeiras das Missões, que se mudou há pouco para o país, está se adaptando à nova cultura e “acostumou-se a trabalhar com o dólar”, moeda usada na venda de grãos.

Figura 17 - Parte da reportagem da edição online da Zero Hora do dia 12 de abril de 2019

– Na época, importei do Brasil uma máquina com aplicação de taxa variável – lembra o produtor, que hoje tem [80% dos equipamentos importados de Brasil](#), Estados Unidos e Inglaterra.



Ernani Hammes (E) e o filho Joel, que nasceu no país vizinho, onde está se formando em Agronomia
Kiko Sierich / Especial

As reportagens sobre a presença dos brasileiros no Paraguai, podem ser divididas em duas pautas principais: o sucesso dos brasiguaios no país vizinho ou as desavenças deles com os sem-terra. Até mesmo quando se trata mais de questões políticas, esses assuntos acabam vindo à tona. Observando a ordem cronológica das notícias, parece que no início se falava muito mais sobre os brasileiros que buscaram e encontraram melhores condições de vida no Paraguai. Mas, com o tempo, começou a aparecer o maior “problema” deles, camponeses reivindicando terras que diziam ter sido roubada deles. Apesar de não aparecer na análise nenhuma reportagem sobre as desavenças antes de 1999, de acordo com reportagem especial de *Zero Hora*, esses desentendimentos já vinham de muito tempo.

Mesmo levando em conta as matérias sobre as brigas entre brasiguaios e os sem-terra, que podem ser consideradas como negativas, ainda assim pode-se considerar, pelo estilo de matérias sobre as atividades e vida cotidianas de brasiguaios, como positivas. Até se olharmos para as matérias dos outros assuntos já abordados, tem muito mais reportagens positivas com o tema brasiguaios. Isso talvez possa ser por se tratar de brasileiros em terras estrangeiras. Mesmo sendo matérias na imprensa brasileira sobre o Paraguai, as fontes ouvidas ainda são brasileiros, ou filhos e netos destes que se deram bem fora do país de origem ou estão sofrendo perseguição. Mas ainda assim, é importante destacar que essas reportagens mostram um Paraguai que vai muito além da pirataria e do contrabando da região de fronteira.

Em todos os veículos as questões econômicas que envolvem a presença dos brasiguaios sempre se fazem presente de alguma forma. O que se percebe em relação ao *Estadão* é que se falou muito no início sobre os brasiguaios que se acostumavam ao novo país e encontraram ali solução para os problemas que tinham, principalmente com a agricultura no Brasil, temas que geraram grandes reportagens que seguiam inclusive uma linha mais literária. A relação dos brasiguaios com a política do Paraguai também sempre foi tema de pauta do jornal. Já sobre a *Zero Hora*, a presença do brasiguaios gaúchos ganha destaque. Com a reportagem especial do jornal publicada em novembro de 2008, é possível perceber que se buscou certa neutralidade, dando voz aos dois lados da história, não apenas aos brasiguaios, e trazendo o contexto histórico da venda de terras que possivelmente pertenciam a índios e parques florestais. Já na *Gazeta Povo* se percebe uma atenção ainda mais especial às questões econômicas e de situações mais relacionadas à fronteira, como as eleições brasileiras e a saúde pública.

6.5 O CONTRABANDO

Tema recorrente na imprensa brasileira quando o assunto é Paraguai é o contrabando. O movimento acontece há muitos anos e um de seus principais pontos é a fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, onde está o maior centro comercial do Paraguai. Ali, a movimentação de contrabando aumentou com a construção da Ponte da Amizade, mas o crime ocorre também nas regiões de fronteira seca, como no Mato Grosso do Sul.

Em 1977 o assunto já rendia pauta para *O Estado de São Paulo*, que informou no dia 21 de junho que “Soja é desviada para o Paraguai”. A reportagem começa fazendo um paralelo entre o volume de soja que o Paraguai deve exportar no ano e a produção do país, apontando uma diferença significativa, o que de acordo com a reportagem, “praticamente confirma o contrabando”. Segue mostrando como os contrabandistas são protegidos por meio de sigilo, fontes não reveladas dizem conhecer os responsáveis, mas tampouco revelam estes nomes, afirmam que até mesmo autoridades paraguaias estão envolvidas no caso. O texto traz a recomendação de uma das fontes, pedindo precaução sobre a “movimentação para se saber nomes”, por ser perigoso. Explicando a forma como acontece o crime, acredita-se que haja pessoas da Ponte da Amizade envolvidas. E na fronteira seca do Mato Grosso “a sistemática é mais simples”. Isso tudo fez com que fossem tomadas medidas buscando resolver as questões. Em um subtítulo afirma-se que é “Tudo mais fácil, além da fronteira”, explicando que não ter taxa e o preço mais alto no pagamento da saca acabou estimulando que muitos comesçassem a contrabandear. A reportagem ainda fala sobre o êxodo de brasileiros ao país vizinho e quais fatores motivaram essa mudança.

Quase 20 anos depois, no dia seis de fevereiro de 1997, o *Estadão* informava que no Paraguai o contrabando superava a “exportação de legais”. O dado foi resultado de um levantamento “inédito” feito pelo Banco Central do país. Para chegar ao resultado, foi necessário cruzar as exportações registradas com o volume de importação fornecido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) com as importações dos sócios do Mercosul. A diferença que apareceu, foi considerada como “exportação ilegal”. A reportagem conta que aumentou muito o número de “exportação não registrada” nos últimos anos e isso se dava pelo aumento do consumo do brasileiro com o Plano Real, além alíquotas baixas sobre determinados produtos importados no país. Sem contar que a importação também tinha um imposto muito baixo por ser amparada pelo “regime de turismo”. Isso tudo “induziu” os comerciantes a “reexportarem” os produtos sem registros aos países vizinhos. O presidente do país, Juan Carlos Wasmosy, buscava entender por que a balança comercial ainda apresentava tantos déficits. A matéria finaliza informando que a indústria calçadista do Mercosul iria “declarar guerra” com o contrabando do país, por causa do alto número de calçados que eram importados ao país, principalmente do sudeste da Ásia.

No dia 22 de junho do ano seguinte, o mesmo veículo informa que a Receita estava fazendo uma “megaofensiva ao contrabando”. Além das investigações em estradas, postos e pistas clandestinas, haveria também fiscalização nas ruas de São Paulo, onde os camelôs vendiam “quinquilharias trazidas do Paraguai”, com a ideia de desestimular o crime. A reportagem alega que esse movimento afetaria diretamente os desempregados que estavam sobrevivendo do mercado informal com a venda de contrabando. Segundo a matéria, isso gerou uma reação no crime organizado em Foz do Iguaçu, com ataque ao chefe da aduana. Até mesmo aeronaves que iam do Paraguai ao Brasil foram fiscalizadas. Comenta ainda que o sistema tem funcionado melhor pelos aparelhos de informática que a Receita apreende do contrabando e incorpora ao seu patrimônio.

Figura 18 - Parte da reportagem da edição online da Zero Hora do dia 12 de abril de

1998

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE JUNHO DE 1998

Receita faz megaofensiva ao contrabando

Fiscais investigam portos, estradas, pistas clandestinas e fiscalizarão o comércio de rua de SP

ALEY SCHULZ

A Receita Federal está preparando uma nova megaofensiva para tentar conter o avanço do contrabando no País. Depois de apertar o cerco nos portos — onde as apreensões cresceram 300% em 97, quando foram recolhidos 1.800 contêineres com mercadorias ilegais. Este ano já foram apreendidos 2.202 contêineres — 45 mil toneladas de produtos, no valor de R\$ 500 milhões. No mercado, os produtos rendem mais de US\$ 1 bilhão. Em Curitiba, as apreensões nos primeiros três meses do ano ultrapassaram 10 toneladas.

Além de tentar conter o avanço do contrabando, a Receita também está trabalhando com associações sindicais da indústria para fiscalizar as operações de embarque. As empresas forneceram listas com cotações internacionais de preços que servem para subsidiar os fiscais em um mecanismo conhecido como valoração aduaneira. O sistema funciona com mais eficiência graças aos equipamentos de informática contrabandeados que a Receita incorpora a seu próprio patrimônio para rebaixar a margem de fiscalização.

A maior parte dos departamentos da Receita, aliás, está equipada com aparelhos de som, televisores, computadores e até objetos de decoração contrabandeados.

“O contrabando e as importações subfaturadas aumentaram o desemprego no País, e o comércio precisa entender que ele está ajudando a diminuir ainda mais as chances de obter um novo emprego”, afirma Del Comens. Segundo ele, atrás de um sacoteiro sempre há um contrabandista.



Associações fazem protesto nos dois lados da fronteira

O temor de um aumento no rigor do Fisco na aduana brasileira, a partir da megapercepção da Receita Federal em Foz do Iguaçu, no dia de maio, deu origem a protestos e notas de repúdio de políticos e associações comerciais no Brasil e no Paraguai.

Os protestos tiveram como motivo as previsíveis consequências sociais da medida. O prefeito de Foz de Iguaçu, Harry Dalilo, acredita que seriam levados ao desemprego cerca de 30 mil moradores da cidade que trabalham no Paraguai, além de milhões de camelo em todo o Brasil que dependem do contrabando.

“Ainda que se entenda como atividade questionável, trata-se de conduta acumulada ao longo dos anos, envolvendo milhões de pessoas, e não pode ser corrigida de uma só vez”, afirma o prefeito.

Luis Rene Ramirez, vice-presidente do Centro de Importadores e Comerciantes do estado paraguaio de Alto Paraná (Cicap), diz que a primeira consequência do endurecimento no rigor da Receita Federal na fronteira seria a demissão de 15 mil comerciantes brasileiros em Ciudad del Este. “Eles não têm seguro social”, justifica.

A reação das autoridades da região começou nos dias seguintes à megapercepção, quando foi criado o Fórum Permanente da Triplax Fronteiras. Entre suas reivindicações estão a de que a fiscalização sobre as mercadorias compradas por brasileiros no Paraguai seja feita somente pela Receita Federal com apoio da Polícia Federal — ou seja, que continue tolerante como sempre foi — e o limite da taxa de compras passe dos atuais US\$ 150

RECEITA
RETEVE 2.200
CONTÊINERES
EM SANTOS ATÉ
MAIO, COM
R\$ 500 MILHÕES
EM PRODUTOS

O movimento gerou protestos dos “dois lados da fronteira”, com autoridades alegando que aquilo possivelmente traria “consequências sociais” aumentando ainda mais o desemprego. Em outra matéria logo abaixo, o jornal comenta que “Tráfico volta ao normal após ação da Receita”. Nessa reportagem é explicado como acontece o contrabando dos mais diversos produtos pela Ponte da Amizade de “forma livre e ostensiva”. Conta que o serviço é feito por “laranjas” que cumprem a atividade de “atravessadores de mercadorias”: muitos jogam as mercadorias pela cerca da ponte, e embaixo, encontram-se outras pessoas que deslocam os produtos dali. Funcionários da aduana defendem que não há como fazer um controle maior devido ao fluxo muito

alto de contrabando no local. A reportagem também comenta do contrabando no “sentido contrário”, com alimentos e produtos de higiene levados de forma ilegal do Brasil ao Paraguai para abastecer os mercados do país. Observa ainda que em Ciudad del Este é possível encontrar “raridades”, assim entre aspas, e que aquela é a cidade mais rica do país, apesar das “construções decadentes e calçadas lotadas de camelôs e vendedores de bugigangas”.


No ano 2000 um novo produto começou a ser contrabandeado do Paraguai para o Brasil, a gasolina. Em uma pequena matéria do caderno de economia, o *Estadão* informava no dia 22 de agosto que a gasolina no país vizinho chegava a ser R\$ 0,69 mais barata do que no Brasil. Os “paseros” chegaram a lucrar cerca de R\$ 500 por mês com o contrabando. O produto inflamável era transportado sem segurança nenhuma pela ponte. A matéria conta que a Receita Federal se limitou a apenas avisar que é necessário fazer o transporte de forma segura e de no máximo 300 litros, mais que isso é considerado contrabando.

Em 2005 a *Zero Hora* publicou uma reportagem contando que o Brasil “aperta o cerco” em relação ao contrabando, confiscando mercadorias e ônibus. Afirma, na matéria publicada no dia três de abril, que o Paraguai sentiu o “golpe”, porque a economia do país depende do comércio ilegal. A operação Cataratas, feita pela Receita Feral em parceria com a Polícia Federal e Polícia Rodoviária Federal, tem como objetivo principal a fiscalização e apreensão do que chamam de “a logística dos contrabandistas”, tendo como alvo os ônibus que transportam as mercadorias. Para tornar a operação possível foi necessário fazer um estudo do Código Penal e de Trânsito Brasileiro. Os contrabandistas buscaram uma forma de superar aquilo, com um consórcio para ajudar os proprietários que tinham o veículo apreendido a comprarem outro ônibus, mas a Receita “guardava uma carta na manga” obrigando o cadastro de todos os transportadores. A reportagem ainda traz a fala de um sacoleiro que reclama da ação. Na lateral direita aparece uma série de informações em forma de resumos, falando do impacto da operação e como ela funciona.

Figura 19 - Parte da reportagem do dia 3 de abril de 2005 da Zero Hora

Como funciona a Operação Cataratas

Desde 3 de janeiro, uma centena de agentes da Receita Federal em parceria com as polícias Federal (PF) e Rodoviária Federal (PRF) fiscaliza os acessos a Foz do Iguaçu:



- Os ônibus são parados em **São Miguel de Iguaçu** (1), ao cruzar o posto de pedágio na BR-277 em direção ao Paraguai. Os motoristas, os passageiros, o ônibus e os compartimentos de bagagens são filmados e fotografados. O motorista tem de informar o horário previsto para a volta.
- Quando o ônibus retorna, é submetido a vistoria no posto da PRF em **Santa Terezinha de Itaipu** (2).
- Com tabelas de preços para calcular o volume de compras (o valor permitido por passageiro é de US\$ 300, cerca de R\$ 800), fiscais conferem por amostragem as mercadorias.
- Quando excede o permitido, **o ônibus com os passageiros é recolhido para a Delegacia da Receita Federal, em Foz do Iguaçu** (3), onde o veículo é lacrado. Passageiros são orientados a voltar entre cinco e 10 dias depois para conferir as mercadorias individualmente. Quem supera o valor da cota perde os produtos e é enquadrado em crime de contrabando pela
- A empresa dona do ônibus é multada entre R\$ 15 mil e R\$ 30 mil (em caso de reincidência). Veículos com problemas de documentação, como falta de lista de passageiros ou licença para viagem internacional, também são recolhidos e multados.
- Quem transporta produtos proibidos como armas, cigarros, pneus e medicamentos é preso em flagrante, e o ônibus fica apreendido, sendo liberado só com ordem judicial.
- Cerca de 330 empresas de ônibus só poderão retornar ao Paraguai se apresentarem à Receita Federal de Foz do Iguaçu documentos que atestem estar em dia com obrigações sociais como junto à Previdência Social e ao Ministério do Trabalho.

rohora.com.br

Em julho de 2006 a *Gazeta do Povo* publicou no dia 9 uma matéria que tratava indiretamente do Paraguai. A pauta da reportagem era sobre os efeitos do contrabando no comércio de Foz do Iguaçu e principalmente dos jovens da cidade, que encontravam nisso o “primeiro emprego”. O texto começa trazendo um dado de que quase metade dos jovens entre 15 e 22 anos abandonavam os estudos para trabalhar atravessando a Ponte de Amizade carregando produtos que traziam do Paraguai. Dois destes jovens contam que conseguiram melhores condições com a atividade, mas pensam em deixar de fazê-la e quem sabe até sair de Foz, isso por causa das constantes operações da Receita para controlar o contrabando. A reportagem ainda fala da dependência de Foz com o Paraguai, alegando que 67% da população depende direta ou indiretamente do mercado informal do país vizinho. Isso porque a cidade não oferece muitas oportunidades de emprego.

No ano seguinte o mesmo veículo fazia uma denúncia no dia 19 de março, afirmando que o “Contrabando na fronteira camufla o tráfico de pessoas”. O crime é comentado como terceiro mais lucrativo no mundo, ficando atrás apenas do tráfico de drogas e armas. Segundo a reportagem, os três “convivem harmonicamente na tríplice fronteira”, onde entram as mercadorias contrabandeadas do Paraguai para o Brasil. O controle é feito com força em cima do contrabando, servindo como uma “cortina

para o tráfico de pessoas e livre trânsito de menores”, envolvendo quase sempre a exploração sexual. Isso ocorre entre Argentina, Brasil e Paraguai, mas principalmente entre os dois últimos. Uma promotora do Ministério Público do Paraguai comenta ainda que quando flagradas, essas pessoas são tratadas apenas como imigrantes ilegais, sendo levadas de volta ao país de origem e assim acabam voltando ao crime. Explica-se ainda que esse é um crime transnacional, por ultrapassar fronteiras e o ideal seria “equiparar as leis”.

Em 2010 a *Gazeta* mostrava que não só a indústria brasileira sofria com o contrabando, mas no Paraguai o setor avícola reclamava que o contrabando de aves brasileiras causava um prejuízo de 30% ao setor. A matéria publicada no dia 10 de abril explica que o produto passa por meio de atravessadores entrando na aduana de Ciudad del Este e grande parte são aves já descartadas no Brasil. Por isso o maior problema nisso tudo seria que o produto não passa pelo controle sanitário, podendo colocar em risco a saúde do consumidor. O frango é vendido em pequenos comércios de várias cidades por um preço mais baixo do produto nacional. O texto ainda explica que os moradores do Paraguai podem comprar frango no Brasil para consumo próprio e finaliza observando que o contrabando de outros produtos alimentícios vinha preocupando as autoridades do Paraguai.

Figura 20 - Reportagem da Gazeta do Povo do dia 10 de abril de 2010

Paraguai reclama de contrabando de aves

Por Denise Pato 10/04/2010 21:04



Menino leva frango brasileiro para Ciudad del Este | Foto: Christian Ricci / Gazeta do Povo

No dia dois de junho de 2019 a *Zero Hora* afirma na versão online que discussão sobre contrabando volta a ser pauta após o Paraguai rejeitar maior tributação sobre o cigarro. A reportagem explica que a alíquota sobre o Produto no país é de 18%, enquanto no Brasil pode ser entre 70% e 90%, o que acaba contribuindo no contrabando deste. O valor mínimo pago em uma carteira de cigarros no Brasil é de R\$ 5, mas o contrabandeado do Paraguai custa R\$ 3, sendo opção de pessoas com a renda mais baixa. Um projeto de lei no Paraguai previa aumentar entre 30% a 40% o imposto sobre o produto, mas foi rejeitado no Senado, principalmente pela influência de um grupo de apoiadores do ex-presidente Horácio Cartes, que é dono de uma produtora de cigarros. No decorrer da matéria especialistas tentam encontrar possíveis soluções para esse problema, como a redistribuição da carga tributária. Informam ainda que com o governo Michel Temer o contrabando ganhou importância pela “preocupação com proteção na fronteira”, e do lado paraguaio com a eleição de “Marito” ficou mais fácil discutir o assunto também. Observam ainda que é necessário “articular ações conjuntas” entre os dois países.

Pouco mais de um mês depois a *Gazeta do Povo* publicou uma matéria falando sobre “Como o contrabando de cigarros tem causado um rombo nos cofres paranaenses”. Conta que o estado é “rota do contrabando” por fazer fronteira com o Paraguai, e é um dos estados que mais afetados economicamente com a venda de cigarros ilegais. Segundo uma pesquisa, 59% dos cigarros vendidos no Paraná têm origem ilícita. Sendo 54% no Brasil todo, dos quais 50% de marcas paraguaias. Isso acaba afetado o PIB e o dinheiro, que poderia ser usado em investimentos de segurança pública e saúde, acaba indo parar nas “mãos do crime organizado” e segundo especialistas, alimentando também a corrupção. Segundo a reportagem, para mudar esse cenário o ideal seria conseguir o apoio do Paraguai, que tem a menor tributação sobre o cigarro na América Latina, mas ainda existe “muita resistência por lá”.

No dia 12 de maio de 2020 a *Zero Hora* informa que um motorhome foi apreendido no município de Rio Grande. O veículo trazia uma carga de 42 mil maços de cigarro contrabandeados do Paraguai, no valor estimado de R\$ 200 mil. O produto que seria vendido foi encontrado em um fundo falso. Alguns meses depois, em 21 de julho, o jornal informou que o isolamento social devido à pandemia do coronavírus fortaleceu o contrabando nas fronteiras paraguaias. A matéria traz uma visão geral da situação do país perante a crise da Covid-19, começando com a informação de que o Congresso pedia que “as fronteiras operem comercialmente com normalidade”, pois se acreditava em um número de 20.000 comércios afetados em Ciudad del Este. Comerciantes, taxistas e vendedores ambulantes iniciaram manifestações pela reabertura do comércio. Ainda em meio a tudo isso, um confronto entre contrabandistas acabou matando um militar, que foi baleado na cabeça. A busca pelos criminosos no bairro Villa Kuwait resultou na prisão de 35 pessoas. De acordo com a polícia, naquela região fica um dos portos clandestinos onde são contrabandeados os mais diversos produtos. Além disso tudo, a matéria ainda lembra da grande quantidade de paraguaios que vivem fora do país e esperavam nas fronteiras para poder entrar de volta em sua pátria e foram “impedidos por protocolos de prevenção contra o coronavírus”.

O assunto do contrabando no Paraguai vem de anos. Primeiro eram os grãos de soja. Com o crescimento do centro comercial de Ciudad del Este, isso foi se expandindo aos mais variados produtos. Entre eles o cigarro, que tem levantado recentemente discussões sobre as questões da alíquota baixa sobre o produto no

Paraguai, o que de acordo com o que é divulgado na imprensa, acaba fomentando o crime organizado. Percebe-se, principalmente em *Zero Hora* e *Gazeta do Povo*, que em algumas das matérias, essa relação do Paraguai com o contrabando não é exatamente a pauta principal, mas uma consequência. Se fala do contrabando por algum motivo e conseqüentemente o Paraguai acaba sendo mencionado.

As operações da Receita Federal, Polícia Federal e Polícia Rodoviária Federal para inibir o contrabando recebem certa evidência, ganhando em grande parte das vezes reportagens especiais. Mas no geral as matérias sobre o tema não tendem a receber tanta notoriedade, ocupando pequenos espaços nas páginas ou textos mais curtos e não tão elaborados nas versões digitais. Assim como na questão dos brasiguaios, a *Gazeta do Povo* traz matérias bem regionais, mostrando por exemplo as conseqüências do contrabando na vida dos jovens de Foz do Iguaçu, e até mesmo do movimento reverso, pouco percebido na imprensa. Já no *Estadão* percebe-se que o assunto era mais recorrente entre os anos 90 e 2000, mas com o tempo foi diminuindo o número de pautas sobre o tema.

Também podem ser consideradas em sua totalidade como matérias negativas. O que se explica por se tratar de um crime. No geral, apesar de dar a entender em alguns momentos que o Paraguai é praticamente uma “terra sem leis” onde cometem-se ilegalidades e não há conseqüências, no geral pouco se percebe um linguajar que possa ser considerado pejorativo. Isso talvez possa ser percebido com certa sutileza em matérias mais antigas, como a de 1998 do *Estadão*, por exemplo, que diz surpreender Ciudad del Este ser a cidade mais rica do país ou mencionando que lá se encontram “raridades”, se referindo aos produtos falsificados vendidos no centro comercial.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de conclusão de curso aqui apresentado teve como tema “O Paraguai na Imprensa Brasileira: um estudo sobre imaginário e preconceito”. Teve como objetivo geral analisar como a imprensa brasileira aborda o Paraguai em seu noticiário, o que foi feito com a análise de quatro veículos, sobre cinco temas que envolvem o país. Já os objetivos específicos foram: a) investigar o noticiário sobre o Paraguai na imprensa ao longo do tempo b) analisar como a imprensa brasileira tem se comportado em relação ao Paraguai ao longo do tempo. Para tanto, o estudo dos veículos foi feito usando matérias de épocas diferentes, um deles inclusive o brasileiro *Paraguay Ilustrado*, que circulou durante a época da Guerra do Paraguai.

O problema que moveu e fez surgir esse trabalho está sobre a questão dos estereótipos e preconceitos, buscando saber se o jornalismo pode influenciar no imaginário social e se isso acontece em relação ao Paraguai dentro da imprensa brasileira. Para conseguir chegar a essa resposta, foi necessário primeiro entender o que é o Paraguai, estudando a sua história, desde a conquista da independência à coroa espanhola até o final século XX; os primeiros governos, que fizeram o país crescer e se destacar no continente; a Guerra do Paraguai, maior conflito armado da América Latina, que dizimou o país, trazendo por fim os principais momentos que sucederam após o Paraguai perder a guerra contra a tríplice aliança composta por Brasil, Argentina e Uruguai. Para o capítulo mais histórico foi utilizado principalmente o historiador paraguaio Hipólito Sánchez Quell.

A partir dessa base teórica sobre a história paraguaia, foi possível entender um pouco da visão que se tem do país e como ela se formou e avançar sobre a trajetória da imprensa, tanto a brasileira como a paraguaia. Para a história da imprensa brasileira, o principal autor estudado foi Nelson Werneck Sodré, já na paraguaia foi Beatriz González Bosio.

A sustentação teve sequência no que se buscou explicar o que é o imaginário social e como estereótipos e preconceitos podem ser formados a partir dele e a influência da mídia sobre isso tudo. Alguns dos principais teóricos trazidos aqui são Juremir Machado da Silva e Michel Maffesoli.

Na evolução natural da pesquisa, partimos para a metodologia que permitiu a interpretação sobre o recorte que constituiu o objeto. A Análise de Conteúdo, teorizada principalmente por Laurence Bardin, permite encontrar o que está por trás do texto, passando por três passos: organização, codificação e categorização. Primeiro fazendo uma seleção das matérias a serem analisadas, passando pela leitura atenta destas e por fim chegando à análise de cada texto. Além disso, foi também usada uma

das variantes da Análise da Avaliação, que em um esquema de classificação bipolar busca entender de forma simples se o texto estudado é positivo ou negativo.

O primeiro passo para análise foi escolher os temas a serem estudados. Estes foram: a Guerra do Paraguai, o Tratado de Itaipu, Mercosul, Brasiguaios e Contrabando. Logo foi feita a escolha dos veículos: o brasileiro *Paraguay Ilustrado* (abordando apenas a guerra), *O Estado de São Paulo*, *Zero Hora* e *Gazeta do Povo*. O trabalho teve sequência com as leituras, anotações e marcações, buscando entender o Paraguai na imprensa brasileira, por meio do noticiário sobre cada assunto escolhido, em ordem cronológica e com os conteúdos abordados pelos veículos, mas de uma forma que conversassem entre si e tivessem uma continuidade.

O primeiro assunto tratado foi, então, A Guerra do Paraguay, único em que foi utilizado apenas um veículo para ser analisado, sendo esse o *Paraguay Ilustrado* – já que os demais não existiam à época do conflito. Como já dito anteriormente, esse foi um jornal nacionalista e com a única intenção de justamente atacar o país adversário. Como o nome já diz, ele era muito mais voltado para ilustrações do que para o texto em si, característica comum da imprensa da época. Além disto o *Paraguay Ilustrado* se descrevia como um “Semanao pamphicoromologico, asneirotico, burlesco e galhofeiro”, ou seja, voltando-se para o humor através de charges, principalmente do presidente Solano López. Devido ao método de defesa nacional, contou com grande apoio do Império Nacional. A direção era de J. Riscado e um de seus caricaturistas foi Rafael Mendes de Carvalho.

Para os outros temas abordados foram selecionados entre quatro e cinco textos de cada veículo desde a década de 1970 até o ano de 2020. Dessa análise cronológica foi possível perceber que a forma de retratar o país vizinho mudou ao longo do tempo, mas o padrão não é algo consistente, e isso é de anos. Em alguns momentos as matérias carregam mais um aspecto negativo e em outros já se mostram mais positivas. Isso varia muito também entre cada um dos assuntos. Por exemplo, quando se trata dos brasiguaios, o índice de matérias positivas é maior do que nos outros temas. Movimento contrário é visto em relação ao contrabando, que por se tratar de um crime, já carrega o aspecto negativo, e isso acaba sendo refletido nas reportagens.

Onde mais se vê o tratamento ao Paraguai de uma forma pejorativa é justamente quando analisamos a Guerra do Paraguai com o jornal brasileiro *Paraguay Ilustrado*. O que explica isso é o simples fato de que na época o Brasil e o Paraguai estavam em guerra e o jornal nascia justamente para atacar o Paraguai, por meio de charges, principalmente. As mudanças que ocorrem nas matérias sobre outros assuntos podem ser explicadas também pela evolução do jornalismo, pois o praticado em 1865 certamente não era o mesmo do século XX e do XXI, em que já se seguiam

regras e se levava em conta a objetividade, fator importante a ser notado até mesmo nas reportagens mais atuais, comparadas com os longos textos dos anos 1970 e 1980.

Essas mudanças que aconteceram mostram-se no capítulo 3.1, sobre a história do jornalismo de forma prática. Sodré (1996) mostra a evolução do jornalismo que primeiro destacava o que acontecia em Portugal, passou pelo período em que o jornalismo se confundia com o poder, com o forte envolvimento de políticos na imprensa. Teve também o período mais literário das notícias. A chegada das ilustrações, tornando possível que os leitores pudessem de alguma forma visualizar os personagens dos textos. Depois as pautas de política passam a receber muita relevância na imprensa e por fim na chegada do século XX trouxe um jornalismo mais industrial, com os jornais vistos realmente como empresas. Desde então a forma de fazer jornalismo passou por evoluções, mudando suas características e estilos de se escrever um bom texto jornalístico.

Com as reportagens dos outros veículos se percebe já uma linguagem mais neutra. As menções pejorativas aparecem de forma muito mais sutil, e que em muitas das vezes possivelmente nem o próprio repórter tenha se dado conta. Um dos exemplos mais claros disso é quando se trata do Paraguai dentro do Mercosul como o “sócio menor”. Nesse sentido, cabe destacar, por exemplo, o trecho da *Gazeta do Povo* de 2019, analisada no tema brasiguaios, tratando do crescimento que o Paraguai teve nos últimos anos. A reportagem aponta que agora o país é o “primo rico” do bloco e que deixou de ser o país da “la garantía soy yo” e logo em seguida explica que essa é uma “expressão depreciativa usada por brasileiros que pouco ou nada conhecem além de Ciudad del Este”. Notando com isso que aos poucos se começa a perceber o que o peso das palavras usadas num texto.

Como dito por Brito e Bona (2014), quando alguém profere um discurso, ele sempre tem interesses com isso. Seja no formato que for, e isso fica muito claro no *Paraguay Ilustrado*, e mais escondido nos outros veículos. Porém em relação às matérias mais antigas do *Estadão*, do período em que o país vivia a ditadura militar, o que se pode de certa forma perceber é essa questão da censura, que como explicado no referencial teórico por Martins e de Luca, acabava limitando os jornalistas, que eram proibidos de tratar sobre determinados assuntos. Isso poderia explicar o tom de positivismo das matérias sobre a Itaipu, por exemplo, onde tudo é retratado de maneira benéfica a todos, como se não existisse corrupção na Itaipu, por exemplo. Ou então, pintando o Brasil como o ‘mocinho’ que devolveu o “Livro de Ouro da Mulher Guarani”, dado quase como um presente. Assim como também a primeira reportagem sobre contrabando analisada, onde muitas das fontes não são identificadas. Porém,

nesse último caso, isso pode ter ocorrido também por segurança dos repórteres e das fontes em relação aos criminosos.

Mas como observado antes, existe, sim, uma mudança que pode ser considerada como positiva na forma de informar sobre o Paraguai. Onde mais se percebe isso é nas matérias relacionadas aos brasiguaios, mostrando um Paraguai para além das fronteiras. Claro que nem todas as reportagens são assim, pois as questões com os camponeses são uma constante no país e conseqüentemente na imprensa. Mas se mostra muito também o Paraguai produtor e que foi um dos que mais cresceu economicamente nos últimos anos, com a ajuda de brasiguaios. A questão que entra aqui é, até que ponto esse teor positivo dessas matérias é para mostrar o Paraguai ou para mostrar os brasileiros que vivem lá e fazem o país crescer? Porque quando se analisa, se percebe que pouco se fala da cultura paraguaia, mas sim de como se mantêm os costumes do sul do Brasil.

Observando, então, o Paraguai na imprensa brasileira como objeto desta pesquisa, com o exame dos quatro veículos por meio da combinação entre método e base teórica, pôde-se analisar a forma que a imprensa nacional aborda o país vizinho no noticiário. Percebendo-se que ao falar do Paraguai, em pautas de teor mais diplomáticos o país não ganha tanto destaque como outras nações, sendo visto inclusive como um Estado com menos potencial. Porém, tratando de pautas com um aspecto mais cultural – brasiguaios – as pautas ganham mais espaço. Observando pelos objetivos específicos do trabalho, que dizem respeito a possíveis mudanças na forma de informar sobre o Paraguai ao longo de tempo, é notável que elas existem. Para entendê-las é necessário observar o contexto histórico-cultural de cada época, como o período em que ambos os países viviam em meio a ditaduras militares, refletindo na imprensa e na forma de produzir as reportagens. Já na forma de referir-se ao Paraguai, antes se usavam mais termos pejorativos, amenizados com o tempo, mas ainda assim constantemente presente.

A história da imprensa e da sociedade andam de mãos dadas e isso é o que se pôde perceber ao recorrer as páginas das reportagens analisadas, pois a imprensa nada mais é do que um reflexo daquilo que acontece a nossa volta. Como esse trabalho trata de um estudo sobre imaginário, cabe destacar que este é carregado de emoções, afetos e tudo que diz respeito aos sentimentos. Isso tudo influencia o nosso comportamento, as nossas comunicações e a forma como vemos o outro. Com ele conseguimos entender a nós mesmos e a sociedade em que vivemos. Tudo o que acontece em nosso entorno alimenta o nosso imaginário social. Tendo tudo isso em conta, busca-se responder ao problema que deu origem a esse trabalho: saber se o jornalismo pode influenciar o imaginário social. A resposta é sim, pois quando lemos uma notícia, vemos uma foto, seja sobre o assunto que for, é informação que

recebemos e, conseqüentemente, alimentamos o imaginário. E a criação ou reafirmação de estereótipos nisso tudo acaba sendo uma conseqüência, sejam esses positivos ou negativos.

Com todo o trabalho concluído, surgem novas ideias de temas que podem ser analisados futuramente: a) O Brasil na imprensa paraguaia; b) Análise de outros países na imprensa brasileira, como a Argentina; c) A imprensa combatente do Paraguai; d) O Paraguai na televisão brasileira.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 1977
- BERTIN, Georges. **Gilbert Durand ou o Novo Espírito Antropológico**. In TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa (Org.). Comunicação e Imaginário. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. E-book
- BOSIO, Beatriz González de. **Periodismo Escrito Paraguayo**. 1845-2001: De la afición a la profesión. 2. ed. Asunción: Intercontinental Editora, 2008
- BRITO, Danilo Lopes; BONA, Fabiano Dalla. **Sobre a Noções de Estereótipos e as Imagens do Brasil no Exterior**. 2014. Graphos Revista da Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/23725> Acesso em: 16 nov. 2020
- COELHO, Débora Ferreira; STODUTO, Renata Domingues; BUENO, Yara Marina Baungarten. **Morte ou Renascimento da Imagem: Reflexões sobre um imaginário “imagético” pós-moderno**. In TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa (Org.). Comunicação e Imaginário. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. E-book–
- COSTA, Andriolli de Brites da. **Imprensa e Imaginário: Cobertura de mito e lenda no jornalismo paraguaio**. 2012. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/4332> Acesso em: 21 set. 2020
- FILHO, Ciro Marcondes. **Política e Imaginário: nos meios de comunicação para massas no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985
- JOHANSSON, María Lucrecia. **La Gran Máquina de Publicidad**. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2017
- KURTZ, Gabriela Birnfeld; Weber, Karina Pereira. **Alimentação Simbólica na Cibercultura: Uma análise das imagens do instagram com a hashtag #instafood**. In TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa (Org.). Comunicação e Imaginário. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. E-book
- MAFFESOLI, Michel. **Compreender o Real a Partir do Irreal**. In TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa (Org.). Comunicação e Imaginário. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. E-book
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2013. E-book
- QUELL, Hipólito Sánchez. **La Diplomacia Paraguaya de Mayo a Cerro-Corá**. Asunción: Intercontinental Editora, 2008
- RODRIGUES, Flavio Lins; SANTOS, Maria Helena Carmo dos. **Estereótipos e Clichês: Uma abordagem teórica**. 2018. Eikon Journal on Semiotics and Coulture,

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade Integradas Helio Alonso, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/eikon/article/view/423/362> Acesso em: 26 out. 2020

SILVA, Juremir Machado da. **Em torno de uma Noção de Imaginário**. In TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa (Org.). Comunicação e Imaginário. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. E-book

SILVA, Juremir Machado da. **Raízes do Conservadorismo Brasileiro: A abolição na imprensa e no imaginário social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017

SILVA, Juremir Machado da. **Um Olhar da Comunicação Sobre Imaginário e a Pós-Modernidade**: entrevista com Juremir Machado. [Entrevista cedida a] Lucas Santiago Arraes Rieno, Thaísa Cristina Bueno, Marco Antônio Gehlen e Ed Wilson Ferreira Araujo. Intexto: Revista do PPGCom da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, jan/abr 2018. Disponível em: <https://booksc.xyz/book/74072551/82137a> Acessado em: 25 set. 2020

SILVEIRA, Mauro César. **A Batalha de Papel: A Guerra do Paraguai através da caricatura**. Porto Alegre: L&PM, 1996

SILVEIRA, Mauro César. **Adesão Fatal: A participação portuguesa na Guerra do Paraguai**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4. ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999

TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa. **O Trajeto Antropológico do Imaginário na Comunicação**. In TONIN, Juliana; AZUBEL, Larissa (Org.). Comunicação e Imaginário. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. E-book

TORAL, André Amaral de. **Imagens em Desordem: A iconografia da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001